

Biblioteca - Aneta
Classif: 0R.050
Tamanho: 10x14

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

RUY BARBOSA	Conferencia de Juiz de Fóra	1
GODOFREDO RANGEL	O Oraculo	19
LÉO VAZ	A Liga das Nações	24
FRANCISCO BERTINO) PEDRO SATURNINO)	Versos	30
J. A. NÓGUEIRA	Paiz de Ouro e Esmeralda(VII)	35
HELIO LOBO	A America e a Guerra (V)	41
ALBERTO RANGEL	Carrilhão de Symbolos	48
THEODORO MAGALHÃES	A Trama do Valido	53
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco Annos no Norte do Bra- sil (V)	65
MARTIM FRANCISCO	Viajando (X)	70
REDACÇÃO	{Bibliographia	80
	{Resenha do Mez	83

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 41 - ANNO IV — VOL. XI — MAIO, 1919



Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



20300



RESENHA DO MEZ: Jejum (*Isaac L. Peretz*) — Os Livros em França (*Victor Margueritte*) — Os Escriutores e o abuso dos narcoticos — Insectos Comestiveis — Livros Didacticos (*João Ribeiro*) — Uma Nova Estrella — CARICATURAS DO MEZ

AS ASSIGNATURAS COMEÇAM EM QUALQUER
TEMPO E TERMINAM EM JUNHO OU DEZEMBRO

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.
Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: **José Maria Bello.**
Minas Geraes: **J. Antonio Nogueira,** Bello Horizonte.
Pernambuco: **Mario Setto,** Recife.
Bahia: **J. de Aguiar Costa Pinto,** S. Salvador.
Ceará: **Antonio Salles,** Fortaleza.
R. Grande do Sul: **João Pinto da Silva,** P. Alegre.
Paraná: **Seraphim França,** Corityba.
Amazonas: **João Baptista de Faria e Souza,** Manãos
Rio Grande do Norte: **Henrique Castriciano,** Natal.

ASSIGNATURAS

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Numero avulso.	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400
por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central
Toda a correspondencia deve ser dirigida no secretario.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REPERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745-central — S. PAULO

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK,,"

Mechanica-Pintura - Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

:: Casa Franceza ::

de

L. GRUMBACH & C.^{IA}

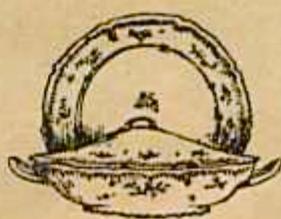
Rua São Bento, 89 e 91

SÃO PAULO

O MELHOR SORTIMENTO EM APPARELHOS PARA
:: JANTAR DE PORCELLANA DE LIMOGES ::

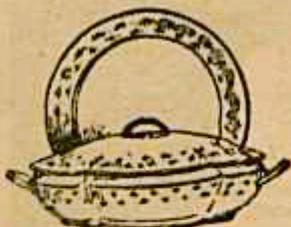


Serviço 60 peças Havi-
land "Julietta" . . 450\$

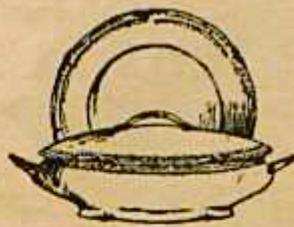


Serviço 60 peças Havi-
land "Romeo" . . 550\$

PORCELLANAS FRANCEZAS SÃO AS MAIS FINAS



Serviço 100 peças Havi-
land "Plissé Or" 1:800\$.



Serviço 98 peças Limo-
ges "Aida Or" . 1:800\$.

A MAIOR CASA EXISTENTE NESTE GENERO
NO BRAZIL



RUY BARBOSA

*Conferencia realizada em Juiz de Fora, a 2 de
Março de 1919.*

Minas Victoriosa

Senhores:

Bem haja, amigos meus, bem haja Minas! Bem haja a grande Minas! Não a está lisonjeando, apenas a indica, apenas a nomeia quem a busca designar pelo distintivo sobre todos nobre da sua entidade. Não se fala na grandeza das suas pradarias, na grandeza das suas selvas, na grandeza dos seus vales e serranias, na grandeza dos seus rios, na grandeza das entranhas do seu sólo, na grandeza das suas raças, — na dessas fronteiras, sim, talladas para abraçar, ellas sós, toda uma nacionalidade; na dos seios desta portentoso torrão, onde aguarda o futuro todo um mundo inteiro de opulencia; na destes rios, onde se sentem pulsar as arterias de uma fecundidade representada e transbordante, na dessas valladas, em que se rasgam; e na dessas cordilheiras, em que se alcantilam os vultos e mysterios de um destino reunido no amphitheatro dos tempos, á espera da sua hora; na dessas mattas, onde se recolhe a consciencia de uma vida instinctivamente certa da sua vocação; na dessas pradosas extensões virilentes, onde se guardam os reservatorios de uma industria capaz de nutrir um quarto do globo.

A grandeza de Minas

Não; não se fala em nenhuma dessas grandezas accumuladas no deslumbramento de um thesouro de gigantes, senão noutra maior, que todas ellas, juntas, molduram num quadro de assombrosa grandeza das grandezas, a grandeza moral, a grandeza da virtude mineira, a grandeza da independencia mineira a grandeza do character mineiro.

Bem sabeis a que Minas alludo. A politica, entre nós, dividiu a nação em duas nações: a nação real, onde se preservam as qualidades sãs, com os

elementos de regeneração da raça, e a nação adventícia, a nação collectiva, a suppositicia nação, sobrecrescida á verdadeira, á qual se abraça, da qual se sustenta, e que acabaria por substituir, absorvendo-a toda, como o mata-pão ás arvores, a que se agarra e superfeta. Eu não tenho nada com a superfetição politica de Minas. O que me occupa é a verdadeira Minas; é a Minas-povo, é a Minas mineira.

Dessas associações doentias entre o parasita e o organismo, de que elle se apodera, á custa do qual vai medrando, e que, não raro, logra, afinal, substituir, resultam, muita vez, confusões, misturas e equívocos deploraveis. Minas tem, á conta destes enganos, carregado, ha muito, com alheias culpas. Ora é a insinceridade. Ora, a frieza. Ora, a tergiversação. Ora, o medo. Ora, a indiferença e o egoísmo. Tudo, porém,, características essenciaes do neoplasma politico, do tecido canceroso, que se vai sobrepondo ao tecido normal, e o vai carcomendo. Nada mais alheio á natureza mineira, nada mais inconcordavel com ella, nada mais antagonico ao seu verdadeiro ser.

Estude as Minas, seriamente, na sua historia, nos seus homens de pról, nas suas acções de nota, nos seus fastos realmente populares; e não encontrareis, no Brasil, nenhum ramo da familia nacional, onde mais abunde a generosidade, a abnegação, o calor, a firmeza, a coragem, a honestidade. Destas prendas, nenhuma se tem gastado com a erosão dos annos. Nada se perdeu aqui, nada mudou, até hoje, desde a gente que recebeu a dobras de finados, nos começos da monarchia, o primeiro imperador, e lhe derrotos cara a cara o ministro, até a população que acolheu a pedradas o derradeiro dictador republicano. Os sinos dos campanarios, em que a colera de outros tempos bradára, no toque a defuntos, o anathema ao despota ungido com o sacramento da realza, não quizeram servir na repulsa do aventureiro empennachado. Foram os pedregulhos das ruas os que, levantando-se como de si mesmos, apedram o indiscreto, cuja passagem nem as calçadas toleravam.

A victoria Mineira em 1910

Mas a grande lapidação foi a dos votos electoraes, que o enxotaram das urnas, onde não se insinuou senão a furto pela ratonice official. Nada se poupou nessa reacção sorradeira de actas falsas e votações invertidas. Mas, não obstante isso tudo, lutando contra o governo da União, lutando contra o governo estadual, lutando contra os governos municipaes, lutando contra a administração da Central, lutando contra o desbarato das suas proprias reservas financeiras, que de pancada se lançaram todas na balança pelo candidato da força, Minas, a livre! Minas, a incorruptivel! Minas, a sagrada! Minas venceu, como vence a torrente desapoderada na carreira.

Na historia politica do Brasil não ha pagina maior; pois não se nos depára nenhuma, onde todos os recursos do poder e dinheiro se amontoassem numa accumulção tamanha contra um movimento eleitoral, e onde todos se baldassem, mercê da resolução, assente no povo, de não consentir que o destroçassem. Tão alto exemplo de energia civica não tem simile em toda a nossa historia constitucional.

A sociedade levantada em massa

O que, porém, ainda lhe avulta mais a singular grandiosidade, é a confiança decidida e harmoniosa, com que, para aquelle triumpho, concorreram todos os elementos da sociedade. Não era só a extraordinaria actividade, que abalava o eleitorado. Nem era só a generalidade, com que o sexo politico, votante, ou não, entrava á lide. Era a participação das classes menos politicas na luta. Era o interesse, com que as familias, os lares, os sentimentos intimos nella compartiam. Era o fervor, com que nella collaborava o outro sexo, as creanças mesmas, os invalidos do trabalho, os redivivos da função eleitoral abandonada, todos os sentimentos do coração, o amor domestico, as crenças religiosas, uma exagitação geral das forças moraes, o levante, por assim dizer, o levante em massa da sociedade.

Quando o trem, onde viajámos, atravessava os despovoados, esses ermos e mattos se animavam de repente, do meio do arvoredo rasgavam o ar, crepitando, foguetes luminosos, dos casaes perdidos trapejavam, acenando-nos, toalhas abandeiradas. Moças e meninas, nas estações, desengatavam comboios, e se oppunham á sua marcha. A grande manifestação de senhoras, com que tive a honra de ser recebido, ao chegar, no Grande Hotel de Bello Horizonte, começou ás 3 horas da tarde, e ás 7 ainda não acabara. Retraidas e timidas, como costumam ser, as filhas de Minas estavam como transfiguradas; dir-se-ia não se reconhecerem a si mesmas; e não se acahavam do abraçar, com effusão, como irmãs, filhas, ou mães, o candidato civilista, «Quer ver o fervor das mineiras na sua recepção?», dizia-me um dos politicos mais graduados naquelle Estado, quando iamos ter áquella capital. «Minha mulher tem a vida mais retraida e sedentaria. Passa ás vezes, tempos e tempos, sem ir visitar a mãe, que mora, como nós, em Bello Horizonte. Pois bem: hoje, fechou a casa, mandou os filhos para a dos paes, e aqui está, com o senhor, neste trem.»

Eis, senhores, o que imprimia áquelle movimento indole e expressão de toda em todo novas e, até hoje sem termo de comparação, entre nós, a não ser com o que se viu em São Paulo, onde aliás a lide era incomparavelmente menos desigual, menos ardua, porque, ali, governo e povo estavam de mãos dadas: só as autoridades centraes, com a sua politica, nos embargavam o caminho.

Não era um abalo ao lume d'agua, uma agitação á tona dos acontecimentos, era uma revolução interna nas attitudes e sentimentos da população em todos os seus elementos; era uma profunda mutação nas disposições geraes da sociedade. A sociedade entrava em cheio na politica, assumia-lhe a direcção e lhe ditava o rumo.

Vencedores e despojados

Eis aqui está, senhores, por que esse impulso não expiroz com os successos, que desarmaram o civilismo, roubando-lhe a victoria alcançada. O civilismo acabou victima do predomínio natural dos politicos na sua orientação.



Os vaqueanos da politica brasileira já se aturdiram do arrojo de terem levado a luta, contra tão altas potestades, até o triumpho eleitoral. Sustentar a victoria eleitoral contra o Congresso; resistir, no seio deste, contra o candidato militar, á depuração tramada sob o espantallo dos batalhões, era mais do que se poderia sonhar entre homens avesados a não resistir senão apparentemente aos factos consumados. Assim foi pois, que não obtivemos ganho de causa no escrutínio, senão para entregar, na verificação de poderes, a causa ganha; e, dest'arte, se realizou o horóscopo de ser eu abandonado a meio caminho, com que me haviam tentado esmorecer no começo da campanha. Vencedores, capitulámos á discrição dos vencidos.

De 1910 a 1919

Mas, como, aqui em Minas, não era a politica que nos levava a bom exito a campanha, e, nesta região brasileira, não se deveram ás forças partidarias, mas ás forças sociaes, ás forças moraes, ás forças humanas as vantagens alcançadas, nada, nada bastou, nessa decepção tremenda, com toda a sua influencia enervante, para conciliar os animos com a extorsão, e matar nos espiritos o culto da liberdade espoliada. A sua santidade illibada recolheu-se aos corações doloridos como a um sauario, e, embalsamada, ali, na magua, na indignação, na esperança, atravessou illesa, ardente, confiada estes nove annos, para chegar ao momento opportuno de agora com dobrado poder, com recursos de vitalidade cada vez maiores.

Destes exemplos, havel-os-á, talvez, alhures, e bem pôde ser que não escassamente. Mas, entre gentes de impressões fugazes como as nossas, num paiz de inconsistencia, futilidade e esquecimento como o Brasil, tamanha persistencia, tamanha fidelidade, apêgo tamanho a uma causa esmagada, a um ideal vacillante, a um nome proscrito, é uma das maiores lições, a que, em toda a minha vida, tenho assistido, e a maior que, neste momento, poderia receber o povo brasileiro.

Direi, senhores, por que motivo.

Uma campanha de nove dias

Quando, por fevereiro de 1910 (devia ser aos 22 ou 23 desse mez), regressavamos de Bello Horizonte ao Rio de Janeiro, bem me lembra ainda que, palestrando, no carro, com o Dr. Duarte de Abreu, ouvi da sua discreta bocca estas palavras: «E dizer, conselheiro, que o senhor veio a Minas contra a vontade geral dos seus amigos, pois todos acreditavamos correr, até, perigo a sua vida, ao passo que agora, nove ou dez dias depois voltamos seguros da victoria, não duvidando já senão de por quanto, havemos de vencer!»

Realmente, ainda tenho no meu archivo cartas das pessoas mais abalizadas e, a todos os titulos, menos suspeitas, uma das quaes era um dos senadores mineiros, cartas, digo, onde se me representava como temeridade, que orçaria por loucura, o alvitre de trazer a minha excursão eleitoral a



terras de Minas, suppondo-se, entre elles, que a minha propria vida se exportaria, em tal caso, a graves contingencias, e que os interesses da candidatura nada adeantariam.

Não dei ouvidos ás suggestões do terror. Sempre me pareceu melhor: conquanto, desgraçadamente, menos facil, morrer victima de uma boa causa que de uma doença vulgar e aborrecida. Depois o coração presago, que, segundo Camões, nunca mente, não me presentia tempos ruins por estes lados. Espanquei avejões e abantêsmas. Minas, que eu já conhecera, em moço, duas vezes, parecia estender-me de longe os braços galalhados. Achei-vos o regaço cheio de palmas e benções. Volvi coroado pelas vossas mãos. Torno hoje, e encontro de novo benções ás mancheias, palmas a braçadas.

O Brasil dos pessimistas

Que é, então, desse povo surdo e cego, tardinheiro no dever e lerdo ao brio, triste e molangueirão, desprezado para o bem e zorro no mal, como nos pintam ao nosso, e elle se pinta a si mesmo?

Que é desse povo brasileiro sem impeto na luta, sem bravura nos perigos, sem iniciativa nas difficuldades, sem acção nos trabalhos, esse povo que não se destaca nos appetites, que se não sobrepõe aos instinctos, que não se eleva ás idéas, que do passado não se recorda, que com o presente não aprende, que do porvir não tem vista, que não dá tino de si mesmo?

Que é desse povo malensinado nas suas obrigações, malentendido nos seus interesses, malcorrente nos seus negocios, malgovernado nos seus actos? Que é desse povo rasteiro, decadente, irregatavel do seu fadario? Que é desse povo, com quem não vale a pena de falar, a quem de nada serve prégar, de quem não se póde esperar coisa nenhuma? Que é desse povo rolha ou buxa, desse povo trambolho, desse povo toma-espaco, qual se julga, de ordinario, o povo brasileiro, encartado, por arcanos da Providencia, como tapulho num pedaço da crosta do planeta? Que é desse povo? Será isso, realmente, o povo brasileiro?

Povo a que ninguem fala

Mas o que eu vejo, pelo contrario, é que toda vez que lhe falam, elle responde. Quaes são os grandes povos, os povos de actividade, os povos de vigor, os povos de soberania? São os povos, a quem Deus deu quem lhes fale. Um povo, que não tem quem lhe fale, perde o habito de ouvir; com o descostume de ouvir, acaba perdendo o ouvido; e, porque já não ouve, se desaveza de falar, para ao cabo, perder, tambem, a fala. No fim de contas se reduz a uma pesada massa inconscia e surda-muda; porque, a força de não escutar nada, se lhe gastou a oitiva e a linguagem, mergulhando-se-lhe a vida na surdez e na aphasia.

Ora, trinta annos ha que o povo brasileiro se acha condemnado a este regimen. Na monarchia havia vozes. A audição popular exercitava-se, o

pela audição, se exercitava a consciencia do povo. Por isso, com a monarchia, se fez o pite de abril, se logrou o vinte e oito de setembro, se conseguiu o treze de maio, se chegou ao quinze de novembro. Resgatou-se a nação do colonialismo. Remiu-se da escravidão o trabalho. Emancipou-se da centralização a vida local.

A tribuna do silencio

Mas a nossa revolução estabeleceu o silencio. A Republica aferrolhou, trancou, e chapeou a porta, por onde entrara, não sei se para que por ella tambem não a puzessem, algum dia, no olho da rua. As formas do novo regimen mataram a palavra. Deixaram o mecanismo das instituições legislativas.

Mas, acasteliando o governo em um systema cabal de irresponsabilidade, emancipando-o totalmente dos freios parlamentares, reduziram a tribuna a um simulacro de locutorio, insulado no vazio.

A nação não ouve o que dali se diz; porque o que ali se diz, não tem a autoridade alguma, nenhum prestigio, nenhum echo, nenhuma repercussão pode ter. Com o governo parlamentar as camaras legislativas constituem uma escola. Com o presidencialismo, uma praça de negocios. O segredo, que agora já se quer banir até da diplomacia, é a essencia do governo interno sob as nossas instituições.

Os debates, na representação nacional, não servem para deixar ver a verdade sobre o governo da nação. Para o que servem é para a encobrir. Seu papel dissimulativo os rebaixa. Sua baixeza os entrega á mediocridade. Sua mediocridade os inutiliza. Sua inutilidade os separa do povo, que os aborrece, os evita, os ignora, e se habitua a não os escutar. Dest'arte abandonada pelo merecimento que ali nada tem que fazer, e esquivada pelo povo, que dali nada tem que ouvir, a tribuna parlamentar sobresta ainda a palavra que outr'ora a animava mas reduzida a um anachronismo.

A imprensa

Ficava a imprensa, que não a substituindo, lhe podia, contudo, attenuar a perda. Mas contra a imprensa voltou a Republica os seus processos insidiosos. Não lhe move perseguições, que correriam o risco de lhe sahir ás avessas: mette-lhe nas veias o veneno da corrupção, que com o aperfeiçoamento dos virus filtraveis, applicando ás relações moraes da administração com os administrados, se evadem aos microscopios e ultra-microscopios da nossa gloriosa vigilancia repressiva.

O povo conhece, e aponta a dedo esse jornalismo de aluguer, sabendo os milhares de contos, que elle custa á União e aos Estados. Mas os mercadores da imprensa, que o publico refuga, se desaggravam da repugnancia da clientella que os despreza, resarcindo-se do que perdem no mercado, com se embolsarem á larga, em dobro, tresdobro ou quatedobro, nas facadas contra a roubadissima algibeira da nação.

Será deste modo que a ella se ha de falar? Com jornalistas inscriptos, no rol dessa ignobil alquilaria? Com deputados ou senadores, em cuja bocca a tribuna é o mais vão dos tropos ou a mais grotesca das caçoadas? O povo não tem orelhas para qualquer dessas duas musicas, e, se paga, máo grado seu, a segunda, negando os seus nickeis á primeira, nem a uma nem á outra atura.

Quem fala á nação?

Quem é mais que lhe fala? Quem é mais que fala á nação? Ninguém. Já vos constou que algum candidato a um governo de Estado, ou ao governo do paiz, descesse a vir conversar, com os seus eleitores, das materias que lhes interessam, das suas idéas e tenções, dos seus direitos e compromissos, das suas responsabilidades e garantias?

Nenhum dos oito presidentes de Republica e outros tantos seus vice-presidentes deu jamais essa honra á soberania nacional. Nos Estados Unidos não ha um só, nem se concebe possa haver, que não corra e recorra, não cruze e recruze o territorio da União em todos os sentidos, dando conta á opinião publica dos seus actos, convicções e projectos. Aqui, tão sómente por honra da firma, quando a camarilha da época atira o lenço á odalisca, com quem os senhores do regimen se vão contubernar por quatro annos, a entidade mimoseada com o signal de haver cahido em graça estira, num banquete de amigos debaixo do nome de plataforma, uma sécca protocollar de légua e tanto, que não obriga ninguem a coisa alguma, e que, dos proprios commensaes, distrahidos com o champagne, muitos não ouvem senão nos trechos menos massudos.

Suppõe-se que a opinião nacional ouviu aquillo; que, talvez, o leu, ou, pelo menos, de quem o lesse, alguma tintura colheria do assumpto. Mas a verdade é que tanto se importa a opinião nacional com o autor da parlada, quanto este com a opinião nacional, contentes ambos da certeza de fazerem um do outro o mesmp caso. E eis como, no Brasil, os presidentes, eleitos, ou candidatados, ouvem a opinião publica, e a opinião publica aos presidentes, candidatos ou eleitos.

Excepção unica

Só a mim, senhores, me tem cabido, só a mim, para quem, por consenso unanime, existe sempre um regimen ho regimen e, a todas as regras se abre uma excepção onerosa, — a mim só, torno a dizer, é que me cabe, pela segunda vez, a situação de assentar a minha candidatura numa campanha eleitoral, com a circumstancia curiosa, ainda em cima, de que em nenhuma dellas se mostra o meu competidor, limitando-se os seus amigos a me soltarem as matilhas venaes aos calcanhares.

Nem ao menos se trata, quer num, quer no outro caso, de candidaturas livremente assumidas por mim. Tanto no primeiro, como no segundo, se eu gozasse de liberdade, seria para não aceitar o encargo, imposto como cruz,

em ambos, aos meus hombros, sem arbitrio de o rejeitar, e, assim em um, como em outro (tal qual se fôra de uma pretensão minha que se tratasse), tenho eu de emprehender, gravosamente, a defesa de uma candidatura, cuja renuncia abraçaria com alvoroço, se a honra, junta ao patriotismo e ao reconhecimento, m'o não cedessem.

Aliás, bem fôra de me resentir, me congratulo e desvaneço desta singularidade, a mim reservada, e sua reiteration, agora, na minha carreira. Dahi tenho surtido eu dois effectos da mais subida vantagem. Um é o de haver merecido a Deus, em desconto dos meus peccados, tantos e tamanhos, o privilegio de, por duas vezes, ser o unico dos candidatos á presidencia da Republica, que, até hoje, deu em nossa terra, o exemplo de entrar em contacto pessoal com o eleitorado, ouvindo-o e dando-se-lhe a ouvir, na mutua communicação dos comícios populares; uso bonissimo e rebonissimo, essencial ás verdadeiras democracias, de preceito entre os norte-americanos, mas que trinta annos deste regimen ainda não bastaram a encetar, sequer, no Brasil.

Contrato dos candidatos com o povo

A outra utilidade, que me prezo de ter logrado com a extravagancia destes dois ensaios de introdução desta praxe entre os democratas brasileiros, está em conseguir, assim demonstrar e redemonstrar, materialmente, visivelmente, que o povo brasileiro só não é capaz de grandes agitações, de grandes commoções, de grandes resoluções, quando não ha quem, rosto a rosto, lhe dirija a palavra, quem se ponha em commercio directo com a multidão, que a chama ao exame em commum das grandes idéas, quem lhe dê a ver como o povo collabora ás claras, de mão a mão, com os seus guias.

E' romperem essa barreira, que separa o homem publico do seu eleitorado, essa barreira que lhes não consente vir em pessoa ao encontro um do outro; essa barreira que não mostra o candidato ao povo senão á distancia do interior de um gabinete e através das convenções da imprensa; essa barreira, que não deixa estabelecer-se, entre os que aspiram aos suffragios da nação e as suas assembléas directas, essas correntes de fluido humano, em que a palavra falada sobreleva a tudo: — e vereis de novo o que vistes em 1910, o que estaes vendo em 1919.

A luta de 1910

Que se medisse em desigualdade com a luta que travamos, com a em-preza que commetemos em 1910, ainda não houve, entre nós nenhuma. Dos nosso 21 Estados, tão sómente em dois estados estavam connosco os governos. Nos demais todos elles nos guerreavam de morte com desabrimento, violencia e phrenesim, sem treguas, sem compostura. O elemento militar formava em massa compacta á volta do seu marechal. Na propria capital, as demonstrações armadas enchiam as ruas do estrepito do seu terror. O

proprio Congresso Nacional, na verificação dos poderes, trabalhava ao rufar dos tambores e estrondear das musicas de batalhão na sua vizinhança immediata.

Dois generaes, a que nós então, com motivos de sobra, não poupavamos censuras, um desilludido bem prestes do seu idolo, e outro collaborador seu de administração através das suas crises mais crueis, ambos se me confessaram e, em minha casa, me deram a honra de se penitenciarem da culpa de haver sido os eleitores do caudilho desastrado. Mas, sem embargo de tudo, a nação levantou-se toda, levantou-se num surto generoso, grandioso, glorioso e venceu.

Essa contraposição aos quatrocentos da paparrotada mau'cha, quatrocentas falsidades envernizadas pela impudencia do Congresso Nacional em lucro do candidato da força abraçada á fraude, o escrutínio, depois de um inquerito rigoroso, apurou mais de trezentos mil votos reaes, arrebatados pela candidatura civilista á fraude e á força. Era a victoria que a nação alcançou e que os seus burladores, os membros da maioria de julho de 1910, mais tarde iam successivamente confessando, ora em secreto, ora de publico, á medida que lhes cahiam as escamas dos olhos, e entravam a enxergar as proporções da monstruosidade commetida, com os horrores do monstro que ella parturira.

Mas essa victoria traduzia, resumia, coroava um movimento eleitoral, uma reacção politica de tanta grandeza, que nunca se excedera, nas mais democraticas nações do mundo. Habitudo a seguir com cuidado, nos paizes britannicos e na grande Republica anglo-americana, os costumes eleitoraes, não me lembro de se me haver deparado nunca, nas grandes agitações do governo representativo em qualquer dessas duas nacionalidades exemplares, o caso de uma corrente popular mais funda e espraçada, mais torrentosa e alagadora que a dessa eleição presidencial.

Um povo sem educação de resistencia nem habitos de luta, cresceu de subito como macaréu das nossas maiores marés, ou a pororoca dos nossos grandes rios, cresceu contra o poder, cresceu contra o dinheiro, cresceu contra as armas, cresceu contra a força do seu descostume da sua inercia, da sua viciosa tradição, do seu modo retrógrado, poltrão, ataroucado; e tudo levou de vencida.

A nação de pé

Agora o espectáculo não é menos de admirar. Morre um presidente, ao começar do seu governo. A politicalha, simulando acercar-se da nação, e lhe cooperar nos desejos, logra illudil-a durante trinta dias de um tempo irrecobrável. Quando se descobre a patifaria da conspirata, já não resta, para recuperação do partido, senão mez e meio, o espaço da convenção de fevereiro á eleição de abril. Em 1910 tivemos, da convenção heremista de junho á eleição presidencial de março, não menos de nove mezes, e sete da nossa convenção a essa eleição. Agora são cinco ou seis vezes menos dias.



O eleitorado está em meio desmantelamento e, na sua maior parte, abandonado ao officialismo, que o manipulou depois da ultima lei, com a mira nas eleições passadas. Para alistar as forças eleitoraes novas, já nenhum tempo restava. Nem, sequer, o havia para o expediente. A campanha, derramada na extensão deste immenso territorio. Tudo eram elementos dispersos, espontaneidades não coordenadas, arrojos vehementes, mas inconnexos.

Não obstante, esses traços da opinião publica, desorganizados, indisciplinados, esparsos, assentaram em se mover, em se constituir, em se arregimentar; e a nação está de pé. Está de pé, senhores! Dé pé, sim, para triumphar com gloria, ou cahir com honra, mas, se cahir, para se reerguer, logo após, soberana, intimativa e vencedora.

E como, senhores? E porque?

A palavra de um homem

Como? Considerae attento: em 1910, como em 1919, derredor da palavra de um homem. Por que? Porque, hoje, em 1919, como hontem, em 1910, a palavra de um homem tocou a reunir. Que haverá nesse homem, nessa palavra que haverá, para suscitar coisas desusadas?

Nesse homem, nada. Creatura desherdada, pela natureza, dos predica-dos, com que se exerce a seducção de homem a homem, talvez não mal encarado em moço, mas, hoje em dia aguarentado pelos annos, cara de poucos amigos, bocca de raros sorrisos e, por sobre tudo, ao que me dizem todos os dias, velho e revelho.

O velho

Volto-me eu para o coração, e o não encontro diverso do que era ha trinta annos. Ergo a cabeça, e não me treme, não a sinto mais vasia. Sondo o peito, e vejo que nelle me referve, como dantes, o enthusiasmo, a coragem, a fé nas coisas santas, nas grandes, nas eternas. Se uma scintella me atravessa a imaginação, oiço cantar-lhe dentro a esperança, e as raias brancas, as raias azuladas, as raias douro, as rubis raias do espectro solar me desdobram, no prisma interior, a sua gamma iriada. Se, mal confiado em mim, bato ás portas da medicina, perguntando-lhe pela minha idade, que, segundo os modernos Esculapios, é em cada qual, a das arterias, a dos pulmões, a do musculo central, a dos filtros renaes, columnas de Hercules do organismo, todos me attribuem uma organização privilegiada, asseguram-me todos que os rins não mostram jaça, que o coração não fraqueja, que é ainda de platina, como dizia Francisco de Castro, o apparatus respiratorio, que o systema arterial está illeso.

Entro, então, a suspectar da sciencia, e trato de buscar eu mesmo a verdade. Procuo se, devéras, alguma coisa já me levou o tempo, alguma coisa das condições da minha integridade organica, da minha integridade

animal. Procuo e não acho. «Não entrastes no teu capital, diz-me a voz interior, se tens sempre salvos os teus juro».

Descrente, suspeito ainda, busco, por fim, a prova real no verdadeiro criterio da validez humana, as forças de trabalho do individuo.

Qual é, dos trabalhos, o mais arduo, o mais severo, o mais consumptivo, o que ás energias physiologicas nada acrescenta em troco do que lhes subtrai? O trabalho cerebral. Mas que cerbero, neste paiz, trabalhará mais do que o meu? Esterilmente, será. Mas, quanto mais sáfaro o chão, mais penoso o seu amanho. De que valha a minha cerebração nos seus productos não competiria a meu dizer nada. Mas bem estranho havia de ser que a sua decadencia desse para moirer sem cansaço. Os meus dias amanhecem e anoitecem labutando. O estudo, o grangeio da vida, os encargos politicos, os deveres sociaes se me entrançam numa urdidura de vida nada invejavel.

Dez, doze horas de applicação mental são o meu ordinario quotidiano. E quantas vezes não excedido? Mas, se as obrigações parlamentares, ou os comicios do povo chamam por mim, não é com tres ou quatro horas de elocação continuada, tres ou quatro horas de estação na tribuna que me esvaio. Na Camara a que pertenco, tenho, por vezes, reiterado essa canseira dias successivos, tres e quatro, sem que a saude se me resinta. Quantos dos meus collegas, ali, menos edosos do que eu, mais habeis, mais doutos, já me imitaram nessas aporfiadas e insanas competencias da palavra? E quando succedeu jamais que no seu curso me não chegasse a voz até onde eu queria, me esmorecessem os membros ou se abatesse o vigor da linguagem e o calor da acção?

O estribilho de velhice

Não estaria eu aqui a deter-me, na discussão deste incidente pessoal, aliás vindo á baila pelo desenvolvimento natural da minha argumentação, se a taxa de velhice não tivesse constituido, como tem, um dos bordões na lenga-lenga da opposição que, em vez de ter cara á minha candidatura, a investe, como cão sorrateiro, pelos calcanhares.

Ha por ahi um diplomata de alta jerarchia, que, desde o meu convite para a embaixada a Paris, se me metteu nesta questão como piolho em costura, e, acarraçando-se, também, depois, ao caso presidencial, continu'a, com indiscrição provocadora, a enredar contra a minha candidatura, como enredou contra a minha missão á Conferencia da Paz. Esse estrangeiro impertinente, chamou á conversa, em um baile de que muito se falou, um moço, das melhores familias do logar, aparentado com um jornalista notavel, cujo concurso, o intriguista, na sua ingenuidade, cuidava captar, dizendo-lhe que eu, doente e velho, não podia convir á occasião, quando, após a lição do infortunio Rodrigues Alves, a politica brasileira não se deveria expôr a outra solução de continuidade. «Olhes, respondeu o nosso joven conterraneo ao importuno, svelho não se diz que elle não seja. Mas Clemenceau carrega por ahi uns nove annos mais do que Ruy; e nem por isso tem perdido

com elle a França. Agora, quanto a doente, posso-lhe asseverar que não é; porquanto medicos nossos, dos de maior autoridade, o têm examinado, e o dão por homem de saude perfeita.»

O leviano ministro desconvorsou; mas, depois de mandar, ainda, sondar, ali mesmo, pelo seu secretario, o brasileiro, de quem recebera essa lição, tornou, já na rua, depois de acabada a festança a lhe tocar no assumpto. «Senhor...», atalhou o importunado, «ali dentro estava V. Ex. em sua casa, e eu devia acatar, na sua pessoa, o agente do seu paiz. Mas aqui não passa de um estrangeiro, a quem não reconheço o direito de se envolver na politica interna do Brasil.»

Considerae bem, senhores, a que desaforos escancara a porta uma nação debil e mal prestigiada, se não tem um governo certo de que a força dos fracos está na sua dignidade e a sua desgraça na renuncia ao seu brio.

Mas, senhores, não é só a diplomacia enredeira e intrusa a que tem arvorado o estribilho da minha velhice em argumento irrefragavel contra a candidatura honrada com a repulsa da Convenção dos Burlões Burlados.

Ainda a tal carta

Tambem a pratrancharia periodiqueira tem dedilhado nessa tecla um sem contos de tolices e pataratas. Uma das ultimas é a do orgão do officialismo paulista, segundo uma invenção do qual teria eu dito, na minha carta ao Sr. Nilo Peçanha, sentir-me «velho e doente», achando-me, por isso, incapaz «de arcar» com os deveres do governo. Cito de memoria as expressões que são, todavia, pouco mais ou menos, estas.

Esse testemunho mente, remente e tresmente. Nunca escrevi tal a ninguém. Desafio a que me documentem o contrario, ou encontrem, quem o deponha. Não apoiará, de certo, essa invenção o Dr. Nilo Peçanha. Não a sustentará pessoa alguma, por cujos olhos haja passado a minha missiva, e que guarde memoria do que leu. Desse documento, de que o Sr. Raul Soares andou fazendo roupa de francezes, sem lhe ter posto a vista em cima (pois, se o tivesse, não creio que o caluniasse, como o caluniou), já dei a lume a primeira parte, onde se pretendia haver eu renunciado a minha candidatura. Averiguou-se, com essa exhibição do escripto calumniado, o carapetão impudente.

Como, porém, não dêsse eu ao prelo a segunda parte da carta, cujo conteúdo, relativo á candidatura Altino, resumi, entretanto, com fidelidade, voltam á carga os carapeteiros jubilados na especialidade, para me assacarem a confissão de velhice, doença e invalidez.

Pois bem, senhores: não interpolarei o meu discurso com a leitura da minha carta ao illustre chefe da politica fluminense; porque não vale a pena. Mas appensal-a-ei, na sua integra, a elle em desmascaramento da perfidia soez e consciente.

Que é velhice?

Averbar-me eu de doente seria mentir, e primeiro a mim do que aos outros. Mentir seria, igualmente, o declarar-me invalido, e mentir não me-



nos a mim mesmo do que aos meus semelhantes. Toda a minha vida é uma carreira constante de acção, de trabalho indefeso, de luta ininterrupta, e, portanto, de notoria validade. Quando os validos se invalidam, para ganhar sem servir, ou os inválidos se reválidam, para accumular ás vantagens da obtida aposentadoria as da nova actividade, bem se entende a minestra. Mas pôr-se, voluntariamente, de mulêtas um homem, quando as pernas lhe querem andar, e se acham em termos de correr, não seria só mentir, mas petarolar com imbecilidade.

Acobertar-me com a velhice, para me esquivar a um sacrificio penoso e nobre, tambem não seria eu quem me rebaixasse a fazel-o. Que é a velhice? Uma das mais relativas coisas humanas, se a medirmos pelos annos. As mulheres, dizem os inglezes e muito bem, as mulheres têm a idade, que mostram; os homens, *a que sentem*. EU não me sinto velho senão quando não tenho que fazer. Em me sobrando tarefa, sempre me achei moço. E quantas mocidades não vejo, que não trocaria pela minha carga de idade, fosse por que preço fosse! Passam-me ellas á porta cansadas, inuteis, descridas, gastas, vazias. Se lhes puzerdes um seixo ao hombro, chamarão logo por um Cyrineu. Se lhes perguntardes que rumo levam, não terão um ponto do céo, que vos indiquem. Se lhes demandardes uma idéa, de balde sacolejarão e vascolearão a cachola escorropichada. Por dentro não vão melhor do que por fóra. Por fóra não estão melhor do que por dentro. O interior vale o exterior. O exterior, o interior. A consciencia não lhes anda melhor do que a saude, nem melhor a saude do que o juizo. Não resistem, não lutam, não esperam, não admiram, não se enthusiasmam. Vegetam e consomem como as plantas estereis.

Eis por que, entre nós, dirieis hoje, ás vezes, que se amanhece a vida, envelhecendo. E' que a juventude é velha. Ha uma pressa de envelhecer, que tudo avelhenta. A mulher ainda não desabotoou e já lhe acham frescura. O homem ainda não acabou de pennujar, e já entorta, já derreia, já claudica. Perdeu a fé, e não sabe da esperanza. Não estuda; mas tresnoita. Não trabalha; mas definha. Não produz; mas critica. Não sente; mas ri. Não ora; mas joga. Não ama; mas seduz. Não se alegra; mas estardalha.

Metchnikoff poz o microbio da velhice no intestino. Eu o ponho no coração. O brasileiro envelhece prematuramente de cardioesclerose moral. Não sei se a doença, nem mesmo o vocabulo, se conhecem na pathologia do corpo. Mas, na psychopathologia, no quadro das enfermidades da alma, é clara a sua preponderancia fatal, quando a educação erronea do homem lhe accelera a degenerescencia, o endurecimento, a atrophia dos elementos nobres, dos elementos cellulares da vida espirital, no character, na consciencia, na vontade.

O envelhecer, no Brasil

Azedou-se um dia, quasi seriamente, commigo, em Scheveningen, o senador Destournelles de Constant, meu eminente amigo e companheiro em



Haya, por me ouvir a qualificação de velho, que eu me dava a mim mesmo ha onze annos, meio a serio, meio em gracejo. O illustre parlamentar e diplomata não tolerava nem por graça, que um homem de cincoenta e sete annos se pudesse ter como entrado na velhice. «E' assim que se atropella a vida em seu paiz?» disse-me elle. «Pois nós outros, nesta idade, aqui, ainda nos reputamos moços.»

O meu bom collega da Conferencia da Paz não conhecia o Brazil, apesar de o costumarem dar por descoberto ali naquella occasião, segundo a phrase do embaixador Nelidow. Se houvesse perlustado estas regiões, teria visto que, graças á nossa extrema superabundancia de notabilidades e precocidades, a regra brasileira abrevia a mocidade, e antecipa a velhice, para ter onde accommode a nossa efflorescencia, todos os dias renascente, de genios e estadistas. O homem, entre nós, adolece aos dez annos; aos vinte amadurece; aos trinta começa a declinar; aos quarenta cahiu entre os velhotes. E' carga por alijar.

Paiz novo precisa de gente nova. Pouco importa que a longevidade entre os papagaios, conterraneos nossos, ultrapasse os oitenta annos. Necessario era que, ao menos nisto de madurar e acabar mais cedo, abrindo mais cedo logar aos outros, nos avantajassemos aos vistosos palradores, com que a malicia dos nossos inimigos tanto nos quer ligar em parentesco.

Que importa que andasse Thiers pelos setenta annos da sua idade, quando atravessou a Europa com a cruz da França ás costas, e libertou o territorio francez? Que importa que orçasse pela mesma conta Bismarck quando construiu o imperio allemão? Que importa que Gladstone não deixasse o poder senão aos setenta e quatro? Que importa que mais de oitenta, se me não engano, houvesse já transposto Hindenburgo, quando salvou os exercitos da Allemanha? Que importa que Clemenceau, com os seus setenta e oito, carregue hoje aos hombros toda gloria da Republica franceza, e seja, neste momento, o mais forte dos homens de Estado europeus? Que importa isso tudo, se, aqui os Clemenceaus andam a monte, os Hindenburgos rolam aos tombos, os Gladstones pullulam aos cardumes, os Bismarcks se multiplicam em ninhadas e os Thiers cobrem o sol como nuvens de gafanhotos?

Uma opinião de Metchnikoff

Mas, senhores, não apuremos. Cada terra com seu uso. O desta seria varrer-se do caruncho dos velhos. Não nos embaracemos com a opinião de Elias Metchnikoff: «Em politica», dizia elle, «as condições actuaes correspondem á da medicina de outr'ora. Cada adulto do sexo masculino sa tem como idoneo para as funcções mais melindrosas, as de eleitor, as de jurado e jurtae; o que só se desculpa com o estado, ainda em infancia, da sciencia social. Assim que esta se achar mais adeantada, operar-se-á uma especialização analoga á que se deu na medicina. A esse tempo as pessoas edosas, que houverem grangeado copiosa experiencia, e mantido indemnes

todas as suas faculdades graças á inteireza do seu estado physiologico, serão as que maiores serviços prestem á sociedade vindoura.

Deixae falar o professor do Instituto Pasteur. A experiencia, quando quer que seja ha-de ter sempre o cheiro de ranço. Felizes os povos, que della não necessitam, os paizes, em que ella empolha, com as gerações novas, na casca do ovo. O nosso é um desses torrões abençoados. Que seria, pois, se, onde tanto exuberam os merecimentos, não se limitassem elles a varrer do paiz os velhaços, mas lhes tomassem o logar e o des-empenhassem com a vantagem natural da sua superioridade, no bem a que alguns desses invalidos houvessem consagrado a tarde dos seus annos.

De páo na mão

E, senhores, o caso. O homem que, em maio de 1910, deu rebate do militarismo, e em 1919 chamou a postos contra a olygarchia ridicula, desmoralisada, insolente dos parataratas da convenção de fevereiro, não é um rebento juvenil, deste chão inesgotavel em surprezas. Não, não passa de um velho. Não é, nem poderia aspirar a ser um grande velho, «the grand» (nota que não é «great») «the grand old man», como a Gladstone chamavam os inglezes, reunindo numa só expressão o grande e o grandioso, a magnificencia com a grandeza, não. Não é nem um velhote, um velho teso e bem disposto, mas apenas, como está em moda chamar-lhe, um velhinho, isto é, se não mentem as autoridades, um velho cansado, alquebrado, mirrado, encarquilhado, um velho revelho. Só lhe falta, o páo na mão e o cão ao pé.

Busina á bocca

Ora bem, senhores: esse oscillante resto do passado, essa mesquinha ruina, essa especie de mendigo, levou a buzina á bocca, soprou de rijo no metal, appellidou a gente, a cidade e o campo, tocou alarma, e toda a terra, ao perto e ao longe acordou, respondendo. Por essa garganta, em que as cordas vocaes devem ter estalado com os annos, pelo instrum-mento fendido e rechinante dessa trachéa gasta, por esse thorax, onde já não borbulham paixões, mas gelam cinzas extinctas, — que fôlego myst-terioso lhe invadiu o seio, lhe dilata o collo, lhe rebenta da bocca) lhe enche as rósas do antigo bronze esverdeado, arrancando-lhe esses sons possantes de trombeta, sons desses, a que as almas accorrem, a que as vontades se decidem, a que os corações se arremessam impetuosos, a que se alvoroça a redondeza, buscando nos céos donde vem o clangoroso ma-drugar -da vida?

Não seria, de certo, nem o hálito de um Titão, quanto mais o anhelito morrediço de um velhinho, que o peso dos dias averga para a terra, e a que a ferrugem da idade comtu a resonancia da voz.



O grande sopro

É o sopro do Senhor, o vento que acorda as águas, agita os oceanos, transporta as areias do deserto, move os baixios das costas, desanuvia ou escurece os horizontes. Só elle poderia desencadear, numa atmosfera de calmaria morta, de inveterada immobildade, esta correnteza violenta, que sussurra como o tropel de exercitos em marcha, e retumba como o trovejar de cataratas despenhosas.

Escutae o rumor que engrossa e se avizinha. Direis que emboccou pelas grotas da antiga Villa Rica, pelas velhas galerias abandonadas, e trás o éco das jazidas, que se reanimam, o canto dos gampeiros ao curuscar do oiro nas pepitas do torrão revolvido.

Direis que passou pelas boccas de Morro Velho, que se encostou aos vãos hiantes das suas excavações habitadas pelo murmurinho dos mineradores, e hauriu daquellas profundezas os segredos captivos, ha seculos de seculos nas entranhas da terra, para lhe semear delles, e lhe fecundar com elles a superficie cansada.

Direis que se espraiou nas chãs de Bello Horizonte, e ali se carregou do bolicio festival dos espaços da orchestra das côres do infinito, das emanações do eterremoto, onde giram os mundos, e vem com a aragem livre das esplanadas, com os sussurros da esperança nos longes do céu.

Direis que sahio da virgindade e do silencio da matta mineira embebido no rugir da consciencia das coisas, testemunha acorrentada e impaciente das miserias do homem.

Direis, enfim, que aqui, neste centro de trabalho, nas industrias de Juiz de Fóra, essa torrente de energia em vibração intensa, encontrou o seu orgão, o boqueirão, por onde resfolga, por onde ventaneia, por onde atrôa, por onde se sente que Minas respira, que Minas vive, que Minas desperta, que Minas se levanta, Minas, a que, onde esteja, leva consigo o péan irresistível, o hymno da victoria.

De uma palavra

Donde surgiu esta commoção do ambiente? Donde, o aeremoto bemfazejo? De uma palavra dita. De uma palavra dita, senhores, de um «Fiats», se operou a criação toda. De uma palavra annunciada, um «Surrexito», emergiu o mundo christão. De uma palavra prégada. «Reconstrucção», vae surgir o futuro brasileiro. Reconstrucção pela resistencia. Reconstrucção pela verdade. Reconstrucção pela justiça. Reconstrucção pela lei. Reconstrucção pela moralidade. Reconstrucção pelo civismo. Reconstrucção pela fé, origem de todas as coisas, base de todas as reconstrucções.

Vae surgir, disse eu. Surgirá, de feito, se o quizerdes. A revolução moral de 1910 hibernou nove annos na vossa magua, na vossa decepção, na vossa saudade. Não deixeis hibernar a que se começa a pronunciar em 1919. Depende só de que vos não esqueçaes do exemplo dado, da experiencia adquirida.



Os clarins

O «velho», o «velhinho» toca o termo da sua carreira. Breve terá livrado elle da sua presença odiosa, os ostracistas do regimen, que lhe pagou a criação com a proscricção.

Mas, por um que se vae, milhares de outros ahí se acham para embocar os clarins de alvorada. Não deixem expirar os sons, que enchem estas terras benditas. Não a deixem adormecer outra vez no esmorecimento da luta começada. Nem se continue a dizer que este paiz é um paiz perdido. Do rumor das vozes que o perdido declaram, é que resulta o seu perdimento. Somme essas unidades perdedoras, e no seu total tereis a perdição do Brasil. Varrei essas unidades acobardadas e o Brasil será um paiz salvo, imperecível, inamissível.

Somos, realmente, senhores, uma nação que morre, como os doentes imaginarios, de se crer morta. Com a cova se casam todos os que se convenceram de estar nas mãos da morte. A resolução de viver é a alma da vida.

O derrotismo

Notae, entre nós, donde é que partem sempre as vozes do scepticismo e desanimação. Quem são os desalentadores? Os desalentados. Quem os desalentados? Os arruinadores do paiz. Esses os que o dominam, esses os que o estragam, esses os que o corrompem, esses os que o adoecem, esses, os seus contaminadores, os seus avariadores, os seus matadores, esses são a figura mais certa no côro do pessimismo.

Esta gente é mais pessimista por interesse do que por descrença. Não duvidam tanto da cura, quanto a receiam. Temem a nação curada; porque a nação curada seria a nação perdida para elles. Seu papel está, portanto, em missionar o desalento. «Pobre paiz! E' um paiz perdido!» Quem o perdeu? Quem o reduziu a metter piedade? Elles; e, porque dessa lastima, dessa perdição vivem, releva que se perca o paiz, e desse estado lastimoso não se resgate, para que elles o continuem a lastimar, e perder.

Quando a Europa liberal lutava com o germanismo, resoluta em não ser vencida, o mais perigoso anigo do inimigo eram os Jeremias da derrota, segredada, insinuada, receiada. Derrota possível. Derrota provavel. Derrota imminente. Derrota certa. Se as potencias alliadas não houvessem reagido com a cirurgia heroica das medidas de guerra contra essa propagação fatal do medo, derrotada teria sido a civilização pelos derrotistas.

Minas não pode ser vencida

O Brasil está soffrendo, tambem, mas chronicamente, do seu derrotismo. Queiramos nós derrotal-o, e os derrotados serão os derrotistas. Queiramos senhores. Medi bem o alcance deste verbo prodigioso. Se querer é

poeder, querer é vencer. Minas pode ser vencida no taboleiro verde, onde os politicos jogam a sorte de nós todos. Se, porém, Minas se não resigna, a ser mirone, ou batotar na roleta, e, de um arranco seguro, de um só movimento do seu braço, voar a banca e os banqueiros, os batoteiros e a batota, Minas, a honesta, a crente, a robusta! Minas, a Minas da independencia! Minas, a Minas da liberdade! Minas, a Minas do santo amor da patria! Minas não saberá o que seja ser vencida. Vencerá Minas, e com ella, será vencedora a nação.





O ORACULO

Se quizessem ver Marcello Cintra, fazendeiro em Carascaes, regalado de gosto, era pedirem-lhe a opinião sobre alguma cousa. Pedissem-na sobre qualquer assumpto, que era certo vir a resposta, prompta e atilada, dita naquelle seu modo pausado, seguro, de quem sabe o que diz. D'ahi a sua fama de homem muito sabido e a alcunha de Sabetudo que algum infimo despeitado lhe poz.

Suas muitas luzes o tornavam considerado muitas leguas em redor. Um requerimento que houvesse para fazer, uma escriptura a lavar, uma encommenda a mandar vir de longe, era fatal recorrerem ao Cintra, como á pessoa naturalmente indicada para remover-lhes as duvidas.

E Cintra intervinha da melhor vontade. Mas não era totalmente desinteressado: havia um pequeno tributo a pagar-lhe e a pagar-lhe adeantado, tributo não de dinheiro e sim de reverencia; pois se perguntavam alguma cousa, não respondia logo; primeiro fazia uma pausa e sorria com finura, sorriso que estava mesmo a dizer: «Vocês bem sabem que sem a opinião cá do Dégas não poderiam passar.» E esse era o tributo exigido.

Pediam-lhe receitas para doentes, consultavam-no sobre os melhores tempos do plantio, sobre o influxo das luas na madeira; uma viagem a marcar, o feijão que quizessem bater, era ao Cintra que recorriam para saber se fazia chuva ou sol.

Chegou a ficar afamado, a este ultimo respeito, um hygrometro que elle trazia na sala de jantar, pendurado como chromo de folhinha; representava uma casa de duas portas, com um terreirinho á frente. Fosse o tempo duvidoso, numa porta mostrava-se um homenzinho e noutra uma mulherzinha; propendendo a chuva, o homenzinho sahia do terreiro e a mulherzinha entrava; fosse de sol, era o contrario. O que provocava um nunca assaz repetido gracejo de siá Clotilde, mulher do fazendeiro:

— Como as mulheres são ladinhas! Na hora da chuva empurram o marido para fóra e ficam dentro de casa, bem agasalhadas.

Mui dispensavel, todavia, era o hygrometro, pois por si mesmo, com os ricos recursos de sua cachola arguta o Cintra tinha elementos para poder prever o tempo. Dissemesem-no os casos mais difficeis que explicava.

Assim, quando se commentava a abundancia excepcional das aguas este anno:

— Pois decerto! Tanta fumaça elles fazem nessa guerra sem fim com seus canhões e carabinas, que ella se vae ajuntando e formando nuvens no alto, nuvens que depois o vento toca para cá, dando em resultado esse despotismo de aguas.

Outros fracos tinha o Cintra. Por exemplo, quando o procuravam, gostava de que o achassem sentado defronte um monte de papeis, nos quaes passava horas e horas a escrever cousas a lapis. Que era aquillo? Ninguem, nem a propria mulher, nunca o logrou saber ao certo. Pelos modos o Cintra queria dar a suspeitar que elle estava a escrever uma obra grandiosa, que iria revolucionar as sciencias e o mundo com revelações nunca presentidas «nem sonhadas».

Se acertava alguem procural-o quando se dava a essas escreveções, elle não attendia logo; emmassava primeiro toda a papelada com sizudez e sem pressa, guardava-a num armario de portas de pau, dava volta á chave, que tirava e só então parecia abrir os olhos á realidade e dar pela presença do supradito alguem. Mesmo depois de sua morte não se desvendou bem o mysterio d'esses papeis, pois no armario apenas encontrava-se uma maçaroça de velhas contas dos negocios, com uns rabiscos sem sentido, entre os volumes poidos d'um velhissimo Monte Christo.

Este era o romance de sua predilecção, o unico, aliás, que elle conhecia e que nunca se cansava de ler para si e contar para os outros.

A' força de o reler e recontar, acreditava reaes todos

os seus personagens e successos e quem o ouvia falar com segurança das pessoas e das vidas dos heroes, entendia que Marcello Cintra os conhecera e tratara pessoalmente. Ainda mais: a insistencia com que falava em Monte Christo, os signaes de intelligencia que fazia á mulher, quando se referia a este ou aquelle episodio, engendrava em certos espiritos a suspeita de que Monte Christo e conde era elle proprio, que lá por suas razões se disfarçava em fazendeiro. Confirmavam-nos nas suspeitas certas identidades entre o homem e o heroe do livro, até o modo de falar. O Cintra tinha o séstro de dizer a proposito de tudo: «Ora vamos e venhamos»; se lhe perguntassem se ia á cidade domingo, respondia: «Ora vamos e venhamos — póde ser que eu vá se o tempo continuar firme»; e ao relatar as aventuras do Conde e dialogos d'este, lá estava o Conde, a proposito de tudo, a repetir a sua phrase favorita: «Ora vamos e venhamos, senhora marquezia, a vida do barão não corre nenhum risco» ou «Ora vamos e venhamos senhor visconde e Coisa...»

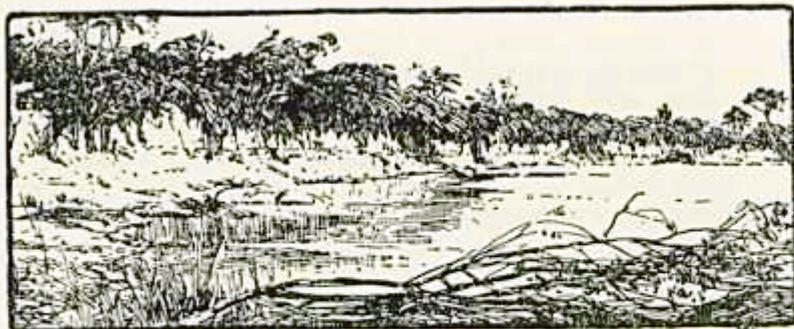
Tantos e tão raros dotes o separavam do vulgo, que não era de extranhar não gostar o Cintra de ser como toda a gente. Tinha seus habitos lá d'elle, suas predilecções excéntricas. Guiava-se em tudo por idéas pessoas, até no trajar. Tinha a este respeito um habito singularissimo: em vez de paletó usava em casa uma especie de fraque de brim, que sua propria mulher fazia.

Deu isto origem a um caso que constituiu o supremo desgosto de sua vida. Merece ser narrado, pelo estado de acabrunhamento em que lançou o prestante fazendeiro. Fosse que Clotilde não talhasse a seu gosto os fraques de seu uso, ou por outra idéa que lhe surgisse no cerebro, elle, que fazia encommendas para toda a gente, lembrou-se de encommendar para si, na casa da capital com que estava relacionado, um ou dois fraques dos taes, mandando explicações muito miudas sobre a medida, panno e feitio.

No escrever, porém, houve um desastre. O Cintra, que sabia tanta coisa, ignorava certas minudencias de grammatica e orthographia, e por isso, esquecendo uma letra da conjuncção «ou», em vez de 1 ou 2, escreveu no pedido: «102 fraques de brim».

Assim tambem o leram na casa de que era freguez conceituado, dando causa a que pouco tempo depois recebesse um grande fardo com cento e dois fraques, rigosamente feitos á maneira indicada.

Atinando com o descuido o Cintra nem reclamou; e esmoeu solitariamente seu aborrecimento, sem confessar



A LIGA DAS NAÇÕES

(FABULA)

GENESIS

Naquelle tempo, em Ararucá, era coisa simples a fundação de um gremio literario ou de uma sociedade recreativa, dansante, sportiva ou de qualquer outro intuito.

Estava a gente á esquina, nalguma tarde de discussão, versando a arte, a moral, a literatura, a religião, o extremo-orient e outros assumptos mais ou menos embicantes nos interesses ararucaenses, quando a prosa, de repente, numa syncope brotada das nossas opiniões alfim unanimizadas, morria de todo.

Ficavamos então alli, ruminando em silencio os ultimos syllogismos, quando algum de nós, de digestão mental mais rapida, irrompia:

— Porque não fundamos um gremio literario aqui nesta terra?...

Os outros, despertados, inopinadamente, concordavam:

— E' verdade; porque não fundamos?!...

— Sim; uma sociedade literaria, com gabinete de leitura e um salão para conferencias. Em Ararucá ha elementos: eu, vocês, o Juca da pharmacia, o Bernardino do 1.º officio... e quem mais?

— O Maneco...

- Que Maneco?
 — O Maneco Borba, da loja do Abrão.
 — O que?!... Um caixeiro!...
 — Sim; elle é caixeiro; mas lê muito. E lê em francez, até!...
 — Bem, vá lá o Maneco; mas só elle.
 — Pois não.
 — Ha ainda o Belmiro...
 — O das charadas?!...
 — Não, Tónico, além das charadas elle faz versos bons. Ainda outro dia mostrou-me um soneto: A Magua da Pedra, que...
 — Bem, bem, o Belmiro tambem. Mas chega! Já é gente de sobra. Se começamos a enfiar todo o mundo...

FIAT

Ficava então resolvida a fundação. Era lembrada e logo solicitada para a sessão inicial, a sala do Club Republicano e o jornal de Ararucá, a «Trombeta», estampava, no seu primeiro numero, a noticia auspiciosa:

«Diversos rapazes da nossa melhor sociedade cogitam da fundação de uma associação literaria e recreativa, com o louvavel fim de promover o desenvolvimento literario e artistico do nosso meio, bem como de estreitar as relações sociaes da nossa terra, offerecendo saraus musicaes e conferencias, a que não ha de faltar o apoio do magnanimo povo ararucaense, etc., etc., etc...»

De facto, na primeira reunião, a sala do Club enchia-se de gente. O Castro, redactor da «Trombeta de Ararucá», era aclamado presidente provisório e convidava para secretario o Bernardino do 1.º officio, após o que, expunha os fins da reunião. E depois que os oradores obrigatórios de Ararucá tinham de todo vasculhado o assumpto, declarava-se fundada a associação, passando-se a eleger a directoria de verdade.

Por fim escolhia-se uma comissão para elaborar os Estatutos.

A COMISSÃO

Que delicia o ser-se da comissão dos estatutos!

O primeiro gesto da Comissão, uma vez escolhida, era agradecer a escolha. O segundo era marcar um dia

para a reunião elaborativa. Por último, pedia um prazo para a apresentação do trabalho, o que era immediata e geralmente cedido, conforme mandava a praxe em taes circumstancias.

Depois disso, a assembléa dispersava-se.

No dia marcado, na salinha que servia de redacção á «Trombeta», reunia-se pela primeira vez o conclave para assentar as leis que regeriam a nova corporação. Cada membro da Comissão levava nos bolsos quantos estatutos de sociedades philarmonicas tinha acaso nas gavetas; e, sentados em torno da mesinha, ás tesouradas e á gomme arabica, iam todos alinhavando capitulos, artigos, alineas, e paragraphos unicos, até que o gremio todo ficasse alli, previsto e cominadas todas as penas para os possiveis delictos de directores e consocios.

E tinham especial encanto aquelles capitulos das competencias, nos trechos em que rezavam: «Ao Presidente compete: a)... b)... c)... h)... v)... e todo o alfabeto das competencias de cada um dos paredros sociaes, presidente, vice, secretario, vice, thesoureiro, vice, procurador, até os simples socios, rasos, sem destaque especial.

Estes, comtudo, se não tinham attribuições distinctas, forravam-se na larga parte que tratava: *Dos deveres dos socios*, e em que eram enumeradas as severissimas penalidades que pairavam sobre quem, paredes a dentro da séde social, puzesse o pé num galho secco qualquer do regimento.

Prompto o rosario o 1.º officio passava-o a limpo e, no domingo seguinte, nova reunião no Republicano para apresentação das taboas gravadas no Sinay da «Trombeta».

Alli, o presidente lia a obra, que a assembléa approvava, sem emendas nem obstrucções, mandando que a acta da sessão louvasse condignamente os Moysés da Comissão.

OS SARAUS

Começavam as sessões brancas, marcadas pela letra dos Estatutos.

Todas as segundas-feiras, na plateia do «Beijaflor-Cinema», emprestada dos empresarios condescendentes, reunia-se a elite ararucaense para assistir ás festas do Gremio. No palco, á frente de todas as jarras apresentaveis de Ararucá, atraz da mesa forrada de uma colcha rica, formava-se a Directoria, presidindo a cerimonia. Ao lado, junto duma mesinha e dum copo d'agua, o conferente, após a

apresentação e as palmas receptivas, lia a sua perlanga, com muito proveito para a cultura daquelles cerebros cheios de vontade.

Um a um, todos os intellectuaes de Ararucá iam assim conferindo os themas mais variados e suggestivos, em palestras que a «Trombeta» estampava, em seguida, para uso da parte do auditorio menos favorecida d'acustica.

E os programmas comportavam sempre, além da conferencia essencial, varios numeros accessorios de rabeça e recitativos poeticos. A rabeça estava a cargo da d. Marianinha, filha prendada do promotor publico, e os recitativos ao de quem quer que tivesse versalhada inedita na gaveta e a desejasse transmittir á posteridade.

Era uma delicia, nos primeiros tempos. Era «o renascimento da cultura municipal», conforme affirmava a «Trombeta» nos narizes-de-cera com que encabeçava os *comptendus* das artisticas seratas.

O TRUC

Mas aconteceu o que sempre acontece a todos os gremios em todos os Ararucás do mundo — morreu. E, o que é peor, não morreu de morte natural.

Foi caso que o Juca, da pharmacia, teimava, nos ultimos tempos, em proteger os seus parentes e amigos, reservando-lhes lugares especiaes no «Beijaflor», emquanto que os Estatutos estatuíam muito liberalmente que cada um se apoderasse dos lugares ás conferencias, á medida que fosse chegando ao salão, o que era uma sabia maneira de reservar os peiores para castigo dos retardarios.

Mas o Juca usava o truc de marcar as primeiras filas de cadeiras com os lenços dos seus protegidos, o que, em Ararucá, significava apropriação temporaria mas insophismavel do movel. Aliás lhe não cabia o merito da invenção pois assim se usava na igreja, em dias de missa de mór procura. Um lenço atado ao espaldar de uma cadeira, com a marca do Coronel Antunes, preservava essa cadeira do contacto de quaesquer outras nadeças que não as do Coronel Antunes. E mesmo que as nadeças privilegiadas não comparecessem, lá ficava o lenço a represental-as tacitamente. Era assim em Ararucá e o Juca apenas alargara um velho uso, extendendo-o ao Gremio.

Mas era contra os Estatutos. E por isso foi convocada uma reunião extraordinaria dos socios, afim de se fazer prestigiar o seu Codigo.

A ASSEMBLE'A

Foi essa assembléa o golpe funesto de que veio a morrer o Gremio.

Ao comparecerem á séde, encontraram-se os sócios

Comparecidos á séde, encontraram-se os socios divididos em dois blocos. Um era pela inviolabilidade da lei; outro, pelo respeito ao truc.

A sessão acalorou-se, logo de começo. O presidente, truquista, disse que, em principio, era pela inviolabilidade, mas, como os Estatutos se achavam ao arrepio de uma tradição secular em Ararucá, opinava por que se revogassem esses estatutos rebarbativos e se elaborassem outros mais de accordo com a alma truquista dos ararucaenses.

Os inviolabilistas protestaram. Aquillo seria um prece-dente perigoso. Assim, sempre se commetteriam todos os abusos imaginaveis, pois que para cada um que surgisse, haveria uma nova modificação dos Estatutos...

O presidente replicou que se poderia encartar nos novos uma disposição que os tornasse para sempre inviolaveis.

Os outros marraram que não, que não admittiam reformas. Ou ficava tudo como dantes, e o Juca renunciava ao truc, ou deixavam a sociedade.

Foi quando um truquista, perdendo de todo a compostura, arremessou sobre os adversarios este argumento traiçoeiro:

— Vocês são contra o truc porque moram longe e, quando chegam, já encontram quasi todos os lenços amarrados!...

Veio o mundo abaixo:

— Tratantes!...

— Tratante é a avó!...

— Os Estatutos...

— Canalha!...

— vocês que já tiveram conferencia o que querem é matar o Gremio antes que nós...

— não sejam asnos!...

— Venha p'ra a rua!...

— Pensa que eu tenho medo de...?

— Calma, senhores!...

— Aqui não brigo, que tenho educação...

— poeta de agua doce!...

— ... para a rua, seu cachorro!...

Vouu uma cadeira. Outra mais. Mais outra. Emfim, uma de mór impulso partiu a lampada do aposento, deí-

xando os contendores á meia luz que vinha dos postes. Os animos não socegarão. Houve bordoadas de cego, sopapos, safanões, berreiro ... o Diabo.

O Diabo e a policia. Alguem da visinhança apitara e o cabo, mais tres praças, invadiram o recinto, insufflando:

— Ordem, *seus* moços, que o delegado vem ahi!...

As trevas foram propicias para a evacuação immediata da liça. Fartos de murros anonymos e com o instincto anti-policial aguçado, truquistas e inviolabilistas safaram-se sorrateiramente.

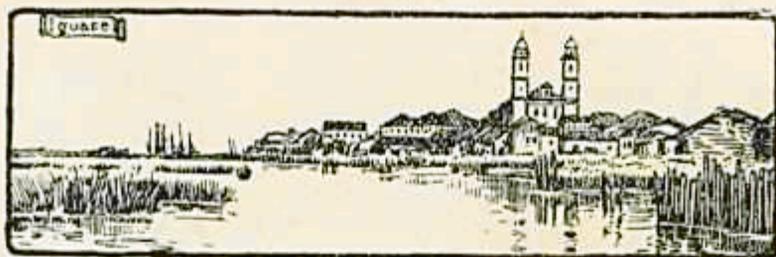
EPILOGO

O patrão do Juca vendeu por muitos dias farta dóse de arnica e largos metros de tafetá; e em Ararucá nunca mais se falou em gremios literarios e recreativos.

MORALIDADE — O presidente Wilson nunca viu um gremio desta especie ...

LÉO VAZ





VERSOS

AOS ESCOTEIROS

(FRAGMENTO)

Da determinação que tens tomada
Não tornes por detraz, pois é Iraqueza
Desistir-se da cousa começada.

Camões, Lusíadas, Canto I, XL.

Resolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

Camões, Lusíadas, Canto III, XXX.

I

*Existe um monte em cuja cumeada
Longe se occulta uma paragem florea
Que se abre apenas aos que têm a gloria
De vencer a aspereza da escalada.*

*Quantos o não têm visto, em caminhada,
Por desjastio da alma merencorea!
Quantos não têm ainda na memoria
Ter-lhe fitado a vista descuidada!*



*E quantos, nesta vida transitoria,
Não têm arrepiado da jornada,
Por achá-la talvez que seja ingloria!*

*E' que essa gente, vendo-se privada
De assoberba-la em rapida victoria,
A elle apenas olhou e não viu nada!*

II

*Mas, lá de vez em quando, quem se fia
Na sua forte e indomita coragem,
Deslumbrado da esplendida paizagem
Que, á medida que sobe, mais se amplia,*

*— Para o alto monte lá se vai, passagem
Tendo de penedia em penedia,
E porta-se com summa galhardia
Até se ver em meio da paragem.*

*Então comprehende que só tem valia
O que os esforços ganham, depois que agem
Em luta accêza e rispida porfia;*

*Pois tudo o que vem facil é miragem
Que se á distancia os homens extasia,
Os desillude ao termo da viagem.*

III

*Nos caminhos tortuosos desta vida
Que a sorte de prazer e angustia tece,
E' preciso que vaões de alma erguida
Que mais se alteia quando mais padece*

*Não vos jalte valor na accomettida
Por mais rude que seja ou mais rejece,
Antes se vos redobre na medida
Que a luta se redobre ou recomece.*



*Confiae em vós quanto possível seja
E, palmilhando a via pedregosa,
Sorríde sempre a quem de vós moteja.*

*Tem mais valor quem faz por si e gosa,
Depois das incertezas da peleja,
Ter só cumprido a rota luminosa.*

IV

*Não sejaes nunca como o fragil vime
Que vai tomando indifferentemente
As fórmas multiplas que a mão lhe imprime
Toda vez que o trabalhe e experimente.*

*Mas sêde como o cerne aspero e firme
De uma velha aroeira alta e potente
Que a propria ségur quasi não dirime
De tão rígida que é, tão resistente.*

*Não vale nada a vida se ella exime
A alma da luta e a arrasta na corrente
Por um rumo servil que a não redime.*

*Não vale nada quando não consente
Que a alma se perpetue e se sublime
Num largo sonho de ideal ardente.*

V

*— Difficil é o caminho da victoria.
— E' necessario a quem nelle se ponha
Accomettel-o não como quem sonha
A perlustrar numa paragem florea,*

*Mas como quem possui alma risonha
Dotada de vontade peremptoria
Que, como está disposto para a gloria,
Aos sacrificios todos se disponha.*

(GRAVURAS ANTIGAS)



DESENHO DE LALAISSÉ

Fazendeiros em caminho da capella

GRAVURA DE CHAILLOT

(GRAVURAS ANTIGAS)



DESENHO DE LALAISSÉ

Paulistas

GRAVURA DE CHAILLOU

— *Precisa quem emprehede a caminhada
Fazel-a não qual simplice canôa
Que ao talante das ondas sobrenada,*

*'Mas sim qual uma audaz, cortante prôa
Que, com fazer a asperrima jornada,
Com glorias immortaes se galardôa.*

FRANCISCO BERTINO.

O SABIÁ

*E' o trovador genial das matas brasileiras,
E' o principe immortal dos vales expontaneos!
Canta o amor, a esperança e as illusões jagueiras
Que dão viço e vigor a musculos e craneos.*

*Quando o punge a saudade, em surtos instantaneos
Inventa o que cantar e canta horas inteiras,
Recordando o prazer de amores subitaneos,
Relembrando o perfil de amadas companheiras.*

*E' o lyrico sem par dos trillos e floreios,
Que, sempre apaixonado e melodioso, trina,
Derramando ao redor balsamicos gorgeios.*

*E' o grande sonhador, emotivo e tristonho,
Por cujo diapasão minha alma crystalina
Vae semeando canções pelos vergeis do sonho.*

A JANDAIA

*E', como o beija-flor, uma preciosa gemma,
Céus azues reflectindo e a selva que verdeja!
E' o manto da Terra, a graça sertaneja,
Que José de Alencar eternizou num Poema.*



*Nas Letras Nacionaes em que julgura e adeja,
Das aves do Brasil é um primoroso emblema:
E' uma historia de amor que recorda Iracema
Com seus labios de mel e boca de cereja...*

*Ouvil-a desgarrada, ou vel-a em pleno bando
E' das cores ouvir das pennas os cantares,
Ver estrophes de luz que só se leêm beijando,*

*E ouvil-a manhanzinha e á tarde, dos pomares,
E' o romance reler que celebrou cantando
A Morena gentil da Terra dos Palmares!*

A TUIDARA

*De lá do ôco do pau da colossal paineira,
Onde fez a morada, architectando o ninho,
Levanta o grande vôo e vem ficar á beira
Da estrada, onde alguém passa, horas mortas, sosinho.*

*E em plena escuridão de uma noite agoureira,
Envolta num sudario ou tunica de arminho,
Sobre cruz, ou cupim, ou moirão de porteira,
A Coruja estaciona, assombrando o caminho.*

*Mal percebe um tropel e algum vulto distinga,
Abre o enorme gabão que a figura lhe plasma
E praguejando vae de restinga em restinga.*

*E quem vem pela estrada espavorido pasma,
Faz o signal da cruz, esconjura a mandinga
E desanda a correr de medo do phantasma...*

PEDRO SATURNINO.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA⁽¹⁾

X

Ao despedir-se, Angelo teve uma impressão como nunca poderia imaginar, de tão imprevista e perturbadora. E' o caso que Maria Luiza, a tempo que lhe extendia a pequenina mão admiravelmente modelada, lhe lançou um olhar indefinível, olhar que sorria e fallava. Maria Luiza naquelle instante não era mais a Maria Luiza de pouco antes. Mutaçào magica, prodigio, revelaçào... não seria possível exprimir o que elle viu e sentiu. O rosto formosissimo da moça incendiou-se. Seus olhos fixaram-n'o como duas vertigens. Ella o amava perdidamente. Dissera-o nesse olhar maravilhoso. Manifestára-se instantaneamente uma creatura insonhada. Foi como se uma estatua grega se animasse subitamente de vida profunda, vibrante e mysteriosa. As mil mascaras convencionaes cahiram como um relampago. A Maria Luiza de salão, a filha do coronel, a irmã mais velha e quasi mãe de Julia e Beatriz desaparecêra para dar lugar a uma mulher desconhecida, cujos olhos estonteavam. Aquella imagem, nunca mais a poderia elle esquecer. Eram segredos inenarraveis que vinham á tona, todo um mundo de promessas de felicidade e de cousas infinitas, ardentes e fulgurantes.

Angelo nessa noite levou consigo as duas vertigens daquelles olhos. Acompanharam-n'o tão vivos como se foram dois seres independentes e mysteriosos, duas ineffaveis

(1) Vide numeros de Dezembro a Abril.



fascinações que o allucinavam... E dentro da escuridão o fitavam, o acariciavam, o convidavam a delicias sobrehumanas.

XI

Quando despertou, ao outro dia cêdo, deu logo, em abrindo os olhos, com seu irmão Leonardo, que havia entrado pé ante pé para o não accordar, e estava a procurar na estante, com infinitas precauções um livro, de que precisava.

— Leonardo...

— Oh! Angelo... Estava á busca do «Capital» de Marx, que te emprestei e com certeza deixaste ali para um canto... Teus capitaes te preocupam mais do que o de todos os Marx do mundo...

E deu uma risada descompassada, rude, quasi grosseira. Leonardo parecia-se com Angelo como um retrato-caricatura se parece com o original. Era muitos furos mais alto. Todos os traços de Angelo, tinha-os elle exaggerados. Lembra um grande boneco desengonçado, narigudo, de movimentos subitos e rígidis. Apesar de seu aspecto da tragalhadanças, via-se-lhe nos olhos alguma cousa dulcissima que dava a idéa extravagante de que aquelle homenzarrão não passava de uma creança disfarçada em mata-mouros.

Em consecuencia de sua intimidade com gente de baixa classe, ganhára ademanes nada polidos. Assim que, no calor de uma palestra, alteava demasiado a voz, ria grosso, estrepitosamente, e fazia accionados fechando em ponta, como que automaticamente, os dedos das mãos, que, para encarecer exclamações, pairavam immobilizadas no ar a modo de pyramides irregulares.

— Não tens razão... retorquiu Angelo sorrindo-se. Se prefiro a economia domestica á economia politica, é que não estou encarregado de reformar o mundo. Sinto muito que as cousas não corram á medida dos desejos de *tutti quanti*... Mas tambem não vejo meio de contentar a todos...

— Não se trata de contentar a todos, acudiu Leonardo, parando. Trata-se sómente de reduzir o mais possivel o numero dos descontentes... *Ecco*.

E fez o gesto de quem vae espetar o tecto com a ponta dos dedos juntos.

— Está bem... disse Angelo conciliadoramente. Não

toquemos esse assumpto. Tenho uma grande novidade para contar-te... Adivinha o que será...

— Vendeste ou compraste algumas acções...

— Oh! Leonardo! Deixemo-nos dessa questão. Senta-te aqui perto. Quero fallar-te de cousa muito seria.

— *Per dio!* Vejo que o negocio é grave. Até parecez enternecido. *Eccome.* Podes fallar.

E sentou-se em pezo á beira do leito, com aspecto entre sizudo e espantado que fez rir a Angelo.

— Não te assustes... Estou com idéas de casamento...

— Serio?

— Sim.

— E quem é a escolhida? Italiana?

— Não. Brasileira.

— Ah! Já sei. E' filha de um certo coronel Vieira cuja casa frequentas. Já me fallaste nessa gente.

— Isso mesmo, cinfirmou Angelo. Chama-se Maria Luiza. E' uma moça encantadora.

— Já a pediste?

— Não. Nem o faria sem te ouvir primeiro. E's toda a minha familia.

— *Per bacco!* E' grave o teu negocio, gravissimo. Saes-me definitivamente um grosso burguez, disse Leonardo em tom desabusado, talvez para occultar uma pontinha de enternecimento.

— Mas não approvas o meu projecto de casamento? inquiriu Angelo sentando-se no leito animadamente.

— Não disse nada sobre o teu casamento. Em these não approvo nenhum casamento. Sou pelo amor livre...

— Ora Leonardo! Andas no mundo da lua, com tuas idéas revolucionarias. Deixemos de lado as utopias. Fallemos serio. Tens alguma objecção a fazer? Não te agrada o meu projecto de casamento. Usa de franqueza comigo.

— *Per dio!* Não me opponho a cousa nenhuma. De que valeria minha opposição. Sou contra o casamento em geral. *Ecco.*

— Mas não tens razão...

— Ma sí.

— Não tens... Sem o casamento as relações entre os sexos degenerariam em vasta immoralidade...

— Zitto, zitto... Não quero enganar-te. Mas é inteiramente o contrario do que dizes. O casamento burguez é em regra geral união por conveniencias, por interesse, pelo diabo... De amor, de affinidade de sentimentos, de verdadeira affeição nada ou quasi nada se cogita. Ao passo que na cidade futura o amor será livre... Quer

dizer: — O amor será puro, sem mixtura de interesses subalternos...

Angelo abrandou-se. Via bem que o irmão tomava ocasião para dar largas ás idéas de que andava imbuido. Depois sentia-se tão feliz com a só recordação do olhar perturbador de Maria Luiza, que experimentava irreprimível necessidade de communicar aos que o rodeavam a sua transbordante alegria. Chegou, por isso, a arrepende-se de haver contrariado a Leonardo.

— A final, meu caro, não vou viver na cidade futura com que sonhas. Hoje quem quizer escolher uma companhia digna, tem que sujeitar-se ás formalidades e instituições em vigor. Não quero casar-me burguezmente como dizes. Amo uma mulher. Para possuil-a estaria disposto aos maiores sacrificios. Que é o que se exige de mim? Escaladas, feitos de armas, derrotar exercitos ou matar gigantes? Nada disso. Contentam-se com esta cousa inócua e simplissima — que eu lhe dê a mão em publico e que em presença de um sacerdote ou de um juiz pronuncie uma velha formula... Ahi está! Não se podia ser menos exigente. Um homem que está disposto a revolver o universo inteiro para realisar o seu desejo, surge-lhe quem diga: Todo o teu sonho converter-se-á em immediata realidade, se te sujeitares a fazer meia duzia de gestos convencionaes e a escrever o teu nome ao lado do de tua amada... Mas é delicioso! Viva o casamento!

Angelo saltou do leito, tão expansivo, que Leonardo não poude deixar de dar uma das suas risadas cascadeantes, rudes, estrepitosas, levantando-se como movido de mola occulta. E, voltando-se subito, perguntou:

— Estás bem certo que não haverá outra difficuldade?

— Que queres dizer? inquiriu Angelo um pouco espantado.

— Quero dizer... Tens razões para crer que o teu pedido de casamento será acceito?

Aqui o moço não se poude furtar a certo embaraço. Que papel faria, se confessasse que todo o seu castello se fundava num olhar? Havia, em verdade, assentado como tão certa a realisação de suas esperanças, que só então advertiu que, bem lançadas as contas, estava ainda muito longe do fim collimado.

— A fallar verdade, Leonardo, ainda não proferi palavra ácerca de casamento. Adquiri apenas a certeza de que não sou indifferente á moça que desejo para mulher...

— Isso, meu caro, seria tudo na cidade futura, de

que zombas... Infelizmente, porém, na em que vivemos é nada ou quasi nada...

— Exaggeras um pouco... disse Angelo sorrindo com incredulidade. A julgar-se pelo que affirmas, todas as instituições de que vivemos estão com os dias contados e não haverá que admirar se, mais dia menos dia, acordamos uma bella manhã em pleno regimen socialista, observou em som de troça, enquanto forcejava por fazer passar através das casas dos punhos alvissimos as correntinhas das botoaduras de ouro.

— *Dio santo!* bradou Leonardo, levantando comicamente até a cabeça os braços demaziado compridos. Parece que a velha sociedade está de pé... Mas é puro engano. De um momento para outro vem tudo abaixo. Não te rias, que fallo serio. Ha certos dias em que, ao despertar, sinto em mim uma cousa exquisita... Experimento realmente a esperança de que a primeira pessoa com quem me encontrar, ao sahir, pela manhã, vae dar-me a grande noticia — que não ha mais capitalistas, que a terra é de todos, que os *comités* de trabalho começam a installar-se e por toda a parte se respira enfim num mundo tornado livre, onde todos sem excepção têm direito á vida... O que disseste por troça, tenho muitas vezes a illusão de que vae acontecer...

Leonardo estava de pé junto á entrada do quarto, tão alto que quasi roçava com a cabeça a parte superior da porta. Teria então parecido sublime na sua esperança e na sua fé, se todos seus traços e gestos, levados ao comico, de puro exaggero, não brigassem com essa idéa.

Angelo olhou-o com sympathia. Amava a generosidade que animava tão lindos sonhos. Não concordava com elle; mas sentia-se, a despeito de todos os raciocinios, fascinado pela força daquella convicção. A reforma social, atravez de tão exaltada imaginação, representava ser uma como vaga immensa, que, partindo da Europa, viesse inundando paizes, cidades e aldeias, até envolver num diluvio de bondade e de amor os mais humildes habitantes das nossas plagas...

— Creio que não me aconselhas a esperar o advento da tua cidade futura para realisar o meu casamento, ou como melhor nome houver então... disse Angelo alegremente, emquanto, sentado á borda do leito, ia atando os cadarços das botinas. Arriscar-me-ia a deixar tudo para as calendas gregas...

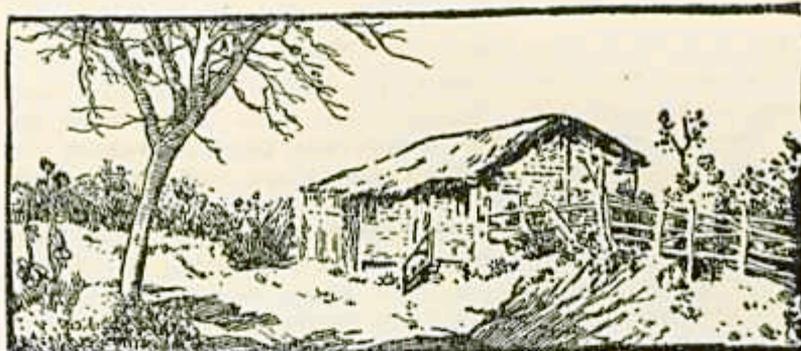
— Não digo que a reforma virá hoje nem amanhã...

Mas estou certo que chegará muito mais depressa do que se pensa. Ah! então dos burguezes da tua especie, acrescentou Leonardo com um riso largo, passando a mão pelo pescoço a modo de cortar, num gesto de desmesurado polichinello. Não teremos piedade... *Ecco. E até logo. Non si può parlare sul serio con te. Mille felicità.*

(*Continúa*)

J. A. NOGUEIRA.





A AMERICA E A GUERRA (1)

O CASTIGO

Um continente havia entretanto immune destas praticas malignas. Era a America.

E' da vossa lembrança como nasceu e cresceu. Foi fructo da colonisação europea quando a terra, ainda reduzida, estava por senhorear, e as caravellas afoitas varreram as aguas na conquista do desconhecido. Como se operou essa colonisação e o novo mundo se dividio entre inglezes, hespanhóes e portuguezes, é de hontem. A raça dos conquistadores caldeu-se em outras novas e superiores, com novas formulas e novos ideaes, capazes por si sós de emancipar o continente e de o preparar para a vida de liberalismo, a que estava indiscutiavelmente fadado. Reflecta-se no colosso que era o novo mundo ao começar o seculo XIX, e ter-se-á prova de que epopeia maior não podia haver na historia. Eramos apenas algumas colonias esparsas, exgotadas pela metropole, divididas por desertos immensos, arruinadas pela má administração, sem exercito, sem recursos, sem auxilio, sem nada. Bastou que corresse por todas o fremto da independencia, para que os regimentos se improvisassem e os homens apparecessem, em um decennio de peleja, de heroismo e de redempção.

Uma revolução como a americana, que se levantava do nada, e tinha contra si todas as armadas reaes de sujeição, podia permittir-se de masias e desfechar na violencia e no governo absoluto. Assim não aconteceu, porém. Se as vicissitudes da luta pareceram dar, neste ou naquelle sitio, o predomínio ao poder da espada, este para logo cedeu com o

(1) Vide numeros de Dezembro e Março

restabelecimento da ordem publica e a restauração das liberdades ameaçadas.

Tomar os puritanos da Nova Escossia. Uma questão de impostos é o pretexto para a revolta. Elles tinham dito em 1765: «El pueblo, el populacho, como se le llanta, tiene derechos anteriores a todo gobierno terrestre, derechos que las leyes humanas no pueden ni revocar ni restringir, porque derivan del gran legislador del universo.» E' com esse codigo de direitos do homem que em Lexington se terçam as armas. *Todos os cidadãos nasceram iguaes*, consigna a declaratoria da independencia de 4 de Julho de 1876, e a affirmação desse principio marca para sempre a America no convivio das nações. Um nome a personalisa magistralmente, George Washington. Comparae-o aos creadores de nações, e elle se sobrelevará sempre pela moderação, a sabedoria, um raro equilibrio das qualidades mestras do estadista. Invencivel na guerra, foi invencivel tambem no beneficio da paz, e invencivel pareceu ainda pelo futuro adiante, quando baixou, para seus compatriotas, aquelles memoraveis conselhos que foram a *Farwell adress*. Por isso o chamam na sua grande terra *first in war, first in peace, first in the hearth of hid countrymen*. Foi de Chateaubriand a confissão admiravel: «Alguma cousa de silencioso envolve as acções de Washington; elle age de vagar; dir-se-ia que sente ser o mandatario da liberdade no futuro e teme compromettel-a. Não são seus proprios destinos que traça, são os destinos do seu paiz; não permittte dispor do que lhe não pertence... Procurae as florestas desconhecidas onde brilhou a espada de Washington. O que achae? Tumulos? Não: um mundo. Washington deixou os Estados Unidos como trophéo no seu campo de batalha.»

Que contraate singular o desse cidadão benemerito com o vulto colossal que emancipou tres republicas sul-americanas, numa luta que é uma das mais tenazes e atrozes da historia contemporanea! Em Simão Bolívar casavam-se as ambições com os predicados moraes. Tudo eram contrastes. Dir-se-ia que o meio, em que actuou, com seus vulcões em colera e seus céus de procella, não podiam admittir outro mandatario. Defeitos, qualidades, vicios, benemerenciãs, tudo era grande, desmedidamente grande, como grandes eram as exigencias da luta, suas vicissitudes, os successos que teve, as contrariedades que adversou, os golpes de infortunio que aqua e acolá, reiteradamente, o envolveram. Suas campanhas militares foram dignas do seu renome. Sua acção politica deixou traços indeleveis na formação do continente. Nada havia comparavel á sua actividade sem descanço, ás suas qualidades de mando, á sua envergadura superior a toda adversidade. No auge da potencia, seus sonhos são de um dominador sem rival. Elle quer a America livre pela mão da Colombia e intenta passear por ella as suas hostes victoriosas. Quando lhe é adversa a sorte, e erra pelas Antilhas, a vontade não se lhe dobra, posseso da sua função de libertador. O resultado é a victoria definitiva sobre a Hespanha, em doze annos de peleja que só seu braço podia dirigir e vencer.

San Martin que vem do sul, ao seu encontro, afim de conjugar com elle o esforço emancipador, tem outra feição. Nenhuma ambição o domi-



na, calculo nenhum violento possui. Executa um plano longamente amadurecido, que inspira toda a sua existencia e vae emancipar a outras republicas da America. As difficuldades internas de seu paiz não o preoccupam, porque sabe que a Argentina as vencerá consolidando-se definitivamente. Uma desobediencia celebre o faz ir sempre por diante, atravessando os Andes numa acção memoravel, que será o eterno orgulho das suas armas; e tambem liberta povos. Sua personalidade caracteriza-se por uma notoria nobreza. Um fatalismo bem equilibrado norteia suas acções e delle é aquelle lemma de que *serás lo que debes ser y, si no, no serás nada*. Sua proscricção voluntaria é o indice mesmo da sua natureza no choque com o outro, grande como elle, como elle immortal, fortes ambos para levantarem a America livre, mas differentes para nella juntamente viverem. Deulhe razão o tempo, com a reposição da Colombia, da Venezuela, do Ecuador, na liberdade ephemeramente desaparecida.

A nenhum prohomem da independencia americana se assemelha, entretanto, o vosso Artigas. Se seu irmão, como se disse aqui mesmo, pela bocca de um americano eminente, é George Washington, pela comprehensão madrugadora do dogma democratico, elle parece maior do que o morador de Mont-Vermont, pela estoica resistencia que adversou e o amargo exilio em que se sumiu. José Artigas não merecia, senhores, as sombras em que desapareceu, mas teve como compensação o consolo de saber de longe a Patria redimida. Elle não viajou, não comparou povos, não libertou nacionalidades, mas teve um objectivo maior e mais difficil, que foi a criação e a consolidação da independencia na propria terra. Pela situação desta, pelas difficuldades que a cercavam, os adversarios que tinha, os recursos que a custo reunio, era tarefa quasi fóra deste mundo; é só um punho glorioso, ao serviço de uma cabeça immortal, a podia realizar. Lutou Artigas heróicamente pelo seu ideal de todas as horas, ignorado dos homens, calumniado na historia, correndo as campinas na improvisação da defesa, apparecendo aqui para surgir acolá, imagem da sua terra, como ella invulneravel, altiva e grande. Uma penna vossa, que é o orgulho da America, traçou definitivamente o perfil do heroe, em termos inappellaveis. Eu o li commovido senhores, e bemsisse o meu paiz, contra o qual colonia ainda, tambem pelejaram com denodo as meias luas de Artigas, por tello collocado onde deve estar, no nosso Itamaraty, ao lado das entidades mais primazes da emancipação americana. Não procederá differentemente, estou certo, a outra margem do rio, adversaria outrora tambem do antigo sargento de Blandengues que declarou infame e cuja cabeça poz a premio. A historia tem o seu curso immutavel. Sobre a acção passageira dos homens e as divergenças que os separaram, paira afinal o sentimento da justiça, unindo-os a todos na mesma obra definitiva, que cada um vio atravez seus anhelos e paixões, que nenhum deixou de sincera e bravamente realizar, e que de todos recebeu o mesmo e inquebrantavel esforço: — a obra da America livre e republicana. A parte do Uruguay foi particularmente de relevo como deixou dito em plena formação, ao clangor das batalhas, num dos seus admiraveis papéis, a vossa maior gloria civil e militar: «Nuestra historia es

la de los heroes. El caracter constante y sostenido que hemos ostentado en los distintos lances anunció al mundo nuestra grandeza. Sus monumentos magestuosos se levantan desde los muros de nuestra ciudad hasta las margenes del Paraná. Cenizas y ruina, sangre y desolacion, ved ahí el cuadro de la Banda Oriental, y el precio de su regeneracion. Pero ella es pueblo libre!»

Nessa tragedia colossal de um continente inteiro levantando-se entre o fumo da peleja, para a conquista do sex desejo mais caro, se varios são os obreiros, umá só é a finalidade benemerita. Admirar não seria, senhores, que depois desse choque formidavel, nascesse a America legitimista e oppressora. E assim vós sabeis que não foi. No topo flella, ao acabar da peleja, foi dito que esó a monarchia podia consolidar a patria recém-nascidas. e responde o patriarcha immediatamente com a repulsa absoluta: «Ningun suceso, en el transcurso de esta guerra, me ha affligido tanto como saber que tales ideas circulan en el ejercito. Busco en vano en mi conducta que es lo que ha podido alentarnos a hacerme una proposición semejante, que me parece preñada de las mayores desgracias que puede caer sobre mi país.» Quando a realza se emplantou no Mexico, logo depois tambien de sua independencia, ruio o throno por terra porque eguaes eram os direitos de todos e privilegios de casta não se podiam admittir. Maximiliano depara, mais tarde, prova tragica dessa verdade nacional. No Peru', não tem raizes o aparato da Monarchia, que o protector bem intencionado pretende instaurar, promptos todos os cidadãos na defeza dos seus mais caros direitos. Cahe na Nova Granada o governo artificial da monarchia, que um chefe summo, na paixão sensual do poder, tenta firmar, obrigado, enfim, a dizer que uno es el despotismo militar el que puede hacer la felicidad de un pueblo ni el mando que puede jamás convenir a la republica... Un soldado feliz no adquiere ningun derecho para mandar a su patria; no es el arbitro de las leyes ni del gobierno: sus glorias deben confundirse con las del país...» Prega no Chile o vencedor de Maipú as vantagens do governo livre, fiel á sua maxima favorita de que o soldado é o mandatario da nação e a guerra só se faz com os principios moraes. Na Argentina repelle a opinião as velleidades do throno, que o preceio da reconquista hespanhola acende nas cabeças dos seus maiores homens, enquanto no Paraguay a dictadura dos Francias e dos Lopez vae ter fim pela obra de uma colligação liberal, e o Uruguay escreve pela mão do seu fundador esse papel memoravel que são as instrucções do anno XIII. Foi aqui uma verdade primeira que no povo está a fonte de toda a soberania e que tudo que disso discrepar não terá o consenso da nação. Ha nada mais confortador que o exemplo singular do vosso guerreiro, em plena formação de nacionalidade, convocar os delegados do povo e entregar-lhe, de animo sereno, os attributos da soberania? «Mi autoridad, disse Artigas perante o Congresso de 1813, emaha de vosotros y ella cesa por vuestra presencia soberana. Vosotros estais en pleno goce de vuestros derechos. Ved ahí el fruto de mis ansias y desvelos, y ved ahí tambien todo el premio de mi afan. Ahora, en vosotros está el con-

servalo.» Assim como estatuiu um eminente chefe de estado nestas paragens «um continente entero con veinticinco millones de almas fué conquistado para la Republica, y este continente, casi igual en extension a la mitad del orbe, articulado por gigantescas montañas y rios inmensos que lo penetraban, extendiase de polo a polo, estaba banado al oriente y al occidente por los mas grandes mares del planeta, poseia todas las riquezas naturales y en sus variadas zonas podian aclimatar-se todas las razas de la tierra como si hubiese formado en el plan de la creacion para un nuevo y grandioso experimento de la sociabilidad humana, con unidad geografica y potencia fisica. La republica, aclimatada en el, lo predestinó desde temprano a esta renovacion del gobierno, y su unificación republicana por el hecho de la revolucion de Sud-America, dió su grande y verdadera importancia a su constitución geografica e su constitución politica.»

Falando perante a Universidade de Wiconsin disse Joaquim Nabuco, numa pagina admiravel, do quinhão da America na civilização. E ao livrinho *De l'influence de la decouverte de l'Amérique sur le bonheur de genre humain*, do abbade Genty, respondeu com Elliot que cinco grandes contribuições se assignavam como incontestaveis. Vós sabeis quaes são ellas. A primeira substituiu a guerra pelo arbitramento, de modo a solven sem canhões os litigios internacionaes; e conheceis qualo consolador exemplo foi esse no trato da historia americana: para falar sómente de nós, preceituu-o na sua constituição o Brasil, executando-o, a cada passo, e levantando-o alto o Uruguay com a assignatura de um tratado, cujas benevolencias Balthasar Brum sobrelevou num discurso que constitue um dos seus maiores titulos á consideração universal. A segunda, era a mais larga tolerancia religiosa, de maneira a permittir que, sob os céus americanos, todas as crenças e todas as religiões vissem livres, como de facto viveram e existem; e este bem é incalculavel. A terceira erigia o suffragio popular como expressão da soberania de cada um, de modo a se banirem todas as tyrannias e terem pleno exercicio os direitos essenciaes do cidadão. A quarta demonstrava a aptidão de uma grande variedade de raças para o uso da liberdade politica. O quinto finalmente, resumia-se na diffusão do bem estar material entre a população, banidas as diferenças de classe e diminuidas as angustias que separavam ricos e pobres.

Praticando esses principios salutaes estava a America naturalmente fadada a uma união cada vez mais íntima e bella entre os que a compunham, como de facto succedeo. O panamericanismo, ou melhor o inter-americanismo, ligou cada vez mais as nações do continente, e fez delle uma região aparte, de unidade pacificadora e de trabalho. Não havia aqui opprimidos e oppressores. Não havia desigualdades de castas. Ambição que se levantasse, logo se vencía. Eram as classes militares organs do estado, garantos de sua vida e do seu progresso, e jamais instrumento de dominio interno ou expansão exterior. Nações escravizadas não tinhamos. E da convicção de todos, latinos e anglo-saxões, foi a affirmação do quinto presidente em 1823, em Washington, quando firmou que a America viveria na democracia e nenhuma de suas terras se subordinaria jamais ao dominio

estrangeiro. Vêde como a hora actual se filia aos primórdios da vida na terra de Monroe, ao empunhar Wáilson o facho que illumina o mundo e com elle nos acena, a todos, para a reacção salvadora.

Como o Brasil respondeu ao appello, não o ignoraes. Tínhamos tido contra, nós em cincoenta annos de reinado liberal, o preconceito da monarchia, quando realmente a nação se educou na pratica do mais puro constitucionalismo e gosava, como a America inteira, de todos os direitos da civilisação. Este affeiçãoento das formulas reaes implantadas no Brasil com D. João VI, pelo meio americano, que as transformou radicalmente na mais acabada democracia, foi uma prova admiravel de que aqui não se admittiam privilegios e todos nasciam eguaes diante a lei. Tal pareceu o renome liberal de nosso governo, que nestas paragens mesmas, e antes que a denominação do edificio constitucional brasileiro se transmutesse em republica, chamou-se ao Brasil de democracia com corôa... A terra que em 1789 pregou a revolução com Tiradentes e pediu sob as armas o governo livre e a abolição de todas as taxas, seria, como foi, fundamentalmente democratica. Não o reconhecesse o consenso geral, e eu agora reclamaria para ella a gloria de duas campanhas memoraveis em que os nossos braços, os vossos braços, os braços argentinos juntos aqui batallharam pelq desthronamento de duas tyrannias sanguinarias.

Outra attitode não era tambem de esperar do Uruguay, cujas velhas tradições de liberalismo o marcaram tão accentuadamente no trato das nações. Antes da independencia, já mostrava elle, com denodo sem equal, como se defende a terra natal contra as fragatas de alem-mar, pois que foi nesta Montevideo formosa que a Reconquista teve sua base de resistencia, e della partiram os primeiros choques que ao inimigo adversou. Mais tarde, é uma epopeia sem equal a consolidação de vossa autonomia. Para se não subordinar ao jogo estrangeiro, o paiz esalla-se em massa, num movimento unanime de reacção, tão nobre e tão grande, que não topa parallelo nos annaes do mundo. E quando renhida vae a refrega pela sua soberania e a America, em ebulição, porcurava a forma de sua organização politica, é ainda o Uruguay que, num documento celebre, antes do resto do mundo, consubstancia definitivamente todas as franquias e direitos do cidadão com a independencia, a federação, os poderes autonomos equivalentes, a liberdade civil e religiosa, o commercio aberto para todos, a abolição das taxas interprovinciaes e a igualdade sem excepção... A esse codigo se prende, atravez a evolução de um seculo, o admiravel aparelho de governo que é hoje a vossa constituição. Foi com a invocação tacita delle que rompeu a Republica relações com o despotismo do ultra-mar.

Eu não sei, senhores, se a tragedia, em que se vae hoje o mundo, ainda fará correr muito sangue. Qualquer que seja, porém, sua duração, ella não pode findar senão pela victoria de todos os principios moraes e politicos, que constituam o apanagio da humanidade e que a Alemanha de Guilherme II tenta destruir a todo custo. Criminosa por uma norma de complacencias, de super-armamentos e contratados, a Europa paga cruelmente o seu erro, e espera com os olhos no céu o termo dos seus innener-



raveis soffrimentos. Uma ambição elevou-se alto nella, e ella deixou-a obrar. Uma casta militar apoderou-se nella de um throno, e durante 50 annos meditou o que agora vedes. E' da luta entre a democracia e a autocracia que se trata. E' da defesa dos direitos dos pequenos em face dos potentados que se cuida. Ha uma justiça immanente, que cedo ou tarde castiga os que claudicam. Bismarck, que foí o organo infernal da Allemanha nessa trama sinistra, despediu-se como um domestico. A nação terá tambem sua hora de juizo final, não pela ingravidão de uma cabeça coróatla, cheia de orgulho, mas pelo julgamento de todos os paizes honestos da terra. Para os quaes o direito existe, a moral liga os homens, e justiça e honra não são palavras vãs.

HELIO LOBO





CARRILHÃO DE SYMBOLOS

I

A BONDADE E O SONHO

Cercada por grandes javalis e pequeninas viboras, numa floresta mais espessa que as do Amazonas, a Bondade procurava livrar-se do bando de porcos e ophidios que a assaltavam. Embaraçava-se a pobre nos cipós, querendo fugir aos monstros que pulavam ou rastejavam furiosos entre os galhos e troncos negros do mattagal invencível,

A Bondade, de vestes esfrangalhadas nos espinhos, sentia em pleno peito o halito dos animaes de que fugia, quando pôde saltar para o circulo de luz de uma clareira. Emfim! dissera comsigo a meiga mulhersinha, poderá o sol, sendo um Deus, espantar os javardos e reptis. Debalde, porém, a Bondade ficou hirta e resignada, á espera da calma na aberta da floresta.

Outros sêres extravagantes e mais ferozes juntaram-se para a atacarem de novo na clareira luminosa. Foi então que a Bondade viu perto d'ella, distrahido a brincar, num leito de musgos e folhas seccas a figura leviana e transparente do Sonho. Iria tentar chamar em seu socorro ao Peregrino da Noite e fazel-o sahir do mundo de suas distracções para o sombrio terror d'aquella realidade.

A Bondade por varias vezes fez menção de sacudir o Sonho. Mas, se ao seu sobresalto o Sonho gelado de susto, nunca mais voltasse com suas fantasias aos brincos da floresta?

Já semi-devorada por todas as serpentes e feras da terra, a Bondade consultando o proprio coração, preferiu morrer a interromper o Sonho.

A ARTE E A VIDA

Naquelle jardim abandonado aos fogos merencoreos da tarde passeava lenta e pensativa a Arte, dando o braço á Vida. Discreteavam ambas embalsamadas nos vapores do aroma que languidamente subiam em despedida das corollas estioladas ao bafo do calor do dia. Suspiros tenues vinham das moitas floridas. Ramas pendiam no ar, balançadas nas melodias indecifreveis que o crepusculo tange, harpejando as cordas negras e sensuaes da Noite.

— Através de ti, oh! Arte! sinto as consolações inefaveis sem as quaes esta hora e este jardim me levariam ao suicidio, recitou a Vida, sentindo o calor do ente harmonioso que lhe estava ao lado.

A Arte volvendo os olhos ao céu, onde se accendiam cirios aos milheiros, estremeceu sorrindo com divino enlevo.

— Tu és o unico bem do desterrado humano, continuou a Vida, em balbucios á companheira. Trago nas carnes o pó da sepultura. Sou a condemnada ao insulto que merece tudo quanto murcha e acaba. Sem ti, creadora da Belleza e da Immortalidade, o pequenino ser que em mim soffre, desespera e perece, teria o nojo de si mesmo. Não adormentas á semelhança do ether, nem allucinas tal o haschisch. Renovo-me nas tuas aspirações. Sou toda uma aza espalmada para o infinito. Vida sou, por tua causa.

— Sem mim continuarias eterna, replicou a Arte.

— Mastigando o meu destino, feito um triste ruminante. Quem poderá viver sem ti?! exclamou a Vida.

E a Arte, resplandecendo como a lua que surgia na

serra, apontou para uma esponja de carne, a coaxar na lama do jardim:

— Aquelle sapo escarrapachado e cornudo.

A noite começou a fazer vibrar o luar.

A VERDADE E O SOPHISMA

Senhora rica, de grande altivez e ousadia, a Verdade, uma bella manhan rebuscou nas arcas e nos alforges um bocado de pão e a ultima mealha e nada mais encontrou. Estava reduzida á misera situação da cigarra lafontaineana. Gritara por toda parte os seus axiomas irrefutaveis e firmara desassombradamente principios basicos, defendera orgulhosa as theses da Sciencia.

Havia gasto saúde, tempo e fortuna no exercicio dos ditames sagrados de sua consciencia recta e illuminada de sábia conhecedora dos segredos da Vida e do Universo. E alli estava a soberana, sem um osso para roer. A quem pedir uma esportula? A vizinha Mentira prosperava, tão gorda que parecia uma hydropica; se fosse bater á aldrava da porta d'essa prostituta? Se supplice dissesse que lhe invejava o senso pratico de gozadora do mundo e vencedora da Terra?

A Verdade sentou-se e as lagrimas começaram a lhe correr pelas faces, fios de perolas que infelizmente ella não poderia mandar á casa de penhores.

Temendo que o jejum a puzesse no escabello sem mais forças para uma palavra ou gesto de desafogo, a Verdade debruçou-se á janella do seu palacio encantado, para distrahir-se vendo rolar no céo as esferas lucilantes dos astros, que ella medira por meio do compasso e da ampulheta de Copernico e Gallileu. Na rua nenhuma alma. A brisa enchia o espaço com o farfalho de sedas inviziveis. Depois de algumas horas de extasis no seu balcão, a Verdade tentava recolher-se de novo ao banco de repouso, quando o Sophisma, alarmado e sinuoso, achegou-se á contemplativa.



- Soffres?
- Morro de fome, sem um vintem de meu.
- Aceita este sacco de ouro.
- Só me poderias dar ouro falso. E a Verdade, desabafando-se dos véus que lhe envolviam a face radiante, voltou-lhe redondamente a cara, recusando sincera e altiva a ostentosa esmola do Sophisma.

A LIBERDADE E O AMOR

Amor, um menino arcitenente divertia-se a mandar settas para o ar, com evidente risco de se ferir a si mesmo. Montes de creaturas rebolecavam-se em torno do pirralho, sangrando feridas á semelhança de guerreiros abandonados no campo de combate para o festim dos abutres e chacaes.

Autor d'essa carniçaria e cansado de causar tanto mal, queria agora o Amor frechar as estrellas, uma a uma. Já se lhe aborrecera de alvejar tanto coração humano. Exercitara-se até em offender as rosas e os pombos. Fatigado da terra pretendia então crivar a tampa azul do céu dos seus golpes de louco sagittario.

Irritada de vêr o Amor nessa vadiação cruel, sua mãe puxou-o pelas orelhas e amarrou-lhe os pulsos a umas fortes cadêas, que Vulcano forjara nas conceituadas forjas do Grande Tartaro. Depois, o aferrolhou na gaiola vasia que hospedara um urso da Scythia.

— Ficarás ahi para sempre, disse a formosa megera, furiosa contra o genio malevolo do filho.

Já velho o Amor, que encanecera nos grilhões, divertia-se a frechar o peito das abelhas que inadvertidamente lhe passavam entre as grades da jaula. Tremulo ancião tinha ainda o Amor o pulso firme de um jovem archeiro real. Foi por um meio dia de outono, que pelo parque pagão do Amor prisioneiro, a Liberdade appareceu com a sua mania de quebrar as portas dos ergastulos. Entrou arfando para cumprir a sua caritativa missão.

Preparava-se a Liberdade a torcer os varões de bronze,

como o esteireiro arranca os juncos seccos do charco, quando o Amor lhe perguntou:

— Quem és?

— Irmão, meu pulso é um ariete. Venho despedaçar-te os ferros de escravo.

— Dando-me ar, estrangulas-me. Livre, só para extinguir-me. E o Amor chorava para que o deixassem no carcere, onge gostosamente se condemnara a curtir as suas culpas e a viver morrendo.

A ILLUSÃO E O ACASO

No meio de um campo tapeçado de ervas macias e crespas a velha Illusão, com os cabellos de neve, a face murcha, os olhos apagados e cinereos sentava-se á beira de um arroio, aguardando o novo encontro com o caprichoso amante de um dia, o senhor Acaso. Enquanto não apparecia o amigo, mirou-se a Illusão na agua que lhe tocava a fimbria da saia flammejante e bem talhada seguindo os caprichos e rigores da rainha Moda.

Ainda linda se achou a Illusão. Pareceu-lhe a propria face rosea e fresca, os olhos distinguir-os de verde-mar palhetado de sintillações e a bocca de roixo pallido offerceu-se-lhe de labios tão vermelhos como se fossem molhados num summo purpureo.

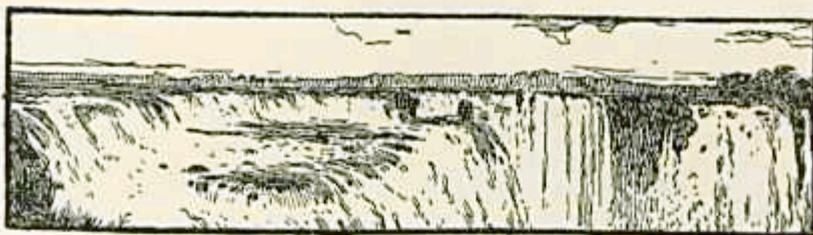
Sou sempre bella, murmurou comsigo a Illusão, pregueando de um sorriso que julgava irresistivel o rosto mais vincado de rugas que uma charruada. Se elle hoje vier, esse tonto Acaso, hade repetir a mesma confissão de amor com que hontem me fez estremecer o coração.

Nisso o Acaso, fazendo curvas extranhas com os seus passos de embriagado, passou semelhante a um fantasma na paizagem, sem sequer attentar na Illusão, que com tanto afinco vivia a pensar nelle.

Não tendo podido atirar-se aos braços do Acaso, a Illusão começou a soluçar desilludida.

ALBERTO RANGEL.





A TRAMA DO VALIDO

Na noite escura e o secretario da puridade do conde d'Arcos não havia chegado.

D. Marcos de Noronha e Brito, na sua farda azul, elegante e magestoso, com o porte senhoril que inda guardava do tempo do seu vice-reinado, de um lado para outro, impaciente e nervoso, passeava no espaçoso aposento do seu palacete do Areal.

S. Exa., conde d'Arcos e marechal de campo, ou capitão general, não costumava esperar; dava ordens e em pouco as via cumpridas. Sentia-se, por isso, agitado dentro de sua camara particular onde, desde quatro horas da tarde, aguardava Miguel Praxedes, homem de sua privança, auxiliar dedicado, leal e discreto, incapaz de traição e inócua de intrigas.

Febril, impaciente, começou a imaginar os motivos que retardavam Miguel Praxedes; rodopiavam-lhe no cerebro os mais oppostos pensamentos até que uns laivos de suspeita principiaram por perturbar-lhe a tranquillidade.

Havia incumbido o seu auxiliar, confidente e amigo, de uma missão espinhosa e grave; a politica do principe regente atrapalhava os negocios da colonia e a convocação de eleitores que deviam approvar a retirada de d. João VI consistia na mais perigosa cartada á situação da corôa. D. Marcos, fóra da administração publica, enredava a trama contra os planos de Thomaz Antonio, o ministro arguto, e, se lhe descobrissem as machinações, funesto seria o seu futuro.

Miguel Praxedes conhecia-lhe todos os projectos; bandeando-se ou capturado, trahindo o segredo ou posto á polé para confessar a conjura, transformaria, em réo de lesa-magestade, o discricionario governador, que outr'ora punira, e fizera executar, com o padre Roma, os revoltosos de 1817.

E o conde d'Arcos, cada vez mais inquieto, mais preocupado, consultava o relógio, tocava em documentos sem lê-los, ia á estante buscar os folios não conseguindo manuseá-los, desassoçado, inhabil a tentar qualquer distracção apaziguadora de seu espirito fluctuante de duvidas e receios.

Subito, ouviu o rumor de vozes estranhas na larga calçada da entrada do seu palacio; correu á gaveta da sua secretária, apanhou do fundo um par de pistolas, aperrou-as: — chegou á janella, levantou o caixilho de vidraria branca em miudos quadriangulos e bradou do alto:

— Quem está ahí?

Uma névoa espessa descia por todo o campo de Sant'Anna; apenas a chamma oscillante de uma candeia de azeite mal reflectia, sobre o pavimento arenoso, circulos amarelados. A torre esguia da capella de S. Gonçalo avultava á distancia, na escuridão, como uma pyramide negra; o chariz das lavadeiras sumiu-se na penumbra deitando um fio d'agua pelo solo enlameado. Eram recamos de todo aquelle velário preto os lampejos mortiços da escassa illumination que prestava a orientar o raro transeunte que, nalguma mula chouta ou dentro de tipoia fortemente atrelada, precisasse cruzar aquelle ermo, depois de sol-posto. Ninguém respondeu á interrogativa do fidalgo.

Estirara no ar o eco do batido de pesada cadeirinha sobre o lagedo e as palavras do fidalgo ficaram abafadas pelo rijo choque repercutindo com vibração na calada da noite.

O conde, porem, estremeceu; não divulgara o que se desenrolava allí: — ardendo em colera, proferio uma ameaça empunhando a arma com a mão vigorosa e firme:

— «Canalhas! Não querem falar!»—E deu um impulso ao gatilho, alvejando o charco fronteiro. Immediatamente, seguio-se um gemido vago de quem se vê difficultado no andar ou traz os membros paralyzados por dôr crueciant e prolongada.

— «Feri alguém»: — rosmeou consigo d. Marcos. E gritou intimativamente:

— «Inda ha outro, si continuam mudos!»

— «Olá, — retrucou uma voz de timbre rustico, mas

desembaraçadamente — Foi para nós o tiro? Queres nos dar cabo dos canastos, maldito! Melhor fôra que cá vieses nos ajudar a levar lá acima o escrivão do sr. conde; o pobre do homem sem poder andar com a caimbra que lhe deu e tu prompto a liquidal-o. Bandido!»

— Espera! — replicou d. Marcos. E, atravessando veloz a sala em cujas paredes sombreava o seu vulto, chamou o criado e, pressuroso, desceu á porta em socorro de Miguel Praxedes, a quem, naturalmente, succedera estranho accidente.

O conde d'Arcos approximou-se de seu servidor, illuminando-lhe o rosto com o brandão que o famulo trazia, de braço erguido.

— Que te aconteceu? — indagou, interessado, o antigo governador do Rio de Janeiro. Miguel Praxedes, com a physionomia contrafeita, quasi sem poder articular a perna, segurando o joelho, explicou:

— «O rheumatico, sr. conde. Tres horas na mesma posição; quando me levantei estalou-me o tendão e, logo, isto que V. Exa. está a ver.»

— «Mas não te sobreveio nada de maior?» — inquiriu curioso, frisando bem as palavras.

— «Oh! nada!» — esclareceu o secretario, arregalando os olhos, esquecendo a gotta e querendo dar provas de coragem e astucia. «Ao contrario, tuto me correu muito bem, ás mil maravilhas. Só tive esse contratempo que obrigou a arrastar-me até ao segeiro, numa viella de S. Cristovão, e alugar-lhe esta cadeirinha. Vim aos boléos por mãos caminhos e a dor cada vez mais incommodativa. Depois, aqui, inda esta recepção, o disparo que parecia sahir do lado do mangue.

— O raio do tiro podia nos matar; interrompeu um dos homens que carregavam a liteira, exprimindo o seu sotaque minhoto.

— Porque não falaram quando gritei lá de cima?

— Não o ouvimos, sr. conde; explicou o robusto mulato em quem Miguel Praxedes se apoiava já retirado do palanquim.

— Bem; d'outra vez, mais attenção. E tomem lá para a kanninha — accrescentou o fidalgo sacando da bolsa uma moeda de prata com que entendeu gratificar aquelles individuos que haviam sopesado aos hombros o mais necessario e fiel dos secretarios.

Miguel Praxedes, escoada uma hora, apparecia na sala, manquejando, arrimado a uma grossa bengala, o busto arqueado para a frente, pisando cautelosamente e, entrelaçando entre os dedos da mão esquerda, dobrada e salpicada de lacre, uma folha de papel almaço.

— Estás melhor? — perguntou-lhe d. Marcos de Noronha, vendo-o apontar ao humbral da porta.

— Graças á fricção do Antonio Boticário.

— Estimo-o bem! Por minha causa, meu amigo, padeces desde a tarde.

— Não cogite da minha pessoa, sr. conde. Ha coisas mais urgentes que reclamam seus cuidados.

— Mais urgentes?

— Sim. Pude verificar, na tarefa que V. S.^a me commetteu, os acontecimentos que se desenrolam na côrte.

— O senhor d. João não regressa a Portugal! — acudio sobresaltado d. Miguel de Noronha.

— O senhor d. João VI quer voltar ao Reino!

— A senhora d. Carlota, que sempre o contraria, naturalmente, se nega a acompanhá-lo.

— Não, sr. conde. A rainha só manifesta desejos de se ver no Ramalhão; «em meio de gente», como ella se expressa. Está farta do Brasil. O marido arreceia do seu throno; affrontará as iras que causaram a seus subditos a fugida á invasão das tropas napoleonicas e aneia embarcar para Lisboa.

— Então, que estorvos entorpecem sua magestade?

— Um homem retém el-rei.

— Thomaz Antonio por ventura?

— Thomaz Antonio, na verdade; repetio o secretario estirando ceremoniosamente no canapé de palha o corpo amarrotado da jornada daquelle dia.

— «Falas com segurança!» Avançou o fidalgo que accendeu ao candieiro de prata o grosso cigarro que acabara de enrolar.

— Saiba V. S.^a, meu senhor, que por muito tempo, na sala de despachos, o sr. d. João VI e Thomaz Antonio se demoraram em longa e secreta conferencia. Por traz do reposteiro, agachado, immovel, suando copiosamente, ouvi tudo quanto confabularam. Emquanto de cabeça pendida, a face deitada na mão espalmada e o cotovello apoiado no extremo da secretária, sua magestade murmurava uma ou outra phrase de hesitação e timidez, Thomaz Antonio, resolute, convincente, oppunha ás ponderações do monarcha a sua logica indestructivel e o seu raciocinio insophismavel. D. João empallidecia, revelava

a custo a sua opinião contraria e ficava subjugado; por fim, como argumento supremo a todas as razões do seu ministro, objectou quasi á surdina: — E a rainha? — Nisto, Thomaz Antonio inclinou-se diante de el-rei, levou-o até á janella e estendeu o braço apontando para fóra o indicador:

— Vede! senhor! Sua Magestade, vossa esposa, passeia no parque com o commandante da guarda; é dos seus habitos voltar pela alameda, quotidianamente, a estas horas. Vive bem aqui; compraz-lhe a belleza da matta, agradam-lhe os encantos naturaes desta terra seductora.—

D. João vincou na fronte uma ruga de mágua e respondeu:

— «Digo-lhe á puridade, Thomaz Antonio; por isso mesmo convém deixarmos o Brasil. De tudo, por cá, se' busca motivo á maledicencia. E a rainha, confesso, é, muitas vezes, excessivamente leviana.

— «O regente concede destas confidencias a Thomaz Antonio!» rosnou o conde d'Arcos, dando um murro no extremo da mesa.

— E' que d. João o ouve com extrema sympathia; asseverou Miguel Praxedes. Prometteu-lhe que, amanhã, decidirá da permanencia definitiva da côrte no Brasil.

— Já, amanhã?

— Amanhã — depois da reunião que o Ouvidor-geral fixou para o Rocio.

D. Marcos de Noronha e Brito curvou-se sobre a crendencia de marmore e examinou o pendulo de bronze doirado que alli poisava entre dois jarrões da China.

— «Nove horas» — disse. — E d. Pedro não chegou ainda.

— Só estará aqui ás dez. Mandou-me communicar-lhe que, antes de ser attencioso com V. S., precisa se mostrar gentil a certa dama ... do paço. Vai ceiar esta noite com a mulher do archeiro de D. João VI.

— Pelintrote!

— O sr. conde espera-o de certo!

— Que duvida!

— Então, leia-lhe esta carta.

D. Marcos, ávido de explicações e noticias, tomou o papel que Miguel Praxedes lhe apresentava. Logo exclamou:—«Letras de Manoel Fernandes Thomaz!» «Confidencias de servidores ou indiscreções de politicos!»

E de um sorvo correu os olhos por aquelle escripto, indagando depois:

— Onde conseguiste isto?



— Apanhei-o, esquecido entre as malhas de renda da almofada real.

— Na verdade, é uma epistola expressiva. Os negócios de Portugal turvaram-se e d. João deveria ficar apprehensivo. Compreendendo, agora, os enredos de Thomaz Antonio e as tenções do monarcha; um, intelligente, acautela aqui o poder que vê abalançado na metropole e o outro, obtuso soberano, suppõe amparar o absolutismo, fazendo-se rumo de Lisboa a tomar conta do throno embrechado. Portanto, mais que nunca, é mister agir. Thomaz Antonio não repetirá mais que «d. Marcos de Noronha só sabe impugnar».

E soltou uma risada, secca, ironica, penetrante.

O conde d'Arcos, informado dos intuitos do rei, sentou-se á secretária e compulsou varios papeis. Miguel Praxedes repoltreara-se no canapé e, fatigado, cochilava. A sala inundara-se de enorme silencio; escutava-se, unicamente o crepitar dos pavios das velhas das serpentinas.

D. Marcos Noronha amontoou alguns manuscripts, amarrou-os e chamou:

— Miguel, ó Miguel.

O secretario não despertou. O conde falou mais alta e não foi attendido; approximou-se do seu auxiliar e notou que dormia um somno pesado. Ia a sacudil-o, acordal-o quando, repentinamente, entrou acobertado na capa de panno escuro, chapéo braguense entestado no sobr'olho, um rapazola desenvolto. O conde fixou-o, não o reconheceu de prompto; mas o mancebo, puxou-o, meio brutal, sem o menor respeito ao graduado militar, murmurando:

— «Deixa este animal roncar. Vamos a saber do que convem».

O conde, simulando paternal affecto, saudou prazenteiro o jovem:

— «Até que enfim!»

D. Pedro, sanguíneo, os olhos brilhantes, a roupa empoeirada, bamboleando-se sobre os tacões da bota, acabava de chegar. Vinha á entrevista a que o fidalgo o convidara por intermédio do dedicado Praxedes. Trazia, bem nitidos, na face, os excessos que elle, estúrdio e devasso prodigalisara, após uma tarde d'amor, no desvão da ucharia de seu pae.

O principe, pouco apto se mostrava a cuidar de assumptos politicos; entendeu-o, logo, o atilado militar mas

sendo, entretanto, impossível adiar o encontro, atreveu-se a falar-lhe.

— Meu caro d. Pedro; no reino ocorrem importantes acontecimentos e na colônia o sr. d. João cogita de assentar a corôa. Cumpre V. A. precaver-se, attender a seus interesses e apropriar-se do governo.

— Não comprehendo seus conselhos.

— Cartas de Manuel Fernandes annunciaram gravissimas complicações e el-rei alvitrou-se embarcar para Portugal. Existe, contudo, uma pessoa influente que entrava a partida.

— A rainha?

— Thomaz Antonio!

— Thomaz Antonio — affirma-o com plena convicção! — retrucou o principe exaltado.

— «Dispõe-se a reter o senhor seu pai, principe, com o golpe que, amanhã, tentará no momento da assemblea dos eleitores. Já V. S. não ficará regendo a colônia; o sr. d. João é que levantará no Brasil o seu novo imperio».

— «Então vamos cortar o vôo ao condor» — chasqueou d. Pedro.

— Por essa razão pedi-lhe que cá viesse. Estamos sós. Promette-me sob a palavra d'honra não divulgar a nossa conversação?

— Sem duvida! Guardarei todo o sigilo, mesmo si revelar-o for a salvação da dynastia.

— Então seria capaz de entrar numa conjura que lhe alcançasse o governo do Brasil?

— Como não! — respondeu o principe num vislumbre de alegria.

— Está bem! Conte com o conde de Louzã, o ouvidor de fora, os comandantes dos fortes e dos batalhões de linha e mais alguns fieis partidarios. Tudo será bem succedido.

— Aguardo as suas instrucções, meu caro conde.

D. Pedro estendeu a mão ao conde d'Arcos num gesto de lealdade fidalga; embrulhou-se na capa, escondeu o rosto sob a aba larga do chapéo vareiro e despedio-se.

— Voltarei amanhã.

— Aapparecerá amanhã no campo do Rocio!

— Tão depressa!

— E' preciso que Thomaz Antonio conheça que a casa de Bragança se representa em Portugal por um soberano, d. João; mas, no Brasil, possuirá um lugar-tenente do reino, o principe d. Pedro.

Resoou uma risadinha atrevida e d. Pedro desappareceu.

O conde d'Arcos escolheu no escaninho da secretária duas aparas de ganso e afinou-as cuidadosamente com a ponta do punhal que desapertara da cinta; estendeu algumas folhas de papel e pôz-se a escrever ininterruptamente, os fios da pluma a oscilarem-lhe na mão.

Ao romper d'alva, quando branqueava ao nascente a primeira claridade da madrugada, o fidalgo pousou a pena no beiral do tinteiro de prata, esticou os braços, entorpecido de somno e fadiga, chamou por Miguel Praxedes que roncava, de costas, no mesmo sofá de palha. O secretario não se levantou.

A matinada dos gallos musicava lá fora em toada uniforme, enquanto a cumiada dos morros esparsia lentamente, sob uma nevoa acinzentada e calma. O buzino prolongado da corneta greste do tropeiro que conduzia a récua de muares á feira, cortou o ar em timbre rouquenho; o galopar dos machos tornou-se mais apressado e se perdeu, pouco depois, em um eco abafadiço.

D. Marcos de Noronha ergueu-se, soprou as velas que estremunhavam lampejos nas cornucópias de castiças brunidos, acercou-se do seu ajudante e saculejou-o berrando-lhe pelo nome. Abalado como a violencia do estremeção, Praxedes, o escrivão privado, sentou-se assustado, esfregou as palpebras e murmurou defrontando o amo:

— Que ha, sr. conde?

— E' já manhã. Preciso sahir. Entrego-te o meu palacio confiado na tua inequívoca dedicação. Si não regressar á tarde cumpre as determinações que te deixo ao canto da minha mesa, debaixo do bloco de amethysta.

E escoou-se por uma porta esconsa, no bico dos pés, sem fazer bulha para que os famulos não despertassem e descobrissem que o conde d'Arcos, muito cedo, contra seus habitos, andava fóra de casa.

Miguel Praxedes suspendeu a vidraça para respirar o ar fresco vindo da matta da encosta de Santa Tereza; a doirada vermelhidão do sol enrubescia o mainel da janela. Havia dormido oito horas a fio.

Mal era sol nado, d. Pedro, rodeado de quatro pagens, homens herculeos e valentes, sahia, tambem, de S. Chris-

tovão, ás escondidas, precipitadamente. A cavalgada em que montava resfolegava, chispando faúlhas na alvenaria das ruas mal calçadas. Recebera desagradaveis noticias e, aborrecido, raivoso, partira para o Rocio da cidade onde, cedo, soubera, a tropa portugueza formaria frente ao edificio do collegio eleitoral.

O principe via aproximar-lhe o instante de aventurar o seu destino; malavindo com seu pai, avisado pelo conde d'Arcos, julgava a accasião aprazada á rebellião contra o rei. E, assim, naquella manhã limpida e vivificadora em que a natureza despertava a uma luz alegre e aquecedora, sentio a viração suave do arvoredado abraçar-lhe a face encandecida da vertigem da carreira. Ao cruzar o Aterrado estacou o animal; examinou as pistolas, estavam bem carregadas.

O pagem que mais proximo o acompanhava perguntou-lhe:

— V. A. se acautela dalgum assalto? Trago ao cano das botas uma arma segura.

— Não, rapaz; previno-me apenas. Preciso, porém, de ti para um serviço de confiança.

— V. A. tenciona mandar-me a recado á sobrinha do ferrador da Guarda-Velha? A empreza de hontem excedeu em ousadia; arrisque-me, senhor.

— Imprudente! Não me lembres mulheres neste transe: o meu espirito engolfa-se em questões de relevancia. Separa-te de mim, vai ao palacio do conde d'Arcos e dizelhe que o espero no Rocio.

O famulo não perdeu tempo; esporeou a mula que o envolveu numa nuvem de pó e sumiu-se por um renque de bambús que ramalhavam, distante, escondendo os telheiros sombrios de casinhas baixas e isoladas.

D. Pedro vendo afastar-se o seu mensageiro, desenfreadamente, a toda a brida, norteou-se ao rumo da cidade.

Encavallado no seu nariz adunco os oculos de tartaruga, o Governador das Armas leu um laconico communiado que lhe enviara, áquella hora da manhã, o intendente da policia. Vestiu-se depressa, atou á cintura o correame da sua espada e entrou na tipoiá que o agardava á porta. A carruagem abalou. O afficial afundado nas almofadas, reflectia; aquella chamada indicava algum acontecimento extraordinario. Reclamavam a sua presença á frente da tropa que, desde a vespera, guardava o collegio

eleitoral: — urgia elle proprio chefiar os seus soldados porque os receiava insubmissos.

Sentia-o bem, percebia-o bem; o culpado de qualquer indisciplina dos batalhões seria elle, militar fraco, sem energia bastante, afrouxado com os seus commandados. Asseverava na tarde anterior que as intenções das companhias de linha repousavam no completo respeito ao exercicio do voto. De certo, essas affirmativas tomaram-n'as os militares á conta de covardia ou medo e, decorridas mais de vinte e quatro horas, estavam a rumorejar a tentativas de arruaças perturbadoras de uma reunião que decidiria da permanencia de d. João no Brasil.

E, com o animo transido de pesar, fluctuando de remorso, pensava elle remediar sua perniciosa complacencia, ou prendendo os rebeldes ou desembainhando a espada e jogando a vida na causa do regente. Quando attingio á Lampadosa, o governador viu as forças em evoluções; uma placidez relativa apparentava o povo que se apinhava na praça. Parou, oscilando em tomar resoluções que aventava no seu intimo tumultuado de apprehensões.

De repente, estrugio no espaço o estrepitar de aterradora descarga, e, incontinenti, numa enovelada de corpos, tresmalhada, a multidão enxameava-se de roldão avançando de escopetas, troncos d'arvores, pedaços de garrafas, roliços paos, para o edificio onde os votantes deliberravam. O governador corre brandindo ao ar a espada luzida; cambaleia mas equilibra-se: — tropeçara na cabeça de um cadaver que jazia de bruços conservando o indice no gatilho de um antigo mosquete. Abaixou-se, apanhou a arma. Caminhou encorajado; ia cumprir o seu dever resgatando o mal de ter protestado a fidelidade de seus soldados. E, digno, possesso de um delirio febril, a alma atordoada de uma especie de cruciante remorso, serpeou por entre o povo, que rugia como tigre indomavel, visando soffrear os impetos da malta amotinada que procurava invadir a casa dos eleitores.

Subito, contrahira-se-lhe a physionomia, alterada por dorida compressão no braço esquerdo. Não se pôde mover; os dedos se lhe entorpeceram e a arma rolou ao solo. Volveu o rosto e soltou um grito de indizível espanto: — segurara-o, a mão férrea e musculosa de d. Pedro. O principe, detendo-o ainda, com o olhar convulso, ardendo de raiva, gritou-lhe:

— «Animal! Não percebeste que consegui revolucionar uma companhia dos teus batalhões?»

— E' uma temeridade de V. A. impedir a marcha dos



negócios políticos. Renuncie a esses propositos que compellirão S. M. El-Rei a deixar, de hoje para amanhã, o territorio brasileiro; E quem, victoriosa a sedição, assumiria a direcção da colonia de Portugal?

— D. Pedro! — bradou uma voz energica e persuasiva. O principe e o governador deram de costas ao mesmo tempo. Junto delles, sobranceiro á rajada do motim, apparecia o conde d'Arcos que espreitava todos os movimentos do infante.

— Ah!, atalhou o governador, esclareço-me, agora, da situação. V. S.^a, senhor conde d'Arcos, teceu bem a intriga; vingou-se das predilecções do sr. d. João por Thomaz Antonio.

A patuléa se regozija em alaridos frementes. Homens silvando assobios ou ululando impropérios, inesperadamente, chapejam no espaço as mãos batendo palmas, agitados, remessivos, desvairados. E' que das janellas do sobrado, babujando insultos e imprecando pragas, atiravam a mancheias, para o largo, os destroços das suas depredações, gesticulando ameaças, cerrando os punhos em gritaria exterminadora, incitando, revoltando.

O governador calou-se e, perplexo, atonito, presenciava ao desenrolar da rebellião; não sabia mais como proceder, cruzava os braços deixando que os factos tivessem inesperado desfecho. Um disparo erradio zunio na copa das arvores e abafou as vozes dilacerantes da plebe. Estala o galho de um arbusto cahindo de chofre ao barulho farfalhante das folhas. Ha um momento rapido, fugidio quebrado pelo estridor de um bravo caloroso.

— Viva d. Pedro!

— Viva d. Pedro: — repetre em côro metalico, ululante, desarvorado, o povilheo sanhudo.

A malta começa a debandar, seguindo a tropa desordenada que toma o lado do quartel. A claridade azulada do dia illumina a esplanada do morro de Santo Antonio e o sino do Sacramento tange a sahida do viatico. Decorrem poucos minutos e o parcho da Sé surge no Rocio, sob a umbela adamascada, caminhando embuçado no véo d'hombros, precedido da garotada que entoa o *bemdito* numa plangencia desafinada.

— «Vai Deus receber, talvez, um desconhecido vas-salo que morre heroicamente pelo seu rei»: — disse com expressão compungida o governador.

— «Ou de certo, um patriota sincero que se insurgio, com coragem, contra as oppressões do seu soberano» — retrucou d. Marcos de Noronha.

D. Pedro cingio á cintura o governador das armas e num carinhoso abraço, aconselhou:

— «Deixa-te de parvoices. Vencemos. Amanhã no palacio do Areal».

— Si o pai de V. A. se retirar logo á noite.

— Faze o que te approuver.

E apartou-se com o conde d'Arcos, descendo a rua do Cano. A' esquina da Vala, despedio-se.

— Não quer servir-se da minha carruagem?: inquirio d. Marcos. Tenho-a na Carioca.

— Obrigado. Depois desta esfrega só a companhia de uma mulher. Vou almoçar com sóror Maria da Luz!

— No convento?, interrogou, admirado, o brigadeiro.

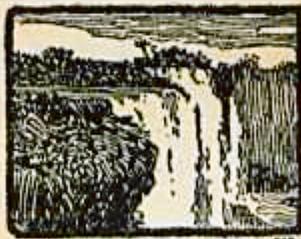
— Numa casa da subida do Castello onde ella se acha com licença do Ordinario!

— «Oh! a mocidade! a mocidade!» — murmurou tristemente, numa vaga recordação, o ultimox dos vice-reis do Brazil.

Eram 11 horas da manhã.

Rio, 12—5—918.

THEODORO MAGALHÃES



(GRAVURAS ANTIGAS)



D. LALATISSE

Comboio de diamantes em Cabeté

GRAVURA DE CHAILLOT

(GRAVURAS ANTIGAS)



Caravana de mercadores no Tejuco

DESENHO DE LALASSE

GRAVURA DE CHAILLOT



CINCO ANOS NO NORTE⁽¹⁾ DO BRASIL

Notas à margem do Relatório do Dr. Arthur
Neiva sobre o Norte.

Como o leitor sabe, a capital maranhense, S. Luiz, está situada numa ilha á vista do continente.

As «gaiolas» saem do porto de S. Luiz, geralmente, ás duas horas da madrugada, afim de encontrar maré na cachoeira que fica num dos braços pelos quaes o Itapicurú se lança no Atlantico. Logo á sahida do porto, «a gaiola tem que se ver», na passagem do Boqueirão, canal sempre revolto e que é o espantallo de quem faz tal viagem. O navio atravessa diversas bahias e depois aprõa por um dos igarapés, em demanda de Rosario, primeira cidade maranhense que se encontra á margem esquerda do rio. Antes do Rosario, proximo a Cachoeira, que o viajante não nota porque a máré a encobre, existe, entre grossas arvores, uma guarita, que dizem ter sido construida pelos francezes; *si non é vero...* é um cazo que deveria ser averiguado.

Em Rosario já se está no verdadeiro leito do Itapicurú, muito embora a influencia das marés seja ahi muito grande ainda.

Quando se atravessam, á noite, as bahias de S. Marcos e S. José, contempla-se um espectáculo interessante: a quilha do navio corta a agua, e esta ao abrir-se torna-se toda luminosa devido á presença de micro-organismos phosphorescentes.

(1) Vide numeros de Janeiro a Abril.



O rio Itapicurú presta-se perfeitamente á navegação fluvial. De S. Luiz a Caxias, os navios assemelham-se aos do typo grande do rio Parnaíba, sendo sómente um pouco mais curtos. De Caxias para cima o rio é navegado por pequenas lanchas a remo. A largura do rio, que em media pode ter uns 40 metros, é muito regular; da villa de Itapicurú para baixo, até Rosario, alarga-se um pouco, e abaixo desta ultima cidade começam as ramificações, e os igarapés, contornando os deltas, influenciados pelas marés, fazem sentir seus effeitos até a villa de Itapicurú, a um dia de viagem de Rosario.

Rigorosamente fallando, o rio não tem canal, pois elle proprio é já um perfeito canal; o pratico não tem senão que dirijir o navio pelo meio da corrente. As companhias, tanto do rio Parnaíba como do rio Itapicurú, não tomam o minimo interesse pela navegabilidade dos rios. Tanto se lhes dá que o rio esteja limpo como sujo, como si a sua prosperidade não dependesse d'isso.

Com um pouco de cuidado, com uma turma que se encarregasse de retirar os páos que cahem no leito e uma draga para retirar a areia, o Itapicurú offerceria uma navegação perfeita. Infelizmente as companhias, embora isso lhes custe muito caro, não entendem assim.

Um morador ribeirinho faz uma «vasante», (uma roça á beira do rio, na barranca) e os páos que tombam n'agua ahi ficam e formam «balseiros» enormes, onde os navios batem, rompendo o casco, ou rebentam as rodas. Si uma enchente providencial não carrega esses «balseiros» elles ahi ficarão, até se consumirem, damnificando os navios, em cujas reparações se despendem verbas muitas vezes superiores á que poderia ser gasta na «desentulhação» do rio. O prejuizo se não cifra, tão sómente, nos estragos directos das embarcações. Como as aguas do rio arrastam muito areia, e como os «balseiros» formam remansos, ella ahi se vai depositando até constituir uma «corôa», em que os navios encalham e levam, ás vezes, 2 dias para sahir a poder de muito cabo e «guincho». Ora, como «barco parado não ganha frete», está claro que o navio encalhado, além do gasto que faz a alimentar os passageiros e pagar a tripulação, deixa de ganhar os dias perdidos, assim tão estupidamente.

A tripulação de uma «gaiola» consta de um commandante, um immediato, 3 machinistas, outros tantos foguistas e carvoeiros, uns 8 marinheiros, um cosinheiro e um dispenseiro e seu pequeno ajudante, que sempre estão em interminavel querella.



la-me esquecendo de fallar na figura mais importante, depois do commandante — o pratico, a quem se dá o título de mestre. O mestre vai diante do leme, sentado num tamborete ou cadeira, dando indicação com a mão extendida, pendendo ora para esquerda ora para direita, a cujos movimentos, o marujo faz girar a roda do leme, fazendo o «bicho» pender para o lado que o mestre indica.

Quando o navio encalha, é o pratico que entra em acção. Si o encalhe se dá «de rio acima», elle ordena as machinas para traz e o navio põe-se a nado. Então manda uma turma de marinheiros, quasi sempre pretos e curibocas, muito fortes, tripulando um bote, para se verificar qual o ponto mais fundo pelo qual o vapor poderá passar. Um dos marinheiros, que leva um varejão, dividido de palmo em palmo, vai tomando a «fundura» d'agua, e em voz alta annuncia, ao pratico que está na prôa com os olhos fitos no bote e os ouvidos attentos ao que o marujo diz. Se o rio não dá passagem, da mesma forma dirige o navio para o ponto mais profundo ou menos razo, e com toda força das machinas avança, encalhando-o na areia; as rodas giram ainda um pouco, na vã esperança de transpor o obstaculo. Quando a camada de arêia a ser «rasgada», não é muito grossa, o navio consegue abrir o canal e continúa a marcha; se ao contrario, tem muita areia pela prôa encalhada, é preciso um trabalho enorme e estafante para que a «gaiola» consiga vencer o «secco».

O mestre manda amarrar o cabo no tronco de uma arvore na barranca do rio, ou, se o rio neste lugar é tão largo que o cabo não alcance a margem, ou ainda não haja ali uma arvore sufficientemente forte, amarra-se uma ancora na ponta do cabo e os marinheiros, com auxilio de um bote, vão deitar o «ferro» além do banco de areia. Então, o mestre manda por as machinas a toda força, e o «guincho», deixando escapar vapor por todas as juntas, estridentemente, vai enrolando o cabo no cylindro e obrigando o vapor a avançar, abrindo caminho, com a prôa, como si fosse um arado sulcando o solo. Depois do cabo estar todo enrolado, e se ainda o navio não acabou de transpor o obstaculo, o mestre manda «dar outra espiada»: os marinheiros, com o bote deitam o «ferro» outra vez, mais além, e assim por diante, até o navio passar de todo o «secco». As arvores, onde se amarra o cabo, para «dar uma espiada», si não são fortes são arrancadas com raizes e tudo.

Com este constante roçar pela arêia, o navio, em



pouco tempo fica com as chapas do fundo estragadas, furando-se as vezes, o que põe a embarcação em perigo. Este trabalho todo se dá no verão, quando o rio está «baixo»; no inverno, desde que o rio «tome agua», a navegação é franca: não se dá nenhuma «espiada» com os cabos, o guincho repousa, a marinagem descança, lançando chalaças ás lavadeiras semi-núas que se vão encontrando pelas margens do rio e os passageiros se divertem matando jacarés que estão preguiçosamente estirados na lama.

Quando o rio está muito cheio e as aguas correm com muita velocidade, a «gaiola apanha», isto é, não consegue sahir do lugar, embora as machinas estejam trabalhando a toda força: o navio não pode vencer a correnteza.

Descendo o rio, observa-se um facto curioso: nas barrancas vê-se baixar o nivel. E' que as aguas são retidas, pelas pás das rodas, o que explica o abaixamento de nivel. Se o navio tem um pequeno encalhe, a agua que foi reprimada pelas pás das rodas, vem augmentando a altura do rio quasi de um palmo, fazendo o navio transpor o «secco», quando o encalhe se dá «de cabeça a baixo» (descendo o rio) si o «repiquete» não o põem immediatamente a nado, quer dizer que se trata de um encalhe serio e que dará muito trabalho para a «gaiola» se ver livre d'elle. As viagens fluviaes são muito pittorescas, mas os encaihes, essa nova forma de supplicio que os chinezes não imaginaram e que, jamais dão certeza do dia da chegada, são capazes de fazer perder a paciência a um santo. Si se pergunta ao commandante do dia da chegada, elle responde invariavelmente: «não sei... talvez lá para o dia tal.» E' de matar a quem está com pressa de chegar!

Ao avistar a localidade em que o navio vai a «encostar», para receber passageiros ou tomar lenha, apita, e o mestre com a mão no telegrapho ordena de «vagar»: o navio vai lentamente approximando-se da barranca; quando a proa bate no ponto de desembarque, um marinheiro só de calças, tendo o tronco todo nú, salta em terra com a ponta do cabo na mão, e depois de amarral-o numa arvore grossa, ou mourão para esse fim ali collocado, grita: «ala! ala!»; as machinas param de funcionar, e o commandante ordena «plancha». Uma taboa de uns 5 metros por 30 centimetros de largura e 3 de grossura mais ou menos, sae de bordo para o barranco do rio: é o ponto de communicação entre o navio e a terra. Começa o embarque da lenha; a maruja toda com um sacco



de «estopa» na cabeça conduz a lenha ás braçadas. Da ponta da «plancha», um carvoeiro, com uma taboa furada e dois pinos de madeira, vai contando as «lanchas» que entram.

A' noite, quando os moradores ribeirinhos querem tomar o vapor, fazem uma fogueira na barranca do rio, ou então agitam uma pequena luz, afim de que o mestre mande «encostar». E assim, com poucas alterações, descem-se ou se sobem os rios na insupitavel ancia de chegar: «vexado» por se ver livre da «gaiola».

(Continúa)

FRANCISCO IGLESIAS



Caza de Detenção

— Isto aqui foi, nos dias da Revolução, vespera da guilhotina. Dificuldades á entrada; espera de retirada de turma que precedera á minha. Pallido, um menino de nove ou dez annos, magro, recebe em devolução meia garrafa de vinho que, explica-me, trouxera para o pai, velho, doente e prezo.

Sandeu, o guia. Pergunto pela cella de Caldriac; ignora-a. Pela de Lacenaire: indica-me uma ao acazo. Não conhece Pulman e Antelmo Collet. Consente, espantado, que me eu demore no quazi circular salão onde, livremente, discutiram os girondinos prezos; é um commodo commodo; preferivel, todavia, é estar fóra d'elle.

Releio, no original, o bilhete que a piques de alfinete escreveu Maria Antonieta avizando estar de sentinella á vista. O cubiculo ao lado é o calaboucinho que recebeu Robespierre, queixo partido pela bala de Antonio (o sobrenome suja o papel: suprimo-o). Apozentada com trinta annos de serviço, vejo, por despedida a lamina que servira á guilhotina de 1820 a 1850. Conservam-na muito bem tratada; mostram-na com vaidoso prazer...

— Recolho-me triste. Ruim dia, más horas! Sonhador obstinado da liberdade, da justiça, do direito, ouvi insultos ao fraco, escutei sentenças de morte, entrei em carceres, recordei suplicios. Em caminho passei perto da «Notre Dame»; reparei-lhe na fachada, um curso de arte! Ergui o olhar. Imaginei ver, lá bem no alto, Quazimodo, labios arreganhados, arfando, escorregando, desesperado do alquimista, fitando Esmeralda e a fogueira, suicidando-se, a exclamar dolorosamente: «Oh! tudo quanto amei!»

Coizas de imprensa

— Futil, o jornalismo francez, com interesse crescente, discute a prezença do prezidente Poincaré, na Opera, no camarote de Deschanel, e o cazo muito municipal do fechamento do Café Inglez. Em Paris, hoje, a guerra balkanica é negocio secundario; passaram para o rol dos interesses accessorios: a insistencia do Montenegro no cerco de Scutari; o empenho da Austria em arrecadar despojos em prelio alheio; a vacillação da Inglaterra, sempre em consulta ao corpo eleitoral; o despeito da Allemanha, em interminavel preparo para o que der e vier.

Boa ou má, todavia, em França a imprensa é uma força que cria, sustenta e derriba governos. O jornal man-



tem partidos e modifica situações. Não ha disso no Brazil. Lá o governo sustenta a imprensa, aluga empresas e modifica gerencias. Assim é, e foi assim quazi sempre. Só conheço, em toda a nossa vida de povo independente, duas exceções incontestaveis.

No periodo regencial a sustentação do partido moderado teve na «Aurora Fluminense» sua principal escôra; e, em 1870-1, os embaraços e o tombo do gabinete S. Vicente foram promovidos e movidos pela «Reforma» sob redação e direção do conselheiro Affonso Celso.

A média de caracter no jornalismo nacional pôde ser tomada no discurso do deputado Justiniano da Rocha, em 26 de Maio de 1855, revelando e justificando os diversos preços de sua penna. O orador intervallou de soluços a franqueza de sua oratoria; não restituiu, porém, as quantias recebidas. Fundou escola.

— Tola!

— Num campo francez de manobras, na fronteira, aterrou zepelin militar allemão; tinha cento e vinte metros de comprimento. Foi aprisionado. Commoção geral. Telegrammas. Inquerito. Assustadas reticencias nos jornaes da tarde. Fechado em poucas horas o grave incidente por allegação de engano de manobra. Examinada a maquina, voltaram ella e a respectiva officialidade para o estadomaior prussiano.

O zepelin veiu e caiu especialmente para ser examinado, fotografado e estudado pelo estadomaior francez. Está erradissimo, e vai servir de modelo aos mecanicos da aviação pariziense. Foi tola a policia franceza.

Abril, 5

— Na «Notre Dame». Subi os trezentos e sessenta e dois degraus que conduzem aos dezoito mil kilos do sino grande. Amarrado, não sei por quem nem porque, mede o badalo um metro de circumferencia na extremidade. Do prolongado barulho dos repiques um outro sino, trazido da Russia, regularmente se desempenha.

Dirigi-me ao celebre, notavel e discutidissimo «Tezouro». Serão verdadeiras todas aquellas pedras, legitimos todos os brilhantes que o guarda mostra e explica? Prendeu-me demoradamente o exame o crucifixo de marfim, presente de Luiz XIV á amante capenguinha; musculos encantadores, feições pungentes.



— «Charenton». Por trinta centezimos, dois nikeis de tostão, pode-se ir do centro da cidade vizitar o afamado hospício de alienados. Percurso fluvial; barcas a vapor; os passageiros, sem as importunações dos funcionarios de minha terra, trazem embrulhos e até mudas de plantas; operarias, ganhando o tempo, tricoteam.

Errei na hora da vizita. Quando perguntei por patricio, infeliz que endoidecera com a mania de que era enfermeiro de loucos, e trazido para alli peiorara, declarou-me categoricamente o porteiro que «eu ainda não podia entrar».

Esse «ainda» é adoravel!

— «Sena». Digna de nota a pescaria na afamada arteria fluvial: tudo fiscalizado, regularizado, obedecido. Abundam fiscoes e artigos de lei. Ha especialidades em anzoes, variando as iscas conforme a estação do anno e as intenções do pescador. Tudo, tudo está previsto e preparado. Só falta o peixe: ha em Paris mais pescadores do que peixe.

— Anoitece. Escurece. Reentro em Paris pelo bosque de «Vincennes». Extraordinario movimento. Vida intensa. Quanto vicio e quanta sexualice em procura do ganho! Mas quanto heroismo oculto tambem! A fome defendendo a virgindade; a economia e a privação sitiando a regularidade nos pagamentos; velhos guarda-livros de cazas commerciaes riquissimas com a honradez dignificada pela pobreza: ha de tudo em Paris.

Fontainebleau - Abril, 6

— Boa estrada, cheia de retas e atravessando, alem das 40.000 almas da muito militar cidade de Melun, verdes e extensos campos de trigo, atestados da riqueza da zona. Vejo algumas antiguidades modernas. Compro duas tezouras cujo exquizado formato remeda o queixo dum dos secretarios da atual prezidencia de S. Paulo. No Hotel «Agua Negra», comida horripilante, gerencia feia, não ha agua negra, nem branca; si alguma houve, fugiu dum toiro de bronze que lhe fica fronteiro embellezando a cidade toda.

Incerta em sua certidão de nascimento, Fontainebleau não tem cronica limpa. Henrique IV não lhe consentiu reputação cristallina; e, em 1717, está provado, aqui tomou Pedrogrande, da Russia, uma historica moafa. Ainda: no seculo seguinte, enquanto, prizioneiro, Pio VII aqui rezava missa, fazia a imperatriz Josefina grossas falcatruas.

Composto de edificações dissimilhantes, é o «Castello» chamaris obrigatorio. Gosto, arte, variedades; salas, sali-



nhas, salões; tapeçarias incríveis; jarras impossíveis; relógios de valor incalculável: tres horas de admiração e prazer! Mas tudo tão confuzo, impondo a tarefa mental da classificação!

Na «Bibliotheca», onde 35.000 volumes esperam leitores, entre uma primeira edição de Shakespeare e uma riquíssima de «Telemaco», está um livro de «Contos» de Léon Gozlan. Lindas telas anônimas vizinham conhecidos retratos do antigo fêmeão real. A' porta duma sala, mediocres imitações de esculturas gregas ladeam escrupulosos arremedos de Canovas.

Balburdia! Para que maltratar nella a vista? Ordenei-lhe, não querendo perder completamente a vinda ao «Castello», que se fixasse numa escolha, guardando-a para lembrança. Obteve preferencia, pelos seus olhos transbordantes de volupia, a «Diana de Poitiers», do magistral e prolixo Primaticio. No «Louvre» a escultura de Goujon, reproduzindo na Diana caçadora as feições da velha moça cujos 47 annos domesticaram os ardores do marido alheio que só contava 24, não me passara de todo dezaperecebida. Repetido o rosto, vi-a mais ou menos na pintura do mestre; a lição viera do discípulo cujos primores de ornamentação, cumpre assinalar, mais do que o tempo, a audacia das restaurações tem estragado.

.... Porque se deixou a França governar, uma dezena de annos, por viuva bandalha, ignorante e dezatinada?

— Duas notas, sentimento uma, pensamento outra, prevalecem em Fontainebleau: o culto napoleónico e a superioridade intellectual de Luiz Felipe.

E' uma das faces mais veneráveis do «Castello» a imparcial meticulosidade com que o rei professor escolheu restaurações de obras de arte. Foi francez acima de tudo. Destronando-o, que adeantou a democracia? Aparelhou a volta do bonapartismo, engendrou a unificação germanica, motivou a ingratidão italiana, padeceu a terceira invazão.

Toujours lui!

—Ha Napoleão em cima, em baixo, nos pateos, nos corredores. Ha o chapéu de Napoleão voltando da ilha d'Elba; ha os cabellos de Napoleão. Napoleão por aqui e por alli. Indigestão de Napoleão. O berço do rei de Roma; a riquíssima sala de conselho dos ministros; o original da primeira abdição; a meza portatil de campanha; o mo-

desto quarto da economica rainha mãe: tudo diz, fala, recorda Napoleão.

Em obediência a um dos artigos do meu programma de viagem, e que é observado de vez em quando, concordei com tudo quanto vi. Fiquei bonapartista a ponto de enciumar o guia. Apliquei-lhe meia hora do corso; repentinamente, porem, preferi a mestiça para alvo de minhas insisencias: examinei-lhe cama, colchões, cadeiras, tapetes; percorri a sala amarella das recepções; e, para dar arras de sinceridade, reclamei o banheiro de Jozefina. Era pequeno, e estava escondido debaixo dum canapé. Incontentavel, requeri a presença do imperial bacio. Trouxeram-me dois; de Sevres, ambos; ambos escuros com frizos doirados.

Abril, 7

— «Jardim das Plantas». E' inferior ao de Roma nas seções zoologicas. Aqui, por exemplo, os ursos brancos são perfeitamente pardos. A' porta reparo numa justa estatua de Lamark e outra, injusta (?), do autor de «Paulo e Virginia» que foi, não tenho certeza, rapido diretor deste estabelecimento, não constando haver recuzado salarios em dia.

— Uma hora de torre Eiffel. Já se sabe: descida pelo elevador. Encosto-me a uma columna para ver um enterro muito rico. Flores, coroas, cazacas; nem um padre, porém. Porque? Moça que se suicidou.

Mas é tão facil impedir o suicidio das mulheres! Basta decretar que, no necroterio, o corpo das suicidas fique nú, em exposição, durante vinte e quatro horas ou até que a putrefação se manifeste. O espirito humano não pode concretizar a idéa da morte. Quem se imagina morto supõe estar vivo olhando o proprio cadaver. E o pudor da mulher eliminaria o suicidio.

— Na vizinhança. Vou ao teatro. Dois êlefantes ensinadissimos; satirico um delles: finge que canta, que está envergonhado, que recebe aplauzos. Interessante! Mas os saltimbancos romanos faziam serviço mais limpo: adestravam porcos.

Louvre - Abril, 8

— A' esquerda da entrada á direita está um busto de Germanico. Mede meio metro. Dizem-no recémescavado em Espanha. E' ainda obraprimeira a despeito do nariz um pouco roído no encaixotamento. Simpatico de frente e de



perfil. Boca pequena, beiços regulares, olhos grandes, cabellos abundantes: é o Germanico que eu imaginava.

Si eu fosse moça não cazaria commigo nem que o Tezouro do Estado fizesse, mais uma vez, despezas de enxoval. Julgo-me antipatico. Sou-o. Compenso-me, porém, desse mal por meio de agradaveis afetos, historicos principalmente. Gosto, por exemplo, modelando-os a meu sabor e alojando-os no meu culto interno, dos meritos interrompidos pela morte. Germanico está nesse numero, ao lado de Marcello, de Gaston de Foix, do nosso principe Teodozio, de Junqueira Freire, Alvares de Azevedo, Cazimiro, de Abru, etc.

— Alguns minutos de louvor ao perfil de Elizabeth da Austria, ao olhar do seu malvadissimo espozó e á veracidade fidelissima de Henrique II: cuidadissimos trabalhos de Clouet; um delectavel encontro, primeiro e inesquecível, com os tradicionaes monges de Zubaran e... adeus, Louvre.

Cluny - Abril, 9

— Atraiu-me a Cluny o retrato, o verdadeiro, de Cristovão Colombo. Está num cantinho de vitrina, no primeiro andar, com cara larga, «barba sem barba», olhos claros, cabelleira loiracinzenta, meio corpo, deixando ver os bicos do cinturão de coiro preto a contrastarem com a camisa branca, descidamente aberta em torno ao pescoço rijo.

Le-se-lhe, em calligrafia do XVI seculo, castelhana e perfeita: «D. Cristoval Colon. Descrvidor del Nuevo mundo.» Que é isso? Replica castelloaragoneza, dez ou doze annos depois da morte do navegante (1506), ás noticias de navegações e descobertas por francezes e portuguezes.

— Collecções de sapatos, de espingardas, chaves, e objetos encontrados no Sena; um S. Nicolau e um quadro da circuncisão judaica em incompreendida companhia numa mesma vitrina; esmaltes atribuidos ao XII seculo; muitos garfos bipontudos duvidosamente do XVI seculo; futil colleção de brinquedos de crianças confundidos com insignias de peregrinações religiosas; uma medalha em honra de Cardan, difficillima de exame por cauza da sujidade que me incompatibiliza com a vitrina; admiraveis illuminuras em conservadissimas edições do XVI seculo; uma jarra, que mais me pareceu compoteira, pertencente a Catarina de Medicis; muitas datas a palpíte; elogiadas e elogiaveis esculturas em madeira, notadamente (numero 718) a «Subida de Cristo ao Calvario», onde excedem á propria perfeição, não só os capacetes dos soldados romanos, mas tambem

os dedinhos do menino judeu que levanta no braço o instrumento muzical: tudo isso eu vi. Mas o que eu não vi, por mais que procurasse, por mais que commigo mesmo discutisse, foi metodo, foi arranjo, foi verdade historica. O que eu não vi foi muzeu.

S. Paulo em Paris - Abril, 10

— Elle ardia, mas estava muito bom. E' sempre assim o vatapá. Acompanharam-no, firmes no tempero nacional, perú e a indefectivel farofa. A' sobremeza houve fios d'ovos e, cumule de gentileza, um sorvete tricolor com o meu nome. Proza expansiva. Crianças bonitas. Doze batalhadores do talher. S. Pau! em Paris! Alegria. Isso aconteceu no palacete do velho amigo Manoel Conceição.

.

Luxemburgo. - Abril, 11

— Tive pena do jardim. Bem tratados os canteiros; frequentados os passeios. Tão limpo, mas sem uma flor! Avizasse-me, e lhe eu teria levado um ramallete de presente. Pobre jardim! Atravessando-o, porém, caminho do «Muzeu», conheci o «Frio», duplo e sentido bronze de Bloche. Fiz bem.

Duas horas sobejam para se dizer um «vale!» ao abuzo do nú que transfere para o marmore, aqui, ainda mais que para as telas, a tendencia pornografica da recente arte franceza. Que fazer, porém? Como repellir aquella «Fiandeira» de Moreau, excessiva de seios, azimetrica de pernas, mas talvez fiel ás particularidades do modelo?

Tentando resuscitar moldes gregos, adquire a «Ninfa» de Aimé direito a que a não esqueçam. Da «Fortuna» de Franceschi apenas se salva o rosto. Mas que rosto! E que salvação! Quanto mais se demore o exame daquellas covinhas que lhe galanteiam o enleio, mais o interesse irá abandonando o resto do corpo. Não longe, e com a declaração escrita de serem os irmãos Gracos, concedida ao publico a escolha da qual seja Tiberio, qual o moço Caio, enriquece Guillaume o Luxemburgo com suas estatuas ao mesmo tempo varonis e bondozas.

Quem, doente de amor, quizer um derivativo, procure na sala n.º 4 a «Floreale», de Collini. Fique cinco minutos deante da tela, e no coração plantará uma saudade por cinco semanas. E' de enfeitiçar. A «Floreale» está deitada na relva, despreoccupada dalguem mas preocupada dalguma



coiza. Ondula-lhe o ventre regular; querem morder docemente aquelles dentinhos, a meio denunciados pelo sorriso que, sem esforço, abre uns labios perfeitos, não libidinosos, não innocentes tambem. Movem-se os cabellos, não muito, nessa indecizão do castanho conveniente a todos os gostos. Quem, doente de amor... Afaste-se, mas escolhendo a direção da cabeça da «Floreal», de maneira a guardar-lhe o olhar por despedida. Grave-o na memoria; conserve-o, bregreiro, pequenino, mas que prende, que apreende e que parece ir se esgueirando para acompanhar, para perturbar...

Perturbação maior me esperava!

— Henrique Bossuet, alfaiate, perito oficial no Tribunal Civil, aguardava-me para experimentar roupa. Concordei. Meia hora depois, Krieg e Cia., reputação universal, me provaram a cazaca. Murmurei mas obedeci.

Implico com quem me cutuca o corpo. Traz-me coegas a simples prezença do alfaiate esticando o metro. A mulher que se dispa e vista como quizer; o homem, porém, devia uzar roupa que lhe não tomasse tempo: uma só peça, acondicionando cumulativamente paletó, calça e collete.

Só uma vez estreei roupa sem aborrecimento. Só uma vez me vesti á vontade. Foi em 1869, á noite. Na Igreja do Carmo, em S. Paulo, envolveu-me uma especie de burel; impuzeram-me barbas postiças, muito pretas, e confiaram-me um baculo. Fui judeu na procissão de «Corpus Cristi». Preço: 5\$000. Pagamento atrazado.

Era eu, então, estudante de preparatorios. Preparava-me, até hoje não sei para que.

(*Continúa*)

MARTIM FRANCISCO.



BIBLIOGRAPHIA

REDIMIDOS — *Sylviano Pinto* — Ed. da Casa Vanorden — S. Paulo — 1918.

Tem sido notado, desde varios annos, que o romance, como forma litteraria, vem sendo quasi abandonado no Brasil, onde já de si é escassa a produção de livros relativamente á população e ao que se dá em alguns outros países do continente. Effectivamente, dentre os poucos volumes apparecidos de tempos para cá, merecem o nome de — livros — rarissimosão os que encerram um romance, com os caracteristicos bem definidos desse genero.

Salvante alguns livros de Coelho Netto, de Afranio Peixoto, de Lima Barreto, de Xavier Marques, Veiga Miranda, Canto e Mello e um ou outro mais, a grande maioria dos volumes que ali surgem, quando não são obras didacticas, são obras poeticas. Esses os dois grandes mananciaes litterarios no Brasil. Afastados, deixam minguada porcentagem de obras em prosa de intenção meramente artistica. Nem se comprehenderia bem como, assim sendo, exista ali uma academia de letras de largo sodalicio, cujas poltronas estejam sempre tomadas e a cujo limiar haja sempre uma turma de candidatos aos logares porventura vagos... Não se comprehenderia se se não soubesse que a litteratura no Brasil é mero dilettantismo, a que só por irresistivel pendor natural se entregam sonhadores, os quaes mais naturalmente propendem para o verso, propicio aos sonhos e phantasias, que para a prosa, mais amiga das realidades. No Brasil só pratica a litteratura, verdadeiramente, quem, dispondo de meios de vida seguros, tem algum tempo a perder. A litteratura não é uma carreira de que alguém possa viver, mais ou menos gloriosamente. E', por assim dizer, um esporte. Dahi o acerto tom que age a Academia em instaurar premios para os novos e desconhecidos, concitando assim á produção os estudiosos, uma vez que os litteratos officiaes de que ella se compõe, com poucas excepções, não julgam os tempos propicios á elaboração de livros estritamente litterarios. A instituição de taes concursos talvez tenha originado ou, quando menos,

concorrido para o apparecimento do romance a que o sr. Sylviano Pinto denominou — *Redimidos* — e a que a Academia laurou, conferindo-lhe o premio de um dos alludidos certamens. Se assm é, bem andaram a companhia illustre e o autor, que deram a literatura patria, além de um livro de não poucos meritos, o que já é muito, a promessa auspiciosa de um escriptor consumado, o que já será bastante.

O presente romance merece, realmente a distincção conferida pela Academia. Embora não atinja as proporções de uma obra artisticamente perfeita, *Redimidos* é um livro que encerra varias boas qualidades que depõem muito favoravelmente em relação ao autor. A começar pelo scenario, o sr. Sylviano Pinto, deixando os das cidades, mais attraentes e de facil observação, com suas miriades de caracteristicos a tentarem escriptores de novellas, procurou urdir a historia relatada em seu livro, numa fazenda sertaneja, e escolheu para epoca a dos ultimos annos do regimen monarchico, quando a vida agraria do paiz tinha por factor unico o esforço dos escravos. Por esse lado, *Redimidos* entra naturalmente para o grupo dos romances nacionaes onde figuram «O Tronco do Ipês», «A Escrava Isaura», «A Família Medeiros», «Mau Olhados», com os quaes tem não poucos traços affins. Toda a acção se passa numa fazenda de café, entre uma multidão de captivos, cuja libertação, embora lhe forneça o titulo, não é o mais importante do entrecho. O importante, como aliás é de rigor, no genero, é uma historia de amor que, tendo como protagonistas o Doutor Flavio, bacharel e filho do Barão de Souza, o fazendeiro, e Marianinha, pupila deste e moça bonita e prendada — decorre suave e singela até os ultimos capitulos, dando a sua narração ensanchas ao autor para fixar com felicidade multiplos aspectos da actividade social, economica e politica daquelles meos, onde, ainda hoje, com a variante relativa á escravidão, são os mesmos quasi.

Flavio e Marianinha, que viveram a infancia juntos, amam-se, na adolescencia e tudo os compelle ao casamento, que se realisaria, com o applauso, decerto, de todos os leitores, se não intervisse o autor, encarnando a fatalidade, e não virasse o curso das cousas para a tragedia, fazendo morrer os personagens de mór relevo, um, de apoplexia, outro, asphyxiado, outro degolado por um facção florianista dos primeiros annos da Republica.

Mas ainda assim, o que perde em amenidade, ganha a acção em intensidade, pois o autor soube dar um tom de verosimilhança aos lances finaes, que não chegam a chocar o leitor, a não ser pela muita sympathia que o resto da obra consegue despertar por quasi todas as figuras, a começar pelo casal de escravos assassinados em meados da narrativa, por um feitor, que, aliás é logo posto fóra de scena. Não será por isso condemnavel o autor. Guiou a sua historia como lhe pareceu, e fez muito bem. E' nisso mesmo que ainda existe alguma sombra de livre arbitrio... O que é de esperar-se é que, nas outras obras, se as fizer, como é de desejar-se, ponha mais algum cuidado no lavor dos periodos, evitando os



senões que se notam nesta. Entre elles, além da impropriedade de um ou outro termo ou expressão, salienta-se o vício dos adjectivos conjugados aos pares, repetidamente, não raro cinco ou seis vezes numa mesma pagina, e que chegariam talvez a irritar, se outras qualidades, compensando taes ligeiros defeitos, alli não estivessem para prender e encantar o leitor.

E o desejar-se que uma obra seja expurgada de algum defeito que encerre, é o melhor attestado de que ella contem qualidades que fazem valer a pena dêsse esforço. *Redimidas* está nesse caso.

RECEBEMOS:

Silvio Fellico — DEVERES DOS HOMENS — Trad. do dr. Castro Lopes — *Casemiro Rakowski* — FLOR DE SAMAMBAIA — Trad. de Raymundo Kegel — *Mario Serrano* — VERBO DO MEU RISO — *Antonio de Portucale* — O ENCANTADO — *Tet. Cel. Alexandre Malheiro* — DA FLANDRES AO HANOVER E MECKLEBURG — ANALES DE INSTRUCIO'N PRIMARIA da Republica Oriental do Uruguay — *Sergio Lovato Filho* — O COMMERCIO MARITIMO NO DIREITO INTERNACIONAL — *Ev. Bachhenset* — A FAIXA LITORANEA — *Souza Docca* — CAUSAS da GUERRA do PARAGUAY — *Adolpho Pinto* — O PROBLEMA MONETARIO — *Martins Fontes* — A DANSA — *F. C. Hoehne* — CARACTERES DAS CINCHONAS — *Fernando de Azevedo* — O SEGREDO DA MARATHONA — *Julia Lopes de Almeida* — A FAMILIA MEDEIROS — *Morreira Machado* — O BRASIL — *Coelho de Carvalho* — D. PEDRO.

REVISTAS:

Vida Moderna, Cigarra, Revista Feminina, O Pimpão, O Garato, São Paulo. — *Saude, Livros Novos, Revista Contemporanea, Hoje, Dejeza Nacional, Jeca Tata', D. Quisote, Gazeta Clinica, Gil Blas, Rãs de Janeiro.* — *La Revista del Mundo, New York.* — *Nosotros, Revista de Economia Argentina, Revista Argentina de Ciencias Poltticas, Buenos Aires.* — *Vita e Pensiero, Rivista delle Nazioni Latine, Rivista-Bolletino, Italia.* — *Journal des Debats, Revue Bleue, Revue Scientifique, La Revue, La Grande Revue, La Revue Hebdomadaire, Mercure de France, La Revue de Paris* — Paris.





RESENHA DO MEZ

O JEJUM

(Conto Judaico)

Noite invernal. Debruçada junto á luz mortíca duma vela, sirze Sara uma meia róta. O trabalho, sem apuro lhe sai, pois o frio pôz-lhe os dedos enregelados; seus lábios, de rubros fizeram-se azues; para aquecer as pernas vê-se forçada a interromper por vezes o serviço e medir a casa tosca a largas passadas.

Proximo, sobre uma enxada de palha, dormitam quatro crianças — duas de cada lado, cobertas ao meio com roupas em trapos.

De espaço a espaço desperta um pequeno, alça a cabeça e supplica: «Mãe, estou com fome!»

«Um momento, filhinho, um momento!» — apressa-se a mãe a aquietá-lo. Papae já vem, já traz o que jantar; dorme que eu te chamarei.

— E o almoço? Si nem sequer almoçámos ainda!

— O almoço também.

Ella mesma pouca fé tem no que diz.

Passeia o olhar em torno, perscrutando o que quer que haja ainda

para empenhar... Mas, nada! Sempre o mesmo espectáculo invariavel e triste: quatro paredes algidas e nuas, um forno partido a meio; tudo muito humido, muito frio. Junto á chaminé, sobre o forno, umas panelas quebradas, um castiçal de lata; numa das vigas que sustentem o tecto baixo, um prego accusa ainda alguma candeia existida outrora; só ha, além d'isto, duas camas vãs, sem colchões... e nada, nada mais!

Volvido pouco tempo, accomodam-se as crianças e dormem. Sara, afflicto o coração, contempla-os com enternecimento. De subito, ouve passos na escada, passos pesados; pouso o olhar sobre a porta; distingue o tilintar de baldes ora á esquerda ora á direita da parede. Um raio de esperança illumina-lhe a face vincada de rugas. Bate nervosamente um pé contra outro, levanta-se vagarosa, encaminha-se para a porta, abre-a: entra um homem pallido e encarquilhado, um par de baldes vãos pelas mãos.

— Como vai isso então? — pergunta-lhe Sara tranquillamente.

— Nada, nada ainda. Salario algum

recebi ainda hoje. Ditem-me que volte no dia seguinte; chegado o dia seguinte, que volte no principio do mez...

— Olha, Mendel; as crianças não comeram quasi nada todo o dia — observa Sara. — Felizmente estão a dormir. Pobres filhinhos!

E, sem poder reprimir-se, desata a chorar, á calada.

— Porque choras, Sara? — pergunta o marido.

— Oh Mendel, Mendel, as crianças estão com fome...

E esforça-se por conter as lagrimas.

— A continuarmos assim, qual será a nossa sorte? Cada dia andamos peor.

— Peior? Não digas isso, Sara. Não peques fallando deste modo. No anno passado andavam as coisas peor, bem peor. Faltava-nos o pão e faltava-nos casa; nossos filhos erravam de dia pela cidade e de noite pelas praças... Hoje têm pelo menos um colchão de palha onde dormir e um tecto que lhes dê guarida.

Sara prorompeu em soluços: acudiu-lhe á memoria a recordação dum filho que perdera em consequencia dessa vida miseravel: sem agasalho, resfriara-se, ficara rouco e morrera.

— E morreu abandonado como si estivera numa solidão... Nada havia com que salva-o... Nem sequer com que implorar auxilio na synagoga e encomendar preces no tumulto dos nossos... E extinguiu-se como uma chamma.

Elle tenta consolal-a:

— Não chores, Sara, não chores... Não peques diante do Senhor...

— Ah! Quando enfim terá o Senhor compaixão de nós?

— Tem compaixão de ti mesma, não

te agonies, não maldigas. Contempla o teu semblante. Recordá-te: perfazem hoje dez annos que nos casamos... Observa teu rosto... Ai, Senhor! E dizer que eras tu a mais linda da cidade!

— E tu? A ti chamavam-te Mendel o Robusto. Lembra-te?... Agora andas avehentado e doente. Pensas que por m'o occultares eu o ignore?

— Oh Senhor, Senhor! — exclama. Accordam os pequenos e imploram: «Pão, pão!»

— Deus nos livre! Quem lhes disse que hoje se pôde comer? — acode de prompto Mendel.

Os meninos levantam-se espantados. — Hoje é dia de jejum — explica Mendel, turbado o semblante.

Escoaram-se alguns minutos antes que comprehendessem os meninos o sentido daquellas palavras.

— Que jejum é esse? Que jejum? — perguntam a chorar.

E Mendel, baixo o olhar, relata-lhes que hoje pela manhã na synagoga, a Thora cahiu da mesa ao chão. «Por isso — conclue — se deliberou que fosse de jejum o dia de hoje, mesmo para as crianças de peito.»

Calam-se os pequenos, enquanto elle prosegue:

— Sim, jejum tão rigoroso como o do dia do Perdão ou do dia 9 do mez de Av (1), a começar desta tarde.

Os quatro rapazinhos saltam lepidos da cama e, descalços, camisas em desalinho, põem-se a dançar e gritar:

— Nós tambem jejuaremos. Nós tambem!

Mendel dá o dorso á lar, interceptando-a, afim de não notarem as crianças as lagrimas que deslisam copiosas pelas faces da mãe.

(1) Em memoria da destruição do Templo, occorrida nesse dia, passam-no os judeus em jejum.

— Bem, basta! — entra a socegalosa. — Basta! Num dia de jejum não se permite dançar... Deixae isso para «Simjas-Thora» (2).

Os pequenos recolhem-se ao leito: haviam-se deslembado da fome!

Uma das meninas principa a cantar. Mendel tira de frio...

— Cantar tão pouco se pode — exclama com voz entrecortada.

As crianças silenciam e dormem, extenuados pelo baile e pelo canto. Uma dellas, contudo, a maior, desperta e pergunta:

— Papae, quando serei de maior idade?

— Oh! Falta muito ainda, Jayme... Quatro annos. Oxalá os passes fruindo perfeita saude!

— E então me comprarás um par de phylacterias?

— Pois não.

— E uma bolsinha tambem, para guardal-os?

— Com certeza.

— E um devocionario? Um pequenino, de folhas douradas...

— Si Deus quizer... Pede ao Senhor, Jayme.

— Então, sim; hei de observar todos os jejuns...

— Sim, Jayme, todos os jejuns...

E additou com voz sumida:

— Deus meu! não sejam elles como o de hoje!... — *Isaac L. Peretz.* —

(NOSOTROS — Buenos Aires)

Os livros de França.

«PETIT PIERRE», de *Anatole France*

Para as letras francezas, e, podemos affirmar, para as letras universaes, o apparecimento de uma obra

nova de Anatole France constitue um «acontecimento», ia mesmo dizer um «advenio». Não têm ellas uma graça soberana? O mestre, cuja gloriosa velhice relembra a de Voltaire, não nos tinha dado nenhuma obra de folego após a «Revolta dos Anjoss». Contentára-se em observar, durante a guerra, com o coração angustiado. A's vezes, raramente, fixava o pensamento num daquelles artigos em que saboreavamos a sua alta philosophia nos véos de uma tão nobre disposição, de uma tão pura harmonia.

Anatole France sae hoje do seu voluntario retiro. Será para uma narrativa de guerra, inspirada pela actualidade? Sem duvida alguma teria elle, no thema destes ultimos annos, magnifico ensejo para o sabio denunciar a loucura dos homens. Mas não. Parece que, propositadamente, Anatole France se alheia do horroroso espectáculo. Preferiu refugiar-se, e ninguem disso se poderá queixar, neste calmo oasis: a historia de uma creança.

E é uma obra-prima a mais que elle nos dá, porque de facto este livro é primoroso; nelle scintilla como o levantar do sol, essa admiração alegre dos séres novos que, pouco a pouco, descobrem e abrangem a vastidão do mundo... A creança que o nosso «memorialista» vê com tão terna sympathia despertar para a vida, é elle proprio. A historia de Pierre Nozière é uma autobiographia. A mais linda, de resto, e a mais suggestiva das autobiographias, por ser contada com encantadora simpleza, e sem essa pretensão que desvirtua tantas memorias da juventude escriptas pelos nossos grandes homens. Comparemos as paginas romanticas dei-

(2) Dia de regosio que finaliza a festa das cabanas, no qual se celebra a entrega da Thora.

(3) Os alreus, nos treze annos de idade são consideradas maiores, verificando-se por tal motivo uma solemnidade, ao pôem pela primeira vez os phylacterios.



xadas por um Chateaubriand, com a preocupação de inscrever no quadro dos seus tenros annos os signaes de um destino excepcional! Anatole France, muito ao envez, conta, com modestia, a historia de uma creança «que é como todas as outras», e será, diz elle, tanto mais interessante a estudar que, sem pensar, conterá toda a humanidade.

E, com effeito, são profundos e luminosos esboços sobre o desenvolvimento do espirito humano que nos revela a historia de *Petit Pierre*, mais instructiva, por si só, do que vinte tratados de psychologia; mais instructiva ainda por ter a superioridade da vida sobre a abstracção. Com raro poder de analyse, e sem que esta appareça jámais no decorrer da narrativa alerta e jovial, Anatole France nos mostra como nasce, na creança, — por conseguinte como nasceram nos povos novos e nos primitivos — os sentimentos mais diversos e os primeiros rudimentos de idéas, o sentimento artistico, a curiosidade scientifica, o espirito critico e até a especulação philosophica...

Tudo nos serve para meditar neste bello livro que não tem palavras vãs. Retenhamos, especialmente, pela sua profunda limpidez, esta narrativa: um dia, no quarto materno, Petit Pierre sente estranho perfume que emana da fumaça do carvão; justamente nesse dia elle havia provado uma planta maravilhosa, a angelica, côr de esmeralda, coberta de um orvalho de assucar. Vem-lhe ao espirito uma associação de idéas, e Petit Pierre julga que o perfume é inseparavel das gulodices, até que sua mãe, admirada com o seu furor, o olha com tão profunda tristeza que é ao coração infantil que lhe esclarece a razão. A

historia das sciencias, diz o biographo de Petit Pierre, abunda em exemplos de semelhantes aberrações... Existem, em physica e chimica, leis tão mal fundamentadas que são respeitadas e continuarão a sê-lo até sua tardia abrogação.

Quanta luz sobre a vaidade, não da sciencia em si, mas dos nossos sabios! Querem sobre a arte um ponto de vista da mesma ordem? Petit Pierre, como todas as creanças, gosta dos fantoches, e os cinco dedos da sua mãozinha são os protagonistas de dramas maravilhosos. «Quando ia para os meus seis annos, conta Petit Pierre, resolvi melhorar e embellezar meu theatro; construi um palco, pintei scenarios, fabriquei accessorios e montei uma grande peça. Mas, ó desastre! não pude acabar a primeira scena; a inspiração faltára. O luxo, porém, fez a sua apparição, e dissipou-se a illusão. Que deprehender dahi? Que devemos deixar á arte a sua nobre nudez.»

E assim, com um sem numero de aneddotas divertidas que, ao nosso olhar maravilhado, se desenrolam como um kaleidoscopio vivo — o cine de então! — e que todas ellas nos suggerem as mais philosophicas meditações, conduz-nos Anatole France pela mão aos lindos jardins da sua infancia; jardins povoados de curiosas e tocantes figuras: seu pae e sua mãe, almas generosas, atingidas pelo melancolico mal do seculo; a velha creada Melania, rude, boa e corajosa, na sua dura existencia, como o proprio Jacques Bonhomme.

E tambem os comparsas que têm relevo de figuras de primeiro plano, subditos do rei-cidadão, com seus colletes de nankin, a triplice gravata e o ingenuo e apaixonado amor da



liberdade. E' toda uma época que, justamente por estar presente na sua vida diaria, melhor se evoca do que em qualquer grande quadro historico... Deparamos, ao folhear este livro, esses esboços sobre as grandes lutas de 1830 e de 1848, que já animavam com vida prodigiosa *Les Dieux ont soif*, esse fremente brevario da Revolução!

Para todos preciosa, a historia de *Petit Pierre* particularmente o será para aquelles que, no futuro, com a reconstituição de uma época, estudarão a formação intellectual de Anatole France. A creança é o homem. E, se *Petit Pierre* se defende de ser excepcional, as suas recordações desdizem tal affirmação, assim como a gloria do seu *alter ego*. Sensibilidade imaginativa, bastante poderosa para dar a conceber para seu uso exclusivo um mundo de pavorosas e divertidas ficções, tão real talvez como a realidade; entranhado amor pela natureza viva, paixão creadora, já levada com razão até ao espirito critico e á ironia, mas uma ironia que, como a casca de um fruto, esconde funda ternura humana, taes são as particularidades de *Petit Pierre*. Sem duvida esses traços poderiam ser peculiares a outras creanças; mas, no mesmo grão, em qual? Por isso, podemos prever que *Petit Pierre*, ao tornar-se homem, será o maravilhoso artista que admiramos, o profundo philosopho que veneramos.

Toda a obra irradia a serena sabedoria que a illumina interiormente com tão suave e pura luz. Ha certamente aqui a synthese de toda a philosophia de Anatole France, nada de illusões, mas nenhum azedume. Sem duvida, o homem é para elle um animal maligno, cujas obras são vãs e os

conhecimentos devéras relativos; e, sem duvida tambem permanecerá elle para sempre, como o *Petit Pierre* do livro, no limiar de um mundo desconhecido. Mas devemos sorrir da sua vaidade e não nos indignarmos della. Acima desta grande miseria ha os grandes espectaculos que offerece a natureza, existe a virtude da bondade efficar.

Victor Marguerite — Do «Correio da Manhã» — Rio.

Os escriptores e o abuso dos narcoticos

O desejo da embriaguez é um dos instinctos humanos mais profundamente entranhados—escreve Jannette Marks, na *Vale Review*. Todos os selvagens conhecem e empregam uma forma qualquer de intoxicação, e as crianças procuram-n'a no jogo, no frenesi de uma corrida impetuosa ou na vertigem de um giro de carrocel. O amor é uma intoxicação de que alguns nunca se curam e de que outros nem sequer desejam curar-se.

Neste estado de excitação o homem é capaz de energia extraordinaria. De tal embriaguez nascem ás vezes espontaneamente obras de arte, mas quanto mais inferior é o artista tanto maior é a tentação da embriaguez, para provocar a força ficticia que se substitue á verdadeira inspiração.

O artista que recorre a estes meios para estimular a sua intelligencia paga, porém, por alto preço a sua gloria, como está exemplificado na historia da literatura inglesa em De Quincey e Coleridge, Poe e Rossetti, James Thomson e Francis Thompson.

Em «Prazeres do Opio», de Quin-



cey afirma ser este o unico anodino universal até agora revelado ao homem; o unico que na maioria dos casos é irresistivel; o mais poderoso remedio contra a irritação nervosa e contra a terrivel maldição do «*stunium vitae*». Nos «*Soffrimentos do opio*» explica, porém, os terriveis effectos do narcotico e amaldiçoa a força do encantamento perverso que o subjuga.

Samuel Taylor Coleridge começou a fazer uso de opio para combater a dor physica causada pelo rheumatismo. Já quando era criança e andava na escola Coleridge era atormentado por essa doença e é muito provavel que desde esse tempo se iniciasse a escravidão de que nunca mais se pôde libertar. *Kubla Khan* já revela em signaes indiscutíveis a acção do excitante. Em *Christabel* o colorido, o movimento, o som, certas repetições insistentes, certas flexibilidades do verso attestam a perturbação característica do espirito que se nutre com o perigoso alimento.

O laudano operou a ruina de outro homem de genio, um Americano, embora o menos americano de todos os Americanos: Edgar Allen Poe. Elle proprio narra numa carta de hysteric delirio dirigida a «*Annie*», que bebera meio frasco de veneno. Naturalmente ficou doente, mas outro qualquer teria morrido depois de semelhante excesso.

Em certas das suas obras os effectos do narcotico são visiveis em quasi todas as paginas, e não se revelam apenas na investigação de tudo quanto é morbido e doentio, como tambem em mil factos secundarios; no profundo desespero, na exasperada sensibilidade á luz, aos cheiros, aos ruidos; nas explosões maniacas de gritos e lamentações; nas phantasticas

orgias de imagens; na inconsistencia da construção; nas conclusões inesperadas. A obra de Poe é um verdadeiro manicomio da imaginação.

Outra victima de narcoticos foi Dante Gabriel Rossetti que começou a tomar chloral para as insomnias que o atormentaram depois da morte de sua mulher, victima por sua parte de uma dose de laudano demasiadamente copiosa. O chloral era nesse tempo um remedio novo e passava por ser inoffensivo. Durante sete annos o poeta pôde fazer uso delle impunemente: mas o desabamento veio quasi de repente. Pôde, todavia, dizer-se que se a droga fatal foi a causa de uma diminuição de quantidade na obra de Rossetti, não prejudicou a sua qualidade, e a decadencia do corpo foi muito mais rapida, do que a dessa bem equilibrada intelligencia.

James Thomson, autor da «*Cidade da noite terrivel*» foi um bebedor periodico. Quando a força das toxinas excedia certos limites dava-se a explosão nervosa com regresso automatico ao alcool; seguia-se um periodo de completo delirio em que Thomson não conservava recordação alguma da vida normal; depois acabava a crise, voltavam os mezes de trabalho assiduo, de vida moderada e quasi asctica, de luta intensa, de bondade e de affeição para os amigos, até a tormenta rebentar de novo.

O desgraçado poeta morreu na miseria, abandonado e no mais atroz desespero.

Os estigmas mentaes do alcool não são, porém, tão apparentes como os dos narcoticos; nas obras de Francis Thompson, por exemplo, que desde criança adquirio o habito de beber laudano, os effectos do veneno são muito mais visiveis do que nas do seu quasi



homonymo. Na poesia ou na prosa este autor tem aquelle colorido especial ou para ser mais exacto aquella falta de colorido que é propria dos narcotizados.

Assim se perdem grandes riquezas espirituaes e intellectuaes.

Do *Jornal do Commercio*. — Rio.

Insectos comestiveis

Os physiologos dizem muitas vezes que as albuminas vegetaes pôdem substituir perfectamente a albumina animal, isto é, a da carne, na alimentação. Isto é verdade até um certo ponto. As diversas albuminas — escreve Henry de Varigny na *Bibliothèque Universelle* — não possuem todas o mesmo valor nutritivo. Demonstrou a experiencia que, se um organismo precisa de 30 grammas de proteina de carne para reparar as suas perdas de azoto, necessita, para obter o mesmo resultado, de 31 grammas de proteina de leite, 34 de proteina de arroz, 38 de proteina de batata, 54 de proteina de feijão, 76 de proteina de pão e 102 de proteina de milho.

A peso igual, as differentes proteinas têm, pois, um valor nutritivo muito diverso.

Os animaes parecem conhecer este facto. Muitos delles, podendo escolher, dão a preferencia ao alimento animal. As aves são insectivoras em summo grão, e o alimento animal é o que as mães levam de preferencia ás suas crias. Este alimento é muito rico de albumina, segundo affirma o professor americano S. Mc. Hargue. Os animaes manifestam grande discernimento na escolha dos alimentos, e dão-nos uma lição indicando-nos as presas animaes de que poderiamos tirar

proveito para a nossa alimentação.

Mc. Hargue dedicou-se especialmente ao estudo de dous insectos que servem de alimento a muitas especies de animaes: um coleoptero, o (*lachnoterna*), e o gafanhoto (*melanoplas*). Estes dous insectos são tão ricos de proteina como a carne de vacca ou de gallinha.

O homem poderia, pois, servir-se destes insectos para a sua alimentação. Não ha razão nenhuma para não se comerem gafanhotos, desde o momento que se comem caranguejos. Mc. Hargue demonstrou que esta albumina do insecto se conserva perfectamente depois de secca. Apanhou e matou 200 grammas de gafanhotos, seccou-os a 100° e reduziu-os a farinha. Esta farinha conserva-se intacta indefinidamente e contem, além de albumina, phosphoro e gordura. Nestas condições a praga dos gafanhotos, tão frequente na Palestina e na Africa do norte, poder-se-hia aproveitar para a alimentação.

Houve, em 1915, na Palestina uma praga de gafanhotos bastante séria. Em Bethlem muita gente comeu estes insectos assados e achou as femeas particularmente saborosas. A maior parte desses animaes foi, porém, deixada ao mar, e os cadaveres restituídos pelas ondas serviram de combustivel. Seria, pois, mais racional apanhar estes animaes e transformal-os numa farinha alimenticia, tal é a lição que recebemos das aves insectivoras.

Livros didacticos

A instrucção publica devia ser entre nós um assumpto de bom gosto, de predilecção constante. Mas, sem controversia possivel, é thema de tenaz displicencia e de aborrecido enfado. E' o assumpto mais spaus (segundo-



a expressiva gíria) que se poderia conceber.

Ensina-se mal, aprende-se mal, legisla-se mal e reforma-se mal; e, cada vez, peor.

E nem se pode dizer coisa alguma; porque, onde o remédio? onde a autoridade dos censores?

Traz o novo alchimista alguma panacéia? Inventou acaso alguma machina de aprender?

Dentre esses pequenos aparelhos e instrumentos de educação, contam-se os livros. Os nossos amigos, diz um obtuso moralista. Deus sabe como são odiados, e como são dignos de odio eterno.

Não temos, todavia, outra odiosidade aproveitável; salvam-se pois, as boas intenções dos que escrevem por officio, amarrados ao pelourinho dos reformistas.

São esses livros didacticos méras formulas «secundum artem» e dizem mudamente e eloquentemente o que vae pelos miolos indigestos dos nossos legisladores.

Valem, pelo menos, como documentos da psychologia social.

Andam, para exemplo, em extrema decadencia, entre nós, os estudos latinos. Parece que muito mais do que a grippes, foi o latim a origem das famosas approvações por decreto. Duas doenças, enfim.

O tempo do automobilismo e do telegrapho parece incompativel com a morosidade dos estudos classicos. Disse Renan que o Bello vale tanto ou mais que o Verdadeiro; agora tambem a velocidade equivale e supera a solidez.

A vida é breve; queremos-a intensa e sem repouso para contemplações re-

trospectivas e inuteis. O que havia bom e aproveitavel na civilização antiga se acha instinctivamente incorporado nos homens novos.

Nós todos sabemos latim pela superfluidade de um decreto e pela segurança da hereditariiedade, «cives romani sumus».

A renascença ha alguns seculos foi uma época antiquaria, de origens e de retrospectos; a actualidade ao contrario, é um momento não de causas, mas de effectos, de applicações e de desenvolvimentos ultteriores.

Esta é seguramente a philosophia dos que vão appressados e condensam n'uma geração a lenteza e a fleugma dos nossos maiores.

Ora, uma coisa vale a outra.

O latim estava a desafiar um *impromptu* legal. Allás, os que aprendiam o latim, esqueciam-no e não se havia mister de mais que a «Flora» de Larousse para refrescar a memoria.

Contudo, ha caturrices incoerciveis e explicaveis.

Os Salesianos de Niterohy emprehenderam a publicação de uma bibliotheca de autores classicos latinos, em pequenos fasciculos, a preço vil.

Temos dest'arte a primeira das *caulinarias* de Cicero, excellentemente impressa, segundo os mais apurados textos e enriquecida de notas criticas, historicas e philologicas.

A erudição nacional, nem a portuguezã, dariam para empresa igual a esta. Textos e notas d'essa bibliotheca não passam de adaptações e traducções da «Collezione de classici latini» (das edições Vallardi de Milão) a qual por sua vez é um aproveitamento consciencioso da erudição alemã.

Como quer que seja, é este um dos fructos da immigração italiana que



tem vulgarizado no Brasil numerosos trabalhos da didactica italiana.

As edições latinas de Vallardi são curiosas e interessantes; offercem aspectos novos para todos nós que seguimos a lição, aliás excellente, dos mestres francezes. Não é, pois um elemento insignificante na formação das nossas humanidades.

A este livrinho seguir-se-ão outros: os textos das Bucolicas e das Georgicas de Vergilio, os melhores livros da Eneida e provavelmente o de outros poetas e escriptores da grande epocha romana.

O anotador d'este primeiro fasciulo é o doutor Carlo Costa, um latinista italiano já conhecido por outros trabalhos da «Collezione Vallardi».

Ignoramos a que proposito n'esta edição brasileira se mencionam como fontes bibliographicas duas obras de Oliveira Martins e Almeida Garret, inteiramente inhabeis na materia (Restos de lusismo?...)

JOÃO RIBEIRO — do «Imparcial». — Rio.

Uma nova estrella

As estrellas que brilham por cima de nós noite após noite, pouco mudaram desde que a humanidade vive neste mundo. Muitas das mais brilhantes ainda conservam os nomes com que os astrónomos ou os astrologos de ha milhares de annos as baptisaram. As constellações tinham já a mesma configuração de hoje quando os constructores das Pyramides as contemplavam desses favoraveis postos de observação. Por isso é sempre um phenomeno sensacional quando uma nova estrella se revela em meio de uma dessas antigas e bem conhecidas configurações estellares.

A 8 de Julho do anno findo ap-

pareceu subitamente o que os astrónomos chamam uma *Nova*, que foi vista em Londres, em Lyons, em Montpellier, em Barcelona e em Juvissy por muitos observadores — escreve Henry de Varigny na *Bibliothèque Universelle*. *Nova*, é um modo de fallar, pois que os astrónomos avaliam a sua distancia em cerca de 300 annos — luz, de modo que na realidade ella surgiu no tempo de Henrique IV. É muito provavel que a estas horas tenha desaparecido ou que esteja reduzida a pouca cousa. Os raios luminosos proseguem, porém, no seu caminho, e se este caminho fór longo, dão indicações falsas a quem não sabe quanto tempo esses raios empregaram para chegar até nós.

A *Nova* de que se trata appareceu na *Agua* da Via Lactea, onde de resto costumam apparecer as *Novae*, e fórma com *Vega* e *Actarus* um grande triangulo quasi equilateral. Era uma estrella maravilhosa de primeira grandeza; mas depois do primeiro dia o seu brilho diminuiu sensivelmente.

Ao que parece, esta *Nova* da *agua* preexistia já sob a fórma de uma estrella insignificante, de grandeza 8.8, photographada e registrada na carta celeste; a expressão de que ella appareceu não é pois absolutamente exacta.

Admittamos que a estrella preexistisse; mas no estado de estrella insignificante; como pôde ella assumir de repente um esplendor tal que eclipsou *Vega* e outras de igual luminosidade? Não faltam theorias explicativas. Julgava-se outr'ora, e alguns ainda o pensam hoje, que uma *Nova* pôde resultar do choque de dous corpos celestes, apagados ou não, um contra o outro. O embate deveria, evidentemente determinar um formidavel de-

envolvimento de calor. Assim se explicaria o vivo clarão que geralmente atinge o seu maximo de intensidade desde o primeiro dia. Alguns astrónomos, porém, não querem admitir a possibilidade de embates ou colisões deste genero; e então recorrem á hypothese de aproximações entre astros quasi apagados. Tacs approximações originariam poderosissimas marés nos fluidos contidos nos astros, com ruptura das crostas e desenvolvimento de enormes massas de hydrogenio incandescente. Ou então admittem choques entre astros mais ou menos apagados e nebulosas ou asteroides; sempre com a resultante do aquecimento e da incandescencia. A fallar verdade, a theoria certa das *Novae* ainda não é conhecida.

Num unico ponto estão de accôrdo os homens de sciencia; e vem a ser no caracter ephemero destas estrellas temporarias. Não têm esplendor duradouro; mantêm-se visiveis no maximo apenas durante alguns meses, e a luz, após rapidas alterações, acaba por desaparecer totalmente, quando não fica muito atenuada. Varias *Novae* desapareceram de todo; outras persistem sob a fórma de estrellas muito pallidas, pequenas, invisiveis a olho nu', tacs enfim que só a photographia as pôde revelar.

Houve *Novae* em todos os tempos, mesmo anteriores á era christá. A presente é pouco mais ou menos a trigesima das que têm sido registradas; comquanto seja uma das mais fulgidas; assim mesmo não o é tanto como a de 1572, observada por

Tycho-Brahé, mais esplendida do que *Venus* e *Jupiter* e visivel em pleno dia, a quem soubesse onde procurá-la.

A ultima *Nova* anterior á actual, é a que se mostrou nos *Gemeos* em 1917 (3.^a grandeza). Em Fevereiro do anno findo, descobrio-se uma *Nova* no *Unicorneo*; e desde Outubro de 1917 foram observadas outras tres na nebulosa de *Andromeda*.

As observações espectroscopicas feitas por Byler em Meudon, parecem indicar velocidades radiaes enormes nos gazes em combustão: 2.300 kilometros por segundo. Se os 300 annos — luz de distancia da *Nova* devem ser na realidade 3.000, como se lê na revista *La Nature*, estamos observando um phenomeno que remonta a 1.000 annos antes de Christo.

A theoria do embate de dous corpos celestes permite-nos perguntar se não existirá em qualquer ponto do universo uma estrella escura e semi-extincta, que se esteja approximando do nosso Sol, trazendo consigo a ameaça de uma explosão que destruiria a Terra num abrir e fechar de olhos. Pôde ser. Mas antes disso deverá apparecer uma estrella nova no nosso céu, uma estrella escura que será illuminada pelo nosso Sol exactamente como elle illumina a Lua.

Esta estrella approximar-se-ia lentamente e outros phenomenos conexos permittiriam aos astrónomos prevenir-vos, com muita antecipação, do fim do mundo. — Do *Jornal do Commercio* — Rio.



CARICATURAS DO MEZ



O homem do momento

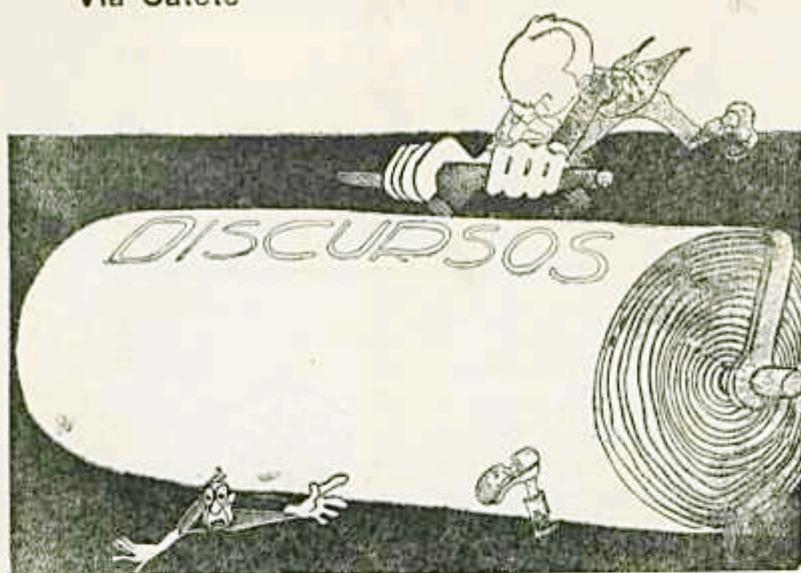


— Então, Jéca Tatú, já sei que me deste o teu votosinho, hein ?

— Quá, não sinhô. Tive maginando que não valia a pena votá em vossa senhoria. O governo é que ganha sempre, conceiêro... — (Seth — *D. Quixote* — Rio).



Via Catete



O compressor ou o rolo. — (J. CARLOS — *Carteta* — Rio).

A devoção da colonia italiana de S. Paulo



O Ruy entre as figuras da grande patria de minha Avo.
(VOLTOLINO — *D. Quixote* — Rio)

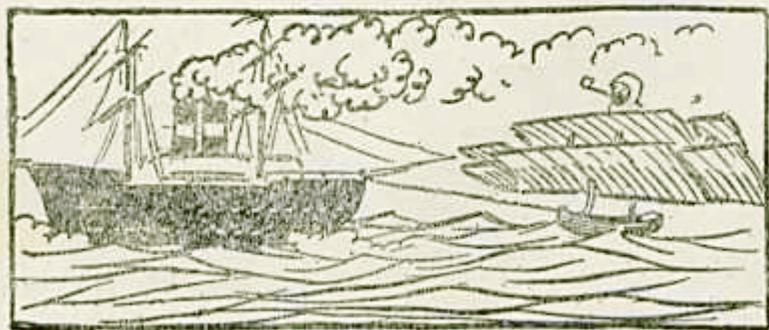


Wilson e a Paz

Em que dão as tentativas de propor a paz entre os homens...

(SETH — *D. Quixote* — Rio).

Os progressos da aviação

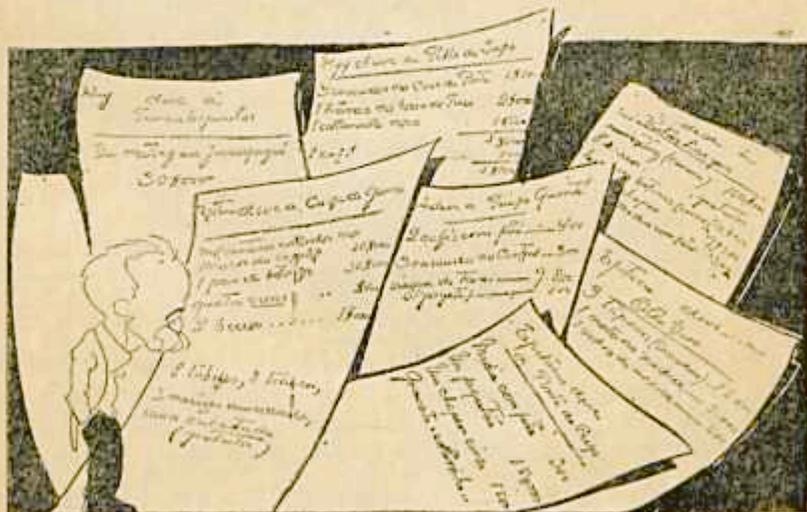


A travessia do Atlântico. — (VOLTOLINO — *Il Pasquino Coloniale* — S. Paulo)

FIUME ITALIANA



Italia — Está ahí, meu caro D. Quixote, quem paga o "pato" é Você...
(STORNI — D. Quixote — Rio).

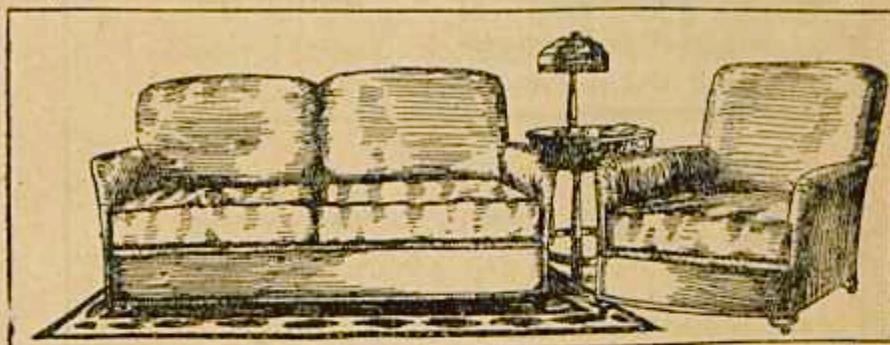


Depois das eleições — Continuam os pedidos de cédulas...
(J. CARLOS - Careta - Rio).

MAPPIN STORES
SOCIETY ANGLICA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofás e poltro-
nas dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - S. PAULO

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	<i>Chá da Índia</i>
Read Bros. Ltd., Londres	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzspies, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativo de Madeiras</i>
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	<i>Dynamite</i>
Ghatham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materias para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

Etablissements

Bloch

:: Societé

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos.

::

Fazendas
e Tecidos

Rio de Janeiro

116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

COQUELUCHE
O XAROPE DE GOMENOL

Formula de dr. Monteiro Vianna preparado da Pharmacia Sta. Cecilia de Lopes & Senna, à Rua das Palmeiras 12, é o específico que cura em poucos dias a

COQUELUCHE

A' venda em todas as drogarias e pharmacias

Depositarario: JOÃO LOPES - R. II de Agosto 35 - S. PAULO

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro
Caixa Postal, 890 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13 SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen
Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição
Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade. Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE - Louças, LIVROS e
Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

CASA EXCELSIOR

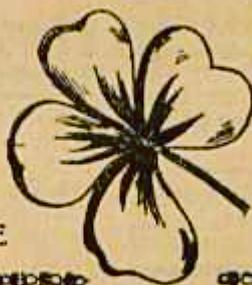
Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade
em Artigos Domesticos e artigos para Encerar :: ::

P. R. AMARAL IMPORTADOR

Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent.- S. PAULO

Phosphoros
Segurança

Marca
OS UNICOS QUE



Casa Nathan
S. Paulo

“Trevo”
SE EXPORTAM

LOTERIA DE S. PAULO

Extraordinaria loteria para S. Pedro
Sexta-feira, 27 de Junho proxlmo

200:000\$000

em 8 grandes premios de :

100:000\$000 - 50:000\$000 - 50:000\$000

Bilhete inteiro, 9\$ - fracções, \$900

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,
PLANTAS,
BOUQUETS,
DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL: LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas
Guanabara



CHACARA: Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

:: Peçam Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS FERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, foragee
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A NOSSA MARCA  RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIUM. CARNE.
 LACTO PHOSPHATO DE CAL.
 PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE GRANADO

TONICO e NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA MARCA

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinarias.

CI TA RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Urotro-
 pina, Lyeetol, Neo-Sidonal e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.º de Março, 14, 16 e 18 $\frac{1}{2}$ Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :::

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :::

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa semrival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - S. Paulo